

**REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS 2019**  
Nº 61 - OUT/DEZ



# **REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**



Nº 61

NATAL, OUTUBRO/DEZEMBRO - 2019.

## REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Fernando Gurgel

---

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

---

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.61  
(mar. 1951 -     ). - Natal: Offset Editora, 1951 -     .

Trimestral.

Número atual: 61, out./dez.2019.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de  
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

---

# SUMÁRIO

|                                                                                                                                      |          |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| <b>ARTIGOS E ENSAIOS</b>                                                                                                             | <b>9</b> |
| ACADÊMICOS SEMPRE ATUAIS - Diogenes da Cunha Lima                                                                                    | 11       |
| O TIGRE - Vicente Serejo .....                                                                                                       | 13       |
| SAMUEL RAMOS E OCTÁVIO PAZ: O CARÁTER NACIONAL MEXICANO - João Batista Pinheiro Cabral .....                                         | 23       |
| DE GÓNGORA A GARCÍA LORCA: FENOMENOLOGIA DA POESIA - Francisco Ivan.....                                                             | 33       |
| CHICO: A ARTE DE SE REDIZER SEM SE REPETIR.....                                                                                      |          |
| Nelson Patriota.....                                                                                                                 | 45       |
| ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS: 100 ANOS - Lívio Oliveira                                                                                 | 52       |
| EIDER FURTADO - Jurandyr Navarro .....                                                                                               | 56       |
| O LIVRO DE UM NATALENSE QUE NATAL NÃO LEU                                                                                            |          |
| Valério de Andrade.....                                                                                                              | 61       |
| NÍSIA FLORESTA: FEMINISTA QUANDO NEM SE FALAVA SOBRE ISSO NO BRASIL (1) - Leonam Lucas Nogueira Cunha                                | 65       |
| MARCAS DE LAÇOS AFETIVOS ENTRE A SINHÁ-MOÇA E AS ESCRAVIZADAS NO LIVRO OITEIRO (MEMÓRIAS DE UMA SINHÁ-MOÇA) - Margareth Pereira..... | 75       |
| ANTÔNIO DE SOUZA, UM BRASILEIRO ESQUECIDO                                                                                            |          |
| Thiago Gonzaga .....                                                                                                                 | 84       |
| O LEGADO CULTURAL DE LENINE PINTO                                                                                                    |          |
| Manoel Onofre Jr. ....                                                                                                               | 87       |

## NOTA SOBRE AS RAÍZES DA POESIA POTIGUAR

Horácio Paiva .....94

## SÉRGIO SAMPAIO EM NATAL: TEM QUE ACONTECER

Marcel Lúcio Matias Ribeiro & Sandoval Villaverde Monteiro ...96

“E ESSE TEMPO CHEGOU” - Sônia Maria Fernandes Faustino 105

## A MÚSICA REGIONAL E A LITERATURA DE CORDEL PRESENTES NO MUSEU DO SERTÃO

Benedito Vasconcelos Mendes. ....107

COMO SE FAZ UM SANTO? - Conego José Mário de Medeiros 109

## CONTOS E CRÔNICAS

NO MUNDO DAS ARMAS DE FOGO - Humberto Hermenegildo.....121

NO PASSADIÇO - Iaperi Araujo .....124

O CARREGADOR DE ANJOS - Clauder Arcanjo .....126

O SINISTRO DAS HORAS - Delfino Silva Neto .....133

SETE VIDAS - Cefas Carvalho.....136

UM CONTO MUITO MINI - Ruben G Nunes.....139

PALAVRAS – PALAVRAS – PALAVRAS - Elder Heronildes ...141

## HUMOR NOSSO DE CADA DIA 145

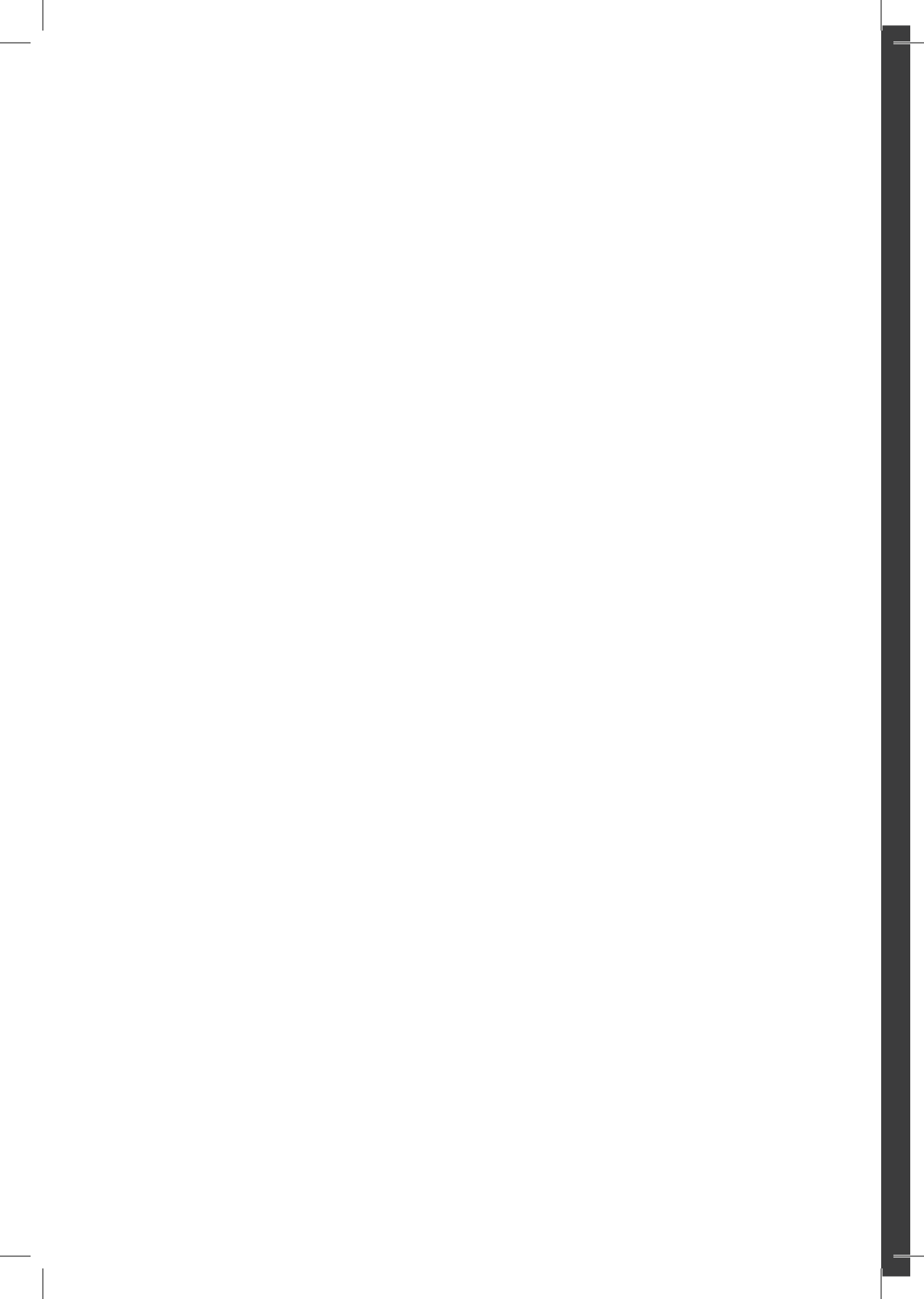
MEMÓRIA POPULAR III (FOLCLORE POLÍTICO E SOCIAL) - Valério Mesquita .....147



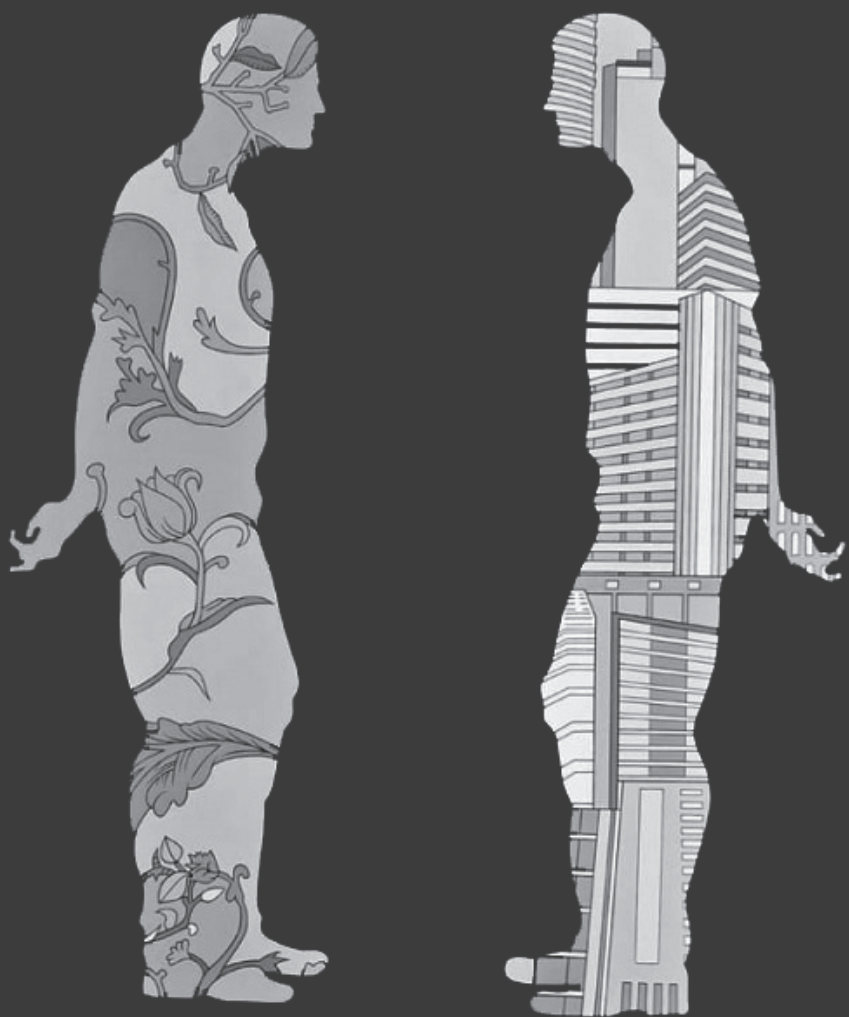
## POEMAS

|                                                                                       |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| UMA CANÇÃO PATERNA ENTRE UM POEMA DESESPERADO E UMA PAIXÃO ARTÍSTICA - Jarbas Martins | 157 |
| TROPELIAS DE VERÃO - Rizolete Fernandes.....                                          | 160 |
| ANJOS TORTOS - Marcos Campos .....                                                    | 162 |
| CINCO POEMAS BREVES DE ROBERTO LIMA.....                                              | 164 |
| O ARTISTA DA CAPA .....                                                               | 167 |





# ARTIGOS E ENSAIOS





# ACADÊMICOS SEMPRE ATUAIS

*Diogenes da Cunha Lima*

Seabra Fagundes e Mário Moacyr Porto enalteceraam a Academia Norte-rio-grandense de Letras. Eram amigos, juristas, oradores que eletrizavam plateias, atuantes na vida, intransigentes em seus princípios e convicções. Enfrentaram dificuldades com firmeza e bom humor.

Quando convidei o mestre Seabra a concorrer à vaga de nossa Academia, respondeu brincando: “Senhor, eu não sou digno”.

Foi recebido na Instituição com toda a assistência de pé e sob aplausos. Da mesma maneira que ocorreu quando fazia conferências para profissionais de Direito em São Paulo, Fortaleza e Rio de Janeiro.

A minha admiração por ele é quase veneração pela grandeza humana, valorização da nossa cidade, gestos de amizade.

Ao seu legado, a gratidão por sua extrema generosidade. Conferiu ao meu exercício profissional importância maior que o meu real merecimento. Tentou fazer-me ministro do Superior Tribunal de Justiça na vaga de advogado. Saiu pedindo votos aos conselheiros da OAB. Todos prometeram ao antigo presidente. Na véspera do pleito, telefonou dizendo-me: “você vai ter 19 votos”. Resultado: só tive 13 dos 14 que precisava para concorrer. Com isso, quem ganhou foi o Tribunal pela escolha do ministro Peçanha Martins.

Seabra teve atuação jurídica fundamental à história do Brasil. Aos 24 anos, integrou o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte e logo foi reconhecido o seu mérito.

Quando vinha a Natal visitava igrejas, cultivava amizades e, algumas vezes, visitou-me no Escritório. Um dia, disse-lhe que o seu livro consagrado “O Controle dos Atos Administrativos pelo Poder Judiciário” tinha sido essencial à nivelação fática dos três po-

deres. Ele concordou que gravasse entrevista. Esclareceu que escrevera quando em exercício no Tribunal do RN. Havia notado que todo poder era do Executivo, que concedia um pouco ao Legislativo e quase nada ao Judiciário. Então, criou um título provisório absurdo, mas que orientasse a pesquisa: “Da Supremacia do Poder Judiciário” foi o nome efêmero. Tempo depois, encontrou a solução querida. É que os outros poderes não são um poder inferior...

Na posse acadêmica, o Prof. Mário Porto fez belíssima saudação demonstrando a nobreza do novo “imortal”, inovador da teoria jurídica com a sua “A estética do Direito”. Disse que ele se distingue por sua inteligência, caráter, e por ser modesto, despretensioso, sem a empáfia característica das mediocridades bem-sucedidas.

A conclusão bem-humorada, mas de constatação de quem conhece, foi a seguinte: “Por força de uma generosa disposição estatutária, nós acadêmicos somos imortais. Vaidade, nada mais que vaidade, como diz o Eclesiastes. Para muitos de nós, a precária imortalidade que nos atribuímos não ultrapassará a missa de sétimo dia. As Academias de Letras não dão e não tiram a glória de ninguém. Mas para o novo acadêmico MIGUEL SEABRA FAGUNDES a imortalidade não é apenas uma adulação estatutária, o doce engodo de uma convenção caridosa e ingênua. Seabra Fagundes construiu uma obra imortal, acima e além da efêmera memória dos homens. Viverá na admiração dos pósteros, tanto quanto se consagrou na reverência dos contemporâneos”.

Seabra e Mário continuam atuantes através da obra e do exemplo de vida.

**DIOGENES DA CUNHA LIMA** é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



# O TIGRE

*Vicente Serejo*



*(Desenho do próprio William Blake)*

*Os tigres da era  
são mais sábios que  
os cavalos  
da instrução.*

**William Blake**

Os olhos são caçadores. E como caçam, vivem a aventura de encontrar ou não o tesouro de sua ambição.

Os olhos caçam. E porque caçam, buscam a caça como um desejo. E a caça avisa, feito fera, como no poema de Ivo Barroso:

*Ronda noturna essa  
caçada  
Que nunca cessa*

Um dia, naquela mesa da hoje morta Potylivros, na Rua Felipe Camarão, bem ali, pelos começos dos anos noventa, ouvi o poeta Luís Carlos Guimarães lendo o poema *O Tigre*, de William Blake. Encantado, iluminando as palavras com seus olhos claros e suas bochechas rosadas, na moldura do seu rosto calmo, escondido por trás da barba branca.

E escandia cada sílaba como se estivesse compondo os versos de um poema seu. Cada palavra era uma celebração de gosto e prazer. Pouco a pouco. Sem pressa. Soprava vida com sua voz grave, como se seguisse os ritmos e as metáforas de um tigre de verdade a caminhar sobre os vastos campos da selva da alma.

Seria o poeta, naquela hora de vivo encantamento, um velho caçador de versos como se fossem tigres, numa caçada também virtual, como no poema de Ivo Barroso?

Lembro. Estávamos todos à mesa.

Luiz Carlos tinha nas mãos *O Tórso e o Gato*, livro no qual Ivo Barroso reuniu as suas traduções que chamou *o melhor da poesia universal*. E lá, a partir da página 75, estão traduzidos três poemas de William Blake. O terceiro e último é *O Tigre*. Transcrevo na íntegra sua bela tradução:

## *O Tigre*

*Tigre! Tigre! Tocha tesa  
Na selva da noite acesa,  
Que mão de imortal mestria,  
Traçou sua simetria?*

*Em que abismos ou que céus  
O fogo há dos olhos teus?  
Em que asas se inspira a trama  
Da mão que te deu tal chama?*

*Que artes ou forças tamanhas  
Entrançaram-te as entranhas?  
E ao bater teu coração,  
Pés de horror? De horror a mão?  
Que malho foi? Que limalha?  
De teu cérebro a fornalha?  
Qual bigorna? Que tenazes  
No terror mortal que trazes?*

*Quando os astros dispararam  
Seus raios e os céus choraram,  
Riu-se ao ver sua obra quem  
Fez a ovelha e a ti também?*



*Tigre! Tigre! Tocha acesa  
Na selva da noite acesa,  
Que mão de imortal mestria  
Traçou sua simetria?*

Foi uma descoberta para quem não conhecia a poesia de Blake. Dali pra frente, sem ter outro motivo que não fosse a própria descoberta, ainda que tardia, me fiz caçador. E passei a perseguir o tigre. A seguir os seus passos que pareciam arder em chamas nas retinas.

Não descobri tanto, que o raso dos olhos não permite. Mas fui indo, indo, sem pressa e sem demora, entrando na selva para uma caçada que dura até hoje. Não para abater o tigre, mas para caçá-lo, se é possível tê-lo na selva das afeições poéticas.

Quem apresenta a antologia de poemas selecionados por Ivo Barroso é Antônio Houaiss que, numa frase, flagra os dois sentidos do livro:

*-Uma antologia como esta é um evento de amor e de honra.*

Na verdade, o título, que parece estranho, tem uma ambiguidade que Ivo Barroso soube capturar na beleza da plenitude erudita. A primeira parte - o Torso - ele vai buscar no soneto de Rainer Maria Rilke - *Torso Arcaico de Apolo*. O gato? É o gato de um dos versos do poema *O Velho Deuteronômio*, e T. S. Eliot tem vários gatos na sua poesia. No primeiro poema da antologia, Eliot brinca com a velhice do Deuteronômio. Compara a um gato. Assim:

*O Velho Deuteronômio teve uma longa existência;  
Foi um gato que viveu sete vidas sucessivas.*

*O Torso e o Gato* reúne a poesia de trinta poetas representados por um ou mais poemas. William Shakespeare o mais representado deles, com cinco. E segundo Houaiss, vai da Renascença até a contemporaneidade. Ou como quer Barroso: da poesia contemplativa de estilo arcaico ao bom humor de Eliot.

Confessa, ainda, o tradutor - que também é um grande poeta - que no mais das vezes suas traduções nascem de meros exercícios de desafios pessoais, *ou apenas por amor*.

### **A caça**

Saí da livraria levando um exemplar de *O Torso e o Gato*, edição Recórd, Rio, 1991, com a capa ocre de Pinky Wainer.

E comecei a caçada, levando o livro no alforje como se fosse o mapa de um tesouro.

Logo descobri que *O Tigre*, na tradução de Barroso, não era a primeira aparição da fera na *selva da noite acesa*. Nem estranhamente fizera parte do elenco da antologia *Poetas de Inglaterra*, de Péricles Eugênio da Silva Ramos e Paulo Vizioli, edição da Comissão Estadual de Literatura - Coleção Textos Acadêmicos, São Paulo, 1970. Mas, consta da pequena seleção de poemas traduzidos pelo próprio Paulo Vizioli - *William Blake, poesia e prosa selecionados* - edição de J. C. Ismael, SP, 1984. Vizioli, certamente ainda desconhecia a tradução de Barroso, posterior e distante seis anos. E começa assim:

Tigre, tigre, flamante fulgor  
Nas florestas de denso negror,  
Que olho mortal, que mão poderia  
Te moldar a feroz simetria?



Blake nunca passou sem ser visto por bons olhos aqui no Brasil. Em 1956, há sessenta e três anos, *As Núpcias do Céu e do Inferno* merece edição especial da Civilização Brasileira, série Philobiblion, Coleção Maldoror, impressão manual, Rio, tradução de Oswaldino Marques e ilustrações do próprio Blake. Uma edição de trezentos exemplares feita para bibliófilos.

Em 1963, Jorge de Sena, como parte da série *Roteiro das Grandes Literaturas*, escreve um dos maiores e mais eruditos ensaios de sua época - *A Literatura Inglesa*, e publica pela editora Cultrix, SP. Revela para os brasileiros um Blake para quem o Deus da religiosidade corrente era, maniqueisticamente, o próprio Diabo.

Treze anos depois, em 1976, o crítico Eugênio Gomes analisa as influências inglesas em Machado de Assis. Vai encontrar essas influências em Shakespeare, Swift, Fielding, Sterne, Lamp, Thackeray e Dickens. Menos em Blake. O que não convence a Ivo Barroso que em *O Casamento do Céu e do Inferno*, de Blake, encontra *uma curiosa coincidência* - a afirmação é de Barroso - reconhecendo que Machado *nunca ouvira falar de William Blake quando publicou suas Phalenas, em 1870*. Barroso compara dois pequenos poemas, um de Blake - *The Sick Rose* - e outro de Machado, ambos estruturados em quadras com os mesmos elementos: *invisível em Blake e asqueroso em Machado, verme que busca e acha a rosa/flor*.

Voltemos à caçada.

Em 1972, na edição original de *Poliedro*, do poeta Murilo Mendes, parece clara toda a força de O tigre. Murilo faz onze anotações sobre o tigre, e abre citando Paul Valéry:

- O Tigre, segundo Valéry, é um fato grandioso, uma vera instituição, um poder organizadíssimo, uma espécie de razão de estado, de monarquia totalitária; o animal absoluto. Por estes e outros motivos afins já se vê que le tigre ce n'est pas moi.

Mas, na terceira anotação, cita Blake. E vai fundo:

*- William Blake maravilha-se com razão, perguntando-se que olho imortal ousou a terrível simetria do tigre; e se o tigre poderia agradecer ao próprio Deus que criou o cordeiro.*

A leitura mais feroz vem no arrojo da tradução-transcrição de Augusto de Campos. Para a professora Susanna Bursato, Campos não só mantém a tessitura de *uma linguagem em estado felino*, como sabe que O Tigre - *na força de suas linhas e de suas formas* - é uma *figura demoníaca que entranha a linguagem e que provoca o olhar daquele que se projeta nessa imagem, numa busca de desvendar o mistério das coisas*. Afinal, para a professora, O Tigre, de Blake, é a *alegoria do próprio mistério*.

Campos grafa com ípsolon Tygre e Symmetrya, e rosna nos olhos do leitor:

Tygre! Tygre! Brilho, brasa  
Que a furna noturna abrasa,  
Que olho ou mão armaria  
*Tua feroz symmetrya?*

### **As espreitas**

São muitos os olhares sobre *O Tigre*. E eruditos. Um dos mais antigos é lançado por Georges Bataille, em *A Literatura e o Mal*, 1957, França, edição Gallimard, traduzido para o português de Portugal, editora Ulisseia, e só depois no Brasil - L&PM, 1989, além de edições subsequentes em anos seguintes, e por mais de uma editora.

Bataille, no capítulo destinado ao poeta inglês, afirma que a vida de Blake *foi talvez banal; foi regular e sem aventuras*. Mas, ao



mesmo tempo, ele escapa aos limites comuns da vida. Para o grande intelectual francês, seus escritos e pinturas, inclusive *O Tigre*, na poesia e no desenho, têm um caráter de desequilíbrio. *Espantam pela sua indiferença quanto às regras comuns*. Blake - considera Bataille - não era um louco, mas um visionário.

É dele, de Bataille:

*Muitos outros desceram tão fundo no abismo do inconsciente, mas não voltaram. E depois: O autêntico poeta está no mundo como uma criança. Não é à toa, segundo o próprio Bataille, a merecer que sua mitologia fosse interpretada pela psicanálise de Jung.*

Outra espreita é de Harold Bloon, em *Poesia e Repressão, o revisionismo de Blake a Stevens*, originalmente publicado pela Universidade de Yale, em 1976, e traduzido no Brasil, em 1994, pela Imago. Bloon analisa dois poemas de Blake: *Londres* e *O Tigre*. Ele afirma que Blake foi legitimado no cânone secular. E pergunta: *Como devemos ler estes dois poemas líricos revisionários, que Blake destinou à canonização e que fazem mesmo parte, hoje, do cânone da poesia britânica?* E explica: *Londres é um texto revisionário do profeta Ezequiel; O Tigre é um texto revisionário do Livro de Jó e também do Paraíso Perdido. O Tigre*, analisa Bloon, tem um análogo bastante exato no tigre nietzschiano, um grande tigre desconstrutor, num texto curioso chamado *Sobre a verdade e a mentira num sentido extra-moral*. A rigor, e a citação é outra vez a partir de Nietzsche, *o tigre é a mortalidade do homem*. E acrescenta: *O Tigre que será e que é a nossa própria morte - uma incorporação metafórica da insuportável verdade. E mais: o princípio do prazer e da morte são, afinal, um só. E arremata: O princípio fundamental para se ler O Tigre é compreender que é um poema lírico dramático em que Blake não é, e não pode ser, o locutor. O Tigre é um monólogo sublime ou hiperbólico, com pouco movimento em seus tropos e imagens.*

Em *Gregos & Troianos, Brasiliense, SP, 1985*, o poeta e crítico José Paulo Paes, conta no capítulo *Frankenstein e o Tigre*, que uma noite em que - *para distrair a insônia* - tentava traduzir o poema *O*

*Tigre*, percebeu que o poema estava relacionado com o romance *Tiger! Tiger!*, ficção científica de Alfred Bester. Menos ousado do que Augusto de Campos, começa sua tradução da primeira quadra assim:

*Tygre, Tygre, viva chama  
Que as florestas de noite inflama,  
Que olho ou mão imortal podia  
Traçar-te a horrível simetria?*

Segundo Paes, O Tigre é peça de inclusão obrigatória nas antologias inglesas de poesia inglesa, a qual tem em William Blake uma de suas vozes mais altas. Não renega o trágico: *Todavia, enquanto viveu, foi ele considerado um maluco pitoresco e inofensivo que dizia receber visita de anjos e profetas em sua própria casa, onde também conversava familiarmente com os espíritos de Milton e Shakespeare, e em cujo jardim um amigo o encontrou, certa feita, a ele e à esposa, recitando em idílica nudez, trechos do Paraíso Perdido.*

No seu ensaio *Religião sem Deus*, de Ronald Dworkin, titular da cadeira de filosofia na Universidade de Nova Iorque, a respeito da beleza da simetria que ele identifica no poema *O Tigre*, cita Anthony Zee no livro sobre a beleza do mundo físico fundamental, o que chama de *a feroz simetria* de Blake. E afirma Dworkin, concordando com Zee: É verdade, sem dúvida, que a simetria nos parece agradável aos olhos, e que boa parte das coisas que declaramos bonitas, do Taj Mahal ao rosto de Angelina Jolie, exibe uma simetria clássica e atraente.

No Brasil, não se pode esquecer a citação de Claudio Willer no seu erudito ensaio *Um Obscuro Encanto, gnose, gnosticismo e poesia moderna, Civilização Brasileira, Rio, 2010*. Transcreve a íntegra do poema de Blake, na tradução de Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves, e consagra o olhar de Northrop Frye quando eleva a grandeza de *O Tigre ao patamar das coisas canônicas* por sua *temível simetria*.

Por fim, agora que a conversa estirou-se como um tigre a saltar n selva inerte destas páginas, registre-se a espreita de Maria Esther Maciel, titular de teoria literária da Universidade Federal de Minas Gerais, em *Literatura e Animalidade*, Civilização Brasileira, Rio, 2016, quando afirma:

*- Se o animal é o estranho que nós, humanos, tentamos agarrar e que quase sempre nos escapa, ele também é o nosso duplo.*

E logo depois:

*E a poesia... é também o lugar, por excelência, para que a animalidade se manifeste enquanto imagem e inscrição, ainda que provisórias.*

Talvez Georges Bataille, Derrida e Coetzee tenham razão: se a poesia pode nos levar ao não sabido, ela pode nos levar também ao mundo incógnito da animalidade.

O poema *O Tigre* faz parte do livro *Canções de Inocência e de Experiência*, ilustrado pelo próprio autor, com várias edições, algumas muito bem cuidadas, em Portugal e no Brasil.

William Blake foi poeta, tipógrafo e pintor. Nasceu em Soho, Londres, em 1757, e fechou os olhos para sempre na mesma Londres, em 1827, aos 70 anos.

A caçada acabou.

Agora é bom repetir Mário de Andrade ao fechar a rapsódia de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter:

*- Tem mais não.*

**Este texto, de natureza jornalística, e, portanto, apenas informativo, é uma homenagem ao poeta Luís Carlos Guimarães, neste julho de 2019. Nos 18 anos de sua morte, na noite de primeiro de julho de 2001, e sepultado na selva cultural desta cidade Natal, aos 67 anos.**

**VICENTE SEREJO** é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de *Cena Urbana*, *Cartas da Redinha* e *Canção da Noite Lilás*.

# SAMUEL RAMOS E OCTÁVIO PAZ

## O CARÁTER NACIONAL MEXICANO

*João Batista Pinheiro Cabral*

### RESUMO

*O estudo procura, a partir de uma leitura crítica das obras dos pensadores mexicanos, Samuel RAMOS (El perfil del hombre y la cultura en Mexico) e Octávio PAZ (El labirinto de la soledad), explicar a alma, a verdadeira essência do caráter do homem mexicano. Os trabalhos analisados apresentam o México como uma nação jovem, imatura e espoliada continuamente, que vive e sofre as angústias peculiares a essa condição, e tecem profundas considerações a respeito dos reflexos que esses fatores projetam sobre cada mexicano e sobre a nação.*

*Os dois eruditos descrevem, com igual vigor e propriedade, como o homem mexicano, ao procurar saber quem é e como é, acaba revelando os traços de seu verdadeiro caráter, seus complexos, frustrações e vulnerabilidades históricas.*

Dentre os autores que se propõem a oferecer explicações sobre a essência do caráter nacional mexicano destacam-se, pela seriedade das respectivas obras, Samuel RAMOS e Octávio PAZ. Escritores consagrados, os dois eruditos mexicanos debruçaram-se, em seus mais significativos trabalhos, sobre o problema da alma, da essência e do verdadeiro caráter do homem mexicano.

Refiro-me aos trabalhos El perfil del hombre y la cultura en Mexico ( 1934 ), de Samuel RAMOS, e El labirinto de la soledad ( 1950 ), de Octávio PAZ, ambos com várias edições em Espanhol e traduzidos para alguns outros idiomas.

A ideia central da obra de Samuel RAMOS é que o mexicano percebe, vê e sente o mundo por uma perspectiva ímpar, resultante de sua posição excepcional nesse mesmo mundo. Essa ideia resume

o conteúdo da filosofia esposada por Samuel RAMOS ao tecer seus comentários sobre a essência do caráter mexicano.

À primeira vista, essa ideia pode parecer uma incoerência com o título da obra, pois sugere que o autor não somente descobriu o ponto de partida do pensamento mexicano, mas que encontrou, também, um meio de revelar ao México e ao mundo suas ideias peculiares a respeito da mentalidade mexicana.

Além do mais, o tema central da obra implica em universalidade, no alargamento de perspectiva, o que pode, novamente, parecer uma contradição em relação à ênfase nacionalista implícita no título. Mesmo considerando essas implicações como válidas, o leitor da obra de Samuel RAMOS logo percebe que ele se preocupa mais com a formulação de perguntas e indagações do que com suas respostas; e que seu principal objetivo não é explicar uma cultura mexicana isolada, mas sim induzir os seus concidadãos a criarem uma cultura autêntica, distinta, diferente, no contexto do sistema mundial de cultura.

O autor inicia seu estudo com uma breve síntese da história do México, pois acredita que a interpretação do passado é indispensável para uma adequada e completa compreensão do presente, bem como para obtenção de uma perspectiva nítida do futuro. Todavia, sua análise histórica não se constrói a partir de fatos e dados cientificamente comprovados. Representa, antes, uma exposição de alguns fatores e temas, os quais, em sua opinião, contribuíram para a formação da psicologia do mexicano. Um desses fatores, a que ele se refere repetidas vezes ao explicar suas teorias, é a servitude colonial. A Nova Espanha foi constituída com base em princípios autoritários impostos pelos Conquistadores, pela Igreja Católica e pela elite proprietária de terras, e isso provocou – primeiro na população indígena e depois na população crioula – um sentimento de desdém pelo trabalho e uma profunda letargia física e espiritual.

Outro fator apontado é a rigidez da sociedade de castas das populações indígenas, que gerou nesse segmento da população me-



xicana um sentimento de desconfiança e rejeição às mudanças e inovações, percepção essa que perdura até hoje em sua alma.

Outros temas discutidos por Samuel RAMOS incluem fatores relacionados com traumas nacionais, ocorridos após a independência, como por exemplo as guerras civis endêmicas durante o século XIX, guerras essas que impediram o desenvolvimento de uma sociedade estável e politicamente bem estruturada.

Esses fatores, que na opinião do autor, poderiam ser superados pelas forças vivas da nação, tornaram-se complicados e permanentes, devido à posição do México no mundo ocidental. Citando Alfonso REYES, um conhecido literato e diplomata mexicano, Samuel RAMOS afirma que o México – como nação – chegou ao banquete quando a mesa já estava posta, servida e com os lugares marcados. Achando-se nessa situação, prossegue RAMOS, a elite nacional inclinou-se a imitar os costumes e ideias dos europeus, especialmente dos franceses, pois existia um certo grau de afinidade latina entre a elite crioula mexicana e a sociedade francesa. Essa cega imitação serviu somente para agravar ainda mais os problemas fundamentais já existentes no seio da sociedade, afirma Samuel RAMOS. A imitação da França, que era superficial, pois era praticada só pela elite, parcela ínfima do país, baseava-se em mera ficção, dadas as condições existentes no México, que diferiam totalmente das prevalentes na França. Como resultado dessa trágica encenação, a nação mexicana foi forçada a levar uma dupla existência: tinha que coexistir com a dura realidade das contradições nacionais e, ao mesmo tempo, custear e manter a farsa da imitação encenada pela elite nacional. Como o México não era – e jamais poderia ser – França, prossegue Samuel RAMOS, essa fase da vida nacional resultou em frustração e fracasso. Isto gerou, segundo RAMOS, o processo de autodepreciação, que ele procura explicar, usando termos e teorias psicológicas, especialmente as teorias de ADLER.

Infelizmente, prossegue RAMOS, o México, à época, não foi capaz de identificar a verdadeira causa desse fracasso, isto é, a im-



possibilidade de uma nação adotar e viver de acordo com modelos e maneiras transplantadas de outra. Ao contrário, o México passou a culpar-se a si mesmo, a questionar seu valor, sentindo-se fútil. Samuel RAMOS denomina essa fase de “círculo vicioso”, de vez que essa autoincriminação levou o país a uma dependência ainda mais perniciosa ao procurar seguir o exemplo de outras nações momentaneamente consideradas “superiores” ou “mais adiantadas” do que a França. Isso, evidentemente, levou o México a amargar novos fracassos e a uma perda ainda mais acentuada do respeito próprio. Nessas circunstâncias, a nação foi levada a não querer imitar outros países, mas a voltar-se para dentro de si, passando a experimentar uma formidável vibração nacionalista, nacionalismo esse baseado no sentimento anti-europeu e anti-americano. Esse nacionalismo exacerbado, emocional, criou expectativas exageradas, que não puderam materializar-se, pois eram irrealistas, e acabou por provocar novas frustrações na alma mexicana. Samuel RAMOS, resumidamente, procura explorar a psicologia do mexicano como ela se manifesta em três tipos de segmentos sociais: o *pelado*, o tipo urbano e a burguesia. Fascina-se com o *pelado*, porque este, ao contrário dos dois outros segmentos, é mais aberto e deixa facilmente transparecer suas emoções, seus valores e seus sentimentos de inferioridade.

Longe de preocupar-se apenas em criticar, RAMOS propõe algumas soluções para o problema do complexo de inferioridade. A maior parte de seu livro procura enfatizar a necessidade do mexicano de conhecer-se a si mesmo, sua alma, sua mente, e em demonstrar que é possível atingir-se esse objetivo. Somente por se descobrirem, por conhecerem a alma nacional, poderão os indivíduos ( e o país como um todo ), promover a transformação de sua sociedade. Os erros do passado são, acha Samuel RAMOS, resultantes da imaturidade; o sucesso e autoconfiança advirão, somente, com o exercício da sabedoria e a acumulação de experiência.

A estrutura do trabalho de Samuel RAMOS é cuidadosamente planejada. Há partes que não parecem ser complementares às outras, dando a aparência de se constituírem em ensaios inde-

pendentes, que poderiam ser publicados separadamente. O autor chega a parecer, às vezes, quase repetitivo, mas tudo isso é feito de propósitos, pois ajuda a reforçar seus argumentos e impede que o leitor perca de vista seu tema central. A brevidade e graça de alguns ensaios em muito auxiliam a fixar a atenção do leitor ao tema central da obra.

A maior dificuldade para os que leem Samuel RAMOS pela primeira vez é o problema da semântica, pois ele raramente define seus termos com precisão. Tal fato acontece exatamente com um dos conceitos básicos do texto, ou seja, o termo “cultura”, várias vezes empregado na obra, mas nunca definido com precisão e clareza. No princípio do livro, RAMOS declara-se incapaz de afirmar se o México realmente possui uma cultura, mas ao longo da obra, constantemente refere-se à “cultura que o México assimilou da Espanha”, à “cultura que o México adotou da França”, à “cultura crioula” (que parece ser uma espécie de mistura das duas anteriores) e, no prólogo, chega mesmo a referir-se à “cultura mexicana”. Assim, em vez de propor a criação de uma cultura mexicana, talvez fosse mais apropriado sugerir o seu desenvolvimento ou, até mesmo, sua mexicanização, que parece ser objetivo encetado pelo autor.

Em poucas palavras, a propósito do trabalho de Samuel RAMOS, pode-se afirmar que ele representa o desejo do autor de que os mexicanos se tornem criadores, fomentadores, aperfeiçoadores, admiradores e consumidores de sua própria cultura, e que por meio dela possam ordenar sua própria existência e compreenderem o seu papel no mundo. Essa cultura, mesmo contendo elementos europeus, deve emanar da alma do povo mexicano, que sentirá, instintivamente, quando sua cultura realmente vier a expressar sua verdadeira personalidade, sua alma.

*El labirinto de la soledad* representa uma complexa exposição de atentas e profundas especulações acerca da natureza humana, em geral, e do homem mexicano, em particular. A referida obra de Octávio PAZ, como o próprio título indica, é um verdadeiro

labirinto. Nos seus meandros, tanto o leitor quanto a mensagem do livro podem perder-se no emaranhado de suas contradições emocionais e na monumental e diversificada amplitude de seu universo. A obra se constitui em algo fascinante. É uma espécie de continuação não intencional do trabalho de Samuel RAMOS acima comentado. Nela o autor procura respostas para as intrigantes questões que ele mesmo formula.

Octávio PAZ começa procurando explicar a posição que o México ocupa no mundo moderno. Como um adolescente fica suspenso entre a infância e a idade adulta, e constantemente se pergunta “quem sou eu”, e “como posso melhor expressar a realidade do meu ser”, assim procede o mexicano. Neste ponto Octávio PAZ e Samuel RAMOS têm ideias coincidentes. Ambos consideram o México uma nação jovem, imatura, que sofre as angústias próprias da juventude e da inexperiência, angústias essas que somente o tempo e a maturidade poderão sanar. Entretanto, Octávio PAZ acha que as indagações que o mexicano precisa perguntar-se devem ser mais profundas, pois a ele cabe a responsabilidade de determinar como realizar-se no sentido mais amplo do termo. O autor reconhece que não se pode esperar tal responsabilidade de todos os segmentos da população. Acha que somente uma parcela iria dar-se ao trabalho de questionar-se tão profundamente. Para a maioria será sempre mais fácil (e mais conveniente) meramente existir, do que desafiar as circunstâncias dessa existência. Entretanto, para a minoria intelectual que se dispuser ao trabalho de iniciar a busca da própria identidade, os frutos do esforço serão infinitamente gratificantes.

O autor declara que muitas de suas ideias apresentadas no livro são resultantes de profundas reflexões durante o período que passou nos Estados Unidos. Ele se apressa em assegurar ao leitor que as circunstâncias dessas reflexões lhe propiciaram uma percepção dos problemas mexicanos que não teriam sido percebidos em nenhum outro lugar. É na vaga e quase indefinível atmosfera cultural de Los Angeles, entre os inseguros *pachucos*, que ele percebe e compreende a incerteza e a fragilidade existencial de seus con-

cidadãos. É exatamente nos extremismos e nas reações exageradas do *pachuco*, dividido entre sua herança mexicana e sua adoção da maneira anglo-saxônica de viver, que o autor vislumbra o verdadeiro mexicano. Há, evidentemente, graduais diferenças entre o *pachuco* e o mexicano refletidas nas respectivas angústias, mas os problemas de identidade são, basicamente, os mesmos. Esses problemas, já identificados acima, são: “quem sou eu” e “como posso melhor expressar a realidade do meu ser”.

Para Octávio PAZ, todos os homens, independente de origem nacional, são seres solitários. São afetados pelo isolacionismo e pela solidão. Não se deveria esperar que assim não fossem, pois, no íntimo, os homens são isolados, diferentes uns dos outros. Indivíduo algum jamais poderá ver e perceber tudo que outro vê e percebe, ou ouvir os mesmos sons. Cada indivíduo percebe seu mundo de modo peculiar, próprio, e o interpreta de acordo com sua personalidade e com sua experiência. Essas ideias são consoantes com as de Samuel RAMOS, para quem cada país contribui com suas próprias crenças, costumes e preferências para a cultura mundial, universal. A diferença entre os dois é que Samuel RAMOS vê o todo e Octávio PAZ enxerga cada minúscula partícula desse todo.

Octávio PAZ preocupa-se, também, em esclarecer que a solidão da alma mexicana é diferente das demais solidões. Os Estados Unidos, para ele, criaram sua própria realidade e desejam utilizá-la para seu proveito próprio; o México, ao contrário, herdou um mundo o qual, misticamente, contempla à distância. Os Estados Unidos reagem ativamente e de modo prático a estímulos externos; o México reage contemplativa e passivamente. Assim, enquanto cada um sente uma certa separação do ambiente e dos outros seres humanos que o cercam, cada um enfrenta essa separação ou distanciamento de modo diferente.

O mexicano demonstra ser conformado com a realidade das coisas e das situações. No seu interior, na sua alma, não parece existir o desejo de mudá-las, de alterá-las ou de criar novas realidades.



Mesmo assim, Octávio PAZ demonstra alimentar esperanças que o *otro hombre*, o outro ego, que existe dentro de cada mexicano, possa um dia ser despertado para a construção de uma nova realidade nacional. Este pensamento remete o leitor às ideias de Samuel RAMOS a respeito da *alma mexicana*. Entretanto, cumpre salientar que, enquanto RAMOS vê o mexicano como produto de sua nação, que ocupa uma posição sem par entre as demais nações do mundo, PAZ vê o mexicano apenas como ser humano, não muito diferente dos demais, independentemente de sua localização geográfica.

A revelação do ego interior, porém, envolve grandes riscos. Samuel RAMOS acha que o complexo de inferioridade levou os mexicanos a imitarem outros povos e outras culturas. Octávio PAZ vai ainda além. Para ele, a imitação é apenas uma máscara, ou um disfarce, para esconder o ego interior do mexicano. Revelar-se significa vulnerabilidade, significa fraqueza. O mexicano sente-se compelido a exteriorizar sua masculinidade e força, construindo com isso paredes de defesa por trás das quais esconde suas fragilidades estruturais, não somente diante dos outros mas igualmente diante de si mesmo. Com o tempo, a forma exterior (a imitação) cria substância e o fingimento adquire contornos de verdade. A consequência é que o indivíduo chega a suprimir não somente o seu ego interior mas, também, o dos outros. É assim que Octávio PAZ fala das festas mexicanas. É por ocasião delas que surge, por breves momentos, a oportunidade de o mexicano expressar-se com toda autenticidade, o que lhe é impossível em situações normais. As festas proporcionam ensejo para expressões de vigor, de independência, que fazem desaparecer, por um momento, o medo e o complexo de inferioridade. Em verdade, as festas se transformam em simulacro da realidade. O mexicano perde o receio, se “solta”, não raramente, de forma violenta e desordenada num ato de autonegação do seu ego. A festa é uma combinação de alegria e tristeza, de vida e morte. Esta dicotomia está sempre presente na vida do mexicano, pois este, lembra Octávio PAZ, mesmo no desabrochar da existência é fascinado pela ideia da morte. Sente, simultaneamente, medo e esperança; interesse e in-



diferença. Assim, prossegue PAZ, seus conflitos interiores refletem sua insegurança básica e as incertezas que o afligem.

A história do México, como Octávio Paz muito bem salienta, é a história do próprio mexicano, pois esta é pontilhada das mesmas inseguranças e contradições básicas. Ele descreve os períodos da Conquista e da Colonização e, em seguida, examina a Independência, a Reforma e a Revolução. Todos esses momentos refletem a ânsia da busca da identidade, a procura do verdadeiro ego interior. Manifestam-se os conflitos entre as heranças índia e espanhola, o problema da verdadeira origem do mexicano, a influência de outros povos e culturas europeias e, *last but not least*, os problemas com os Estados Unidos. Finalmente, frisa PAZ, há uma auto-rejeição e a tentativa do mexicano em parecer algo que ele realmente não é.

Octávio PAZ é também fascinado pelo período da Revolução que, para ele, representou o verdadeiro divisor d'águas na história de seu país. Foi durante a Revolução que o mexicano se viu forçado a encarar seus concidadãos e contemplar-se a si mesmo em seu verdadeiro estado, isto é, seu ego interior. Mas o que se segue à Revolução?, indaga RAMOS. Advirá a tradicional rejeição e imitação das sociedades tidas como “superiores”, ou haverá a aceitação do mexicano pelo mexicano como ele realmente é? Se houver aceitação, haverá oportunidade para geração de um processo de mudança no México e no Mundo. É uma escolha que o México inexoravelmente tem que fazer: educar, criar, tomar a iniciativa, ou permanecer abúlico, inerte, esperando que alguém escolha em seu lugar. Noutras palavras, a questão é escolher ou ser escolhido.

Em sua análise do caráter nacional mexicano, Octávio PAZ é mais laborioso e mais completo do que Samuel RAMOS. Investiga as ideias e os princípios filosóficos de José VASCONCELOS, o grande pensador e escritor mexicano, autor de trabalhos fundamentais como, por exemplo, *La raza cósmica e Indologia*, ambos dedicados ao estudo da cultura latino-americana; e de Alfonso REYES, autor de estudos consagrados ao mesmo assunto. No afã de apresen-

tar uma interpretação substancial, Octávio PAZ recorre, com bastante competência, aos seus vastos conhecimentos da história de seu país. A análise histórica que inclui em sua obra, ao contrário do que aconteceu com Samuel RAMOS, é um instrumento extremamente eficiente na sua tentativa de explicar a essência do caráter nacional mexicano, que ele esboça no início da obra, e ilustra, frequentemente, com exemplos históricos, tal como a dicotomia vida/morte da personalidade mexicana, refletida na simbologia das festas e do dia de finados. Didaticamente, Octávio PAZ é também mais completo. Preocupa-se, ao fim de cada parte do livro, em apresentar um resumo das ideias principais dessas partes, a fim de que o leitor, por falta de familiaridade com o complexo universo do mexicano, não se sinta confundido.

Octávio PAZ e Samuel RAMOS nas obras aqui brevemente comentadas procuraram desvendar a alma de seus concidadãos. Entretanto, suas obras falam, com igual vigor e propriedade, a qualquer nação ou a qualquer indivíduo que busque encontrar o seu ego interior, que procure encontrar-se a si mesmo. Esses dois eruditos mexicanos, pela contribuição que legaram aos mexicanos, aos latino-americanos e aos demais povos merecem, com justiça, ser classificados, como escritores universais, cujas almas e obras pertencem a todos os povos e a todas as gerações.

**JOÃO BATISTA PINHEIRO CABRAL** é escritor e Professor Emérito da Universidade de Brasília, UnB. Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.



# DE GÓNGORA A GARCÍA LORCA

## FENOMENOLOGIA DA POESIA

*Francisco Ivan*

García Lorca, que viveu entre 1898-1936 e assistiu a tantas coisas, assistiu, também, à tragédia da Espanha assassinada e massacrada pelas ideologias autoritárias de seu tempo. Tendo sido Ele-mesmo um dos personagens principais dessa tragédia, acabando assassinado pela guarda civil de Franco. (No Brasil, Carlos Drummond de Andrade reacendeu nossa memória ao relembrar essa tragédia, em *Novas Poesias* com o poema intitulado: *A Federico García Lorca*; e aqui recito:

Sobre teu corpo, que há dez anos  
se vem transfundindo em cravos  
de rubra cor espanhola,  
aqui estou para depositar  
vergonha e lágrimas.

Vergonha de há tanto tempo  
viveres — se morte é vida —  
sob o chão onde esporas tinem  
e calam a mais fina grama  
e o pensamento mais fino  
de amor, de justiça e paz.



Lágrimas de corpo orvalhado,  
não de mágoa desiludida,  
lágrimas que tão-só destilam  
desejo e ânsia e certeza  
de que o dia amanhecerá.  
(Amanhecerá.)

Esse claro dia espanhol,  
composto na treva de hoje,  
sobre teu túmulo há de abrir-se,  
mostrando gloriosamente  
— ao canto multiplicado  
de guitarra, gitano e galo  
que para sempre viverão  
os poetas martirizados.

García Lorca nasceu em Fuente Vaqueros, Granada/Espanha, em 1898 e, em 1936, foi assassinado nessa mesma Espanha; um grupo autoritário de guardas fardados (falange?) o atacou; seu corpo nunca foi encontrado, provavelmente, foi jogado/atirado em uma vala comum, prática normal no então regime autoritário. Quem sabe? Dizem. Boatos, boatos, boatos. Para nunca mais! O resto é silêncio! Lorca denunciou, em seus versos, esse terrível espetáculo! Por isso a tragédia de que foi vítima. Era sensível à realidade de Espanha e de seu povo; era um poeta sensível à tradição da Poesia de Don Luís de Góngora, de onde procurava extrair folhas de ouro, ouro barroco, de sua poesia; um poeta filiado à sua latinidade e, claramente, defensor da tradição do povo espanhol; poeta que, tão



belamente, reapresentou Góngora no cenário moderno da poesia; cantou e decantou Don Luís de Góngora no encanto de sua poesia. Saboreava seu idioma, suas palavras; escreveu e delirou com a imagem da poesia de Góngora. Não se calou diante do espetáculo trágico que presenciou, em seu tempo e sobre isto expressou-se dizendo<sup>1</sup>: “... Sou irmão de todos, e execro aquele que se sacrifica por uma ideia nacionalista abstrata, unicamente, porque ama sua pátria com uma venda nos olhos.”

Poeta crítico de poesia e da realidade social de seu tempo na Espanha; pois a linguagem culta/popular de Góngora, em seu idioma poético e, em sua alma espanhola, dentro d’Ele falava mais alto. Poesia arraigada na alma de Espanha, Lorca proclamava alto, em seu tempo, tempo sombrio, a Poesia de Góngora. A fenomenologia da Poesia de Federico García Lorca é esta verdade da Poesia de Góngora: verdade poética sua Ciência/Linguagem Literária; é a verdade da Poesia universal; Poesia de grandes confluências: poesia que se enraizou desde o solo espanhol ao solo da América; chegando mesmo a se enraizar no solo da poesia de Lope de Vega, inclusive; e isto não deve assustar. Suave e sutil influência/inspiração/confluência. E isto não nos assusta nem surpreende: Góngora exportou sua poesia por todo o universo. E, há muito a investigar neste sentido. É fenômeno universal que ocorre no campo natural da própria poesia, da alta poesia. E, assim, nessas confluências, García Lorca abre novo cenário, cenário moderno para a expressão poética. Poesia de linguagem intensa, melancólica; melancolia não só do instante, mas, melancolia, permanentemente, intensa e extensa, melancolia necessária a qualquer criador de qualquer tempo e espaço.

Poeta cuja obra é de rigorosa pesquisa dentro do idioma espanhol, idioma de natureza, essencialmente, barroca, portanto, poesia que reflete, concretamente, as cores da Espanha: flores e frutos, campos e chão, serras e rios, o povo e a solidão de cada pessoa, etc.

---

1 Obra Poética Completa / Federico García Lorca; tradução de William Agel de Mello. — São Paulo: Martins Fontes; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1996, p.XV



Tudo isso o torna mais universal. Impossível delimitar García Lorca em fronteiras regionalistas/nacionalistas. Já foi dito e redito: “Pinta bem a terra onde nasceste e serás universal”. (E não deve assustar a afirmação de Harold Bloom quando tratando de Lorca, em rápida alusão ao *duende*, a marca de sua *estética programada* segundo esse mesmo crítico americano, em um paralelo que faz entre Lorca e Lope de Vega.<sup>2</sup> Escreve: “À semelhança de Lope, Lorca transcende o regionalismo ao mesmo tempo em que foi mais espanhol que universal.”). Tenho para mim que há muito a ser investigado com respeito a Lorca e Lope de Vega. Neste ponto, eu gostaria de recitar ou de recordar (e creio que Lorca sentiu enorme e sensual desejo de escrever este poema, mesmo sem conceber a influência do poeta seiscentista sobre Ele, coisa que ainda me parece problemática; não sendo a ocasião de tratar este assunto agora. Só uma coisa é certa: Góngora exportou poesia desde Espanha, inspirou poetas dentro e fora de seu solo natal.) um lindo poema que García Lorca escreveu: *Serenata (Homenaje a Lope de Vega)*<sup>3</sup>

Por las orillas del río  
se está la noche mojando  
y en los pechos de Lolita  
se mueren de amor los ramos.

Se mueren de amor los ramos.

La noche canta desnuda  
sobre los puentes de marzo.  
Lolita lava su cuerpo  
con agua salobre y nardos.  
Se mueren de amor los ramos.

---

2 Gênio: Os 100 autores mais criativos da história literária/Harold Bloom. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 626

3 Federico García Lorca. Canciones - Obras completas, Aguilar; Madrid – 1955; p.328



La noche de anís y plata  
relumbra por los tejados.  
Plata de arroyos y espejos.  
Anís de tus muslos blancos.

Se mueren de amor los ramos.

García Lorca, poeta cuja linguagem transluz como preciosa e brilhante joia de herança barroca, polida e avaliada pela sua geração, a *Geração de 27* que resgatou e revalorizou a poesia de Don Luís de Góngora. É a partir da *Geração de 27*, na Espanha, liderada por Federico García Lorca que se marca a retomada crítica da Poesia de Don Luís de Góngora; a partir daí, a Poesia de Góngora se revitaliza e se prolonga no panorama da literatura, do Ocidente ao Oriente. Verdadeiro “Gongorismo”. Beberam de sua Poesia todos os poetas que constituíam a Geração de 27: Rafael Alberti, Luís Cernuda, Jorge Guillén, Pedro Salinas, Dámaso Alonso, García Lorca, que a liderava, Gerardo Diego, etc. Todos escreveram sobre Góngora. Gerardo Diego escreveu uma *Antología poética en honor de Góngora*, onde incluiu, não apenas os poetas da dita geração, aqui citados, mas, poetas que escreveram suas poesias sob a inspiração do *espírito* de Góngora, inserindo/parafraseando seus versos e, seguindo sua técnica como quem aprende a escrever poesias. Recordo o poema de Lorca, *Canción de Jinete*, *Canção de Ginete*, poema citado e recitado tantas vezes por mim em outras ocasiões. Este poema me soa ao ouvido como mistificação profética de Lorca alusiva à Córdoba, terra natal de Don Luís de Góngora. Seus versos me chegam ao ouvido como se fossem o poema/soneto de Góngora, *A Córdoba*, às vezes ressoando ecos de uma paródia; uma verdadeira aventura ao procedimento do gênero; além da profecia mística (*magia/Duende?*) que se pressente. Prenúncio de sua morte; da morte do poeta? Cito o soneto de Góngora:

*¡Oh excelso muro, oh torres coronadas  
de honor, de majestad, de gallardía!  
¡Oh gran río, gran rey de Andalucía,  
de arenas nobles, ya que no doradas!  
¡Oh fértil llano; oh sierras levantadas  
que privilegia el cielo y dora el día!  
¡Oh siempre gloriosa patria mía,  
tanto por plumas cuanto por espadas!  
¡Si entre aquellas ruinas y despojos  
que enriquece Genil y Dauro baña  
tu memoria no fue alimento mío,  
nunca merezcan mis ausentes ojos  
ver tu muro, tus torres y tu río,  
tu llano y sierra, oh patria, oh flor de España!*

E o poema de Lorca:

*Córdoba.*

*Lejana y sola.*

*Jaca negra, luna gande,  
y aceituna en mi alfoja.  
Aunque sepa los caminos  
yo nunca llegaré a Córdoba.*

*Por el llano, por el viento,  
jaca negra, luna roja.  
La muerte me está mirando  
desde las torres de Córdoba.  
¡Ay qué camino tan largo!  
¡Ay me jaca valerosa!  
¡Ay que la muerte me espera,  
antes de llegar a Córdoba!*

*Córdoba.  
Lejana y sola.*

O poema é quase patético. (parece reforçar o epíteto — um entre vários — a Lorca atribuído: *mágico da palavra*...). Sem que se proponha, talvez, escrevê-lo assim, o poema de Lorca é, mágica e, pateticamente, uma alusão a Góngora. Tem o cheiro de Góngora; os caminhos de Córdoba abrem a lembrança de Lorca, também, a do leitor e os levam até Góngora. Poema patético/lunático. Uma quase profecia mística da morte?!... De olhos abertos a tudo o que se mostra e vislumbra pelo caminho de Córdoba García Lorca contempla uma realidade mais além, — a Poesia de Góngora? — Aventura, aventureiro caminho que leva a Córdoba ou inspira Lorca a escrever este poema; aventura que é uma experiência de especial intensidade e de profunda originalidade. Experiência única que abre a visão para outra realidade, outra Córdoba que está na sensibilidade do poeta (6º sentido?) naquele instante solitário de criação do poema. Instante epifânico de revelação; e nesse instante de epifania, Lorca escreve ou faz o poema do instante poético/patético. Poesia do instante, onde a linguagem patética do inconsciente ou, a linguagem da poesia mesma fala e disputa seu lugar com a composição das pa-



lavras fora e dentro do poema. Lorca escreve um poema breve cujas palavras ecoam com alta ressonância e intensidade. Viagem que é a aventura utópica do homem barroco que nunca chegará a lugar algum. Vertiginosa linguagem como vertiginoso é o barroco. O tom patético de Lorca, sua melancolia, sua inquietação e sensibilidade extremadas se mesclam e caracterizam o poeta visionário/duende barroco moderno que o é. Tudo se insere na tradição barroca de Góngora. Lorca não fechou os olhos ao que se lhe revelava na realidade. Ler/ver essa realidade limpa o olho da mente para um olhar sobrenatural na diáfana natureza: contemplar e fixar o instante em que a realidade invisível se mostra luminosa e transluz no céu, na lua, nos rios, na vegetação, nas serras... E nunca se esgotará essa realidade. Como Córdoba, distante e só, o poema de Góngora pode ser de Lorca e o poema deste pode ser de Góngora.

Retomo a *Antología* que fez Gerardo Diego; esta é considerada um marco da identidade da *Geração de 27* com a poesia de Góngora. A linguagem de Góngora oferecia a esses poetas no plano das metáforas as maiores possibilidades que se produziram no campo da Poesia espanhola, onde se deve observar a natureza particular do idioma espanhol naquilo que toca a qualquer forma de experimentalismo poético ou de linguagem. E, não só a poesia de Góngora se oferecia a esses poetas liderados por García Lorca; mas a poesia de Góngora se abria a poetas desde Paul Valéry a Verlaine, Mallarmé, — os poetas do Simbolismo francês onde ecoavam seus versos — bem como aos mais radicais poetas/críticos vanguardistas do Século XX — com isto, me permito recordar aqui um fragmento de Haroldo de Campos, *De Góngora a Mallarmé*:<sup>4</sup> “É este Góngora-Mallarmé, o Dr. Lacan, que inscreve num **cursus** ideal do ensinamento analítico e essa ‘ponta suprema da estética da linguagem: a poética, que incluiria a técnica, deixada na sombra, do chiste, (**mot**

---

4 De Góngora a Mallarmé. Fragmento do Texto publicado pela Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia. EXU Documento, Coordenação Editorial Claudius Portugal.

**d'esprit**'), (EC I, 169; ESC, 152). Isto porque 'a experiência psicanalítica reencontrou no homem o imperativo do verbo como a lei que o formou à sua imagem. Ela manipula a função poética da linguagem para dar a seu desejo sua mediação simbólica' (EC I, 207; ESC, 186). De onde decorre que, 'para restituir à fala seu pleno valor de evocação (...) essa técnica exigiria, para se ensinar assim como para se aprender, uma assimilação profunda dos recursos de uma língua, e especialmente daqueles que são realizados concretamente em seus textos poéticos. Sabe-se que era o caso de Freud quanto às letras alemãs...' (EI, 177; ESC, 159).

Sem assinalar os tão conhecidos *ISMOS* prefiro remarcar, neste parágrafo, uma linhagem de poetas/críticos radicais que examinam a escritura de Góngora ou atestam suas confluências mais modernamente: Lezama Lima, Alfonso Reyes, Rubén Darío, — a respeito do qual Gerardo Diego, já na *Introdução* de sua *Antología poética en honor de Góngora* escreve<sup>5</sup>: “Porque al doblar el cabo del novecientos ya sabéis que Rubén Darío el bueno vovió a nosotros con la poesía recién viva entre sus trémulas manos, y con ella la devoción a nuestro D. Luis, ya presentidamente saludado por los simbolistas franceses.” — Severo Sarduy com seu belo texto sobre a metáfora de Góngora, Borges, Octavio Paz, João Cabral, etc. Nem precisa insistir: na América, desde os tempos coloniais a poesia de Góngora ecoa alto aos ouvidos de poetas como Sor Juana Inés de la Cruz, “Décima Musa”, (que deixou expressa sua admiração pelo poeta maior do *Barroco* espanhol escrevendo seu belo poema *El sueño* sob a inspiração de *Las Soledades*, de Góngora); Domínguez Camargo, Gregório de Matos, Juan del Valle y Caviedes... Com o apoio nesses diletantes leitores da poesia de Góngora, poesia barroca, *par excellence*; com o apoio no *afreudisiaco* texto de Haroldo de Campos, no Brasil da *Poesia Concreta*, com o apoio desses autores anteriormente, citados, ousaria conjecturar que todos esses autores são leitores barrocos de Góngora e que formam uma verdadeira

---

5 Alianza Editorial, s.A., Madrid, 1977; P.55

constelação de autores gongorinos/barrocos modernos /contemporâneos. Poetas atemporais que escrevem em sincronia com a poesia de Don Luís de Góngora.

Góngora, (1561-1627) foi a grande expressão poética do *Barroco* ao lado de Quevedo, (1580-1645), sabidamente, um de seus maiores detratores. A crítica chegou a formular possível diferença entre um e outro. Tentou a crítica reduzir um à forma (do estilo culto, *culteranismo*), outro ao conteúdo (essência, *conceptismo*). Assim mesmo, conforme configuramos em expressão matemática: Góngora :: Culteranismo :: Quevedo :: Conceptismo; proporcionalmente, Góngora está para o *Culteranismo* assim como Quevedo está para o *Conceptismo*. Sem demorar sobre essas nomenclaturas historicistas que geraram polêmica em seu tempo, formas, suficientemente, conhecidas por ambos os poetas, e as já tão comentadas discórdias entre um poeta e outro, discórdias motivadas por razões pessoais, nunca literárias, (há quem considere Quevedo um dos maiores detratores de Don Luís de Góngora) afirmaria que ambas as formas de escritura, *Culteranismo/Conceptismo*, foram suscitadas pela crítica e não pelos poetas. O certo é que, cada vez mais com os avanços das Ciências da Linguagem, Semiótica, Semiologia, Psicanálise, etc. cada vez mais com o olhar do pesquisador voltado para o significante/significado abolindo essa barreira maniqueísta de divisão do signo, forma/conteúdo, significante/significado com o olhar captando/desvelando até onde pode o sentido, *Culteranismo/Conceptismo* passam a constituir vertentes de um mesmo pensamento de determinada época e portanto, devem ser compreendidas (essas vertentes) de maneira inseparável. Portanto, tudo é *barroco*; tudo é *escritura barroca*.

E bendita seja a Poesia! Bendita seja a poesia de Góngora! Bendita seja a poesia que escreveu García Lorca apesar do regime de força nacionalista, força cega, que se fundava e se abrigava na mente humana de seu tempo como decorrência de surgir ou fazer existir uma razão para tal existência e imposição ideológica. E foi o que sustentaram as ideologias dos regimes fascistas. Mas isto foi. Passam



as ideologias; desmoronam-se os poderes autoritários; desaparecem os impérios, não sobrevivem ao tempo como a este vive e sobrevive a alta poesia. Qualquer manifestação ideológica é, fundamentalmente, intolerável. Agregam-se a este conceito de ideologias todas as formas de discursos: políticos, religiosos, hetero e homossexuais, discursos de gêneros, de minorias, negros feministas, machistas, prostitutas, etc. Tudo é muito repugnante no âmbito dessa esfera ideológica. É lógico que o discurso que aí atua não tem consistência; não possui radicalidade; esgota-se e se satura nele mesmo, pois, não possui código de sustentação das ideias que são veiculadas ao receptor; tamanha é a carga de clichês, estereótipos e palavras de ordem, sempre redundantes e vazias que daí são, pretensiosamente, lançadas. O discurso das ideologias é sinônimo de comunicação fácil e imediata.; não exige repertório especializado, e já se sabe que a fé leviana nas ideologias é a pior inimiga da verdade. A verdade da poesia não conhece dogmatismo; antes de mais nada a *expressão poética* é sinônimo de *liberdade de expressão*; mas isto requer repertório.

Federico García Lorca foi assim mesmo provocado e renegado pelo autoritarismo da sociedade em que vivia. Porém, jamais foi arrastado por ideologias. Jamais se deixou arrastar por grupos defensores de ideologias nacionalistas; atravessando as mais inesperadas situações (até morrer) mas o dramaturgo/poeta de *La Barraca* — que, aqui diria: *La Barraca Barroca* —, consegue escapar das armadilhas do enfurecido poder e nessas fugas escreve sua poesia e sua obra teatral, dentro do idioma espanhol e este teatro é, por essência barroco. Lorca perfilou, não ideologia, mas, no plano da poesia no idioma espanhol, no plano da *Poética da Poesia-Pura* — viva a Poética de Paul Valéry de confluências gongorinas — na confluência (nunca mera influência) da tradição ibérica de poesia muito se afinou; estamos aqui/agora a escrever sobre poesia; sobre a poesia de Federico García Lorca. É aqui que ocorre o verdadeiro encontro de García Lorca com a tradição de Don Luís de Góngora; encontro que se dá nas amarras do próprio idioma poético espanhol, de essência/natureza barroca; tradição que Lorca pesquisou a fundo;



e, só assim, através de suas metáforas pôde revitalizar e revalorizar esse poeta, expressão máxima do Século de Ouro, no cenário do Modernismo. Claro, só mergulhando nessa tradição, ou voando em seu espaço seria possível acompanhar cada ponto de sua linguagem e cada figura de linguagem literária e conhecer sua função poética, linguagem que fornece uma teoria viva e universal sobre o modo como se comporta o poeta diante do fenômeno da linguagem da poesia sob diversas e atuais circunstâncias.

Alguém poderá até escrever sem essa consciência poética, mas nunca será um poeta; muito menos, poeta revolucionário; sua poesia estará destinada a passar com a breve passagem do tempo das ideologias; poesia destinada a se aposentar ao tempo em que se esgotarão as ideologias. Poetas incorporados a essa consciência diária temos muitos... Porém, nunca se deve esquecer este versículo bíblico: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos...” Pois, bem. García Lorca sistematiza uma ampla reflexão em torno da Poesia de Don Luís de Góngora. Góngora passa a ser o fundamento de sua Geração: *A Geração de 27*. A compreensão entre os poetas modernos até o ponto em que os poetas dessa geração se denominem poetas da estirpe de Góngora e a reflexão poética por esses autores praticada esteja alinhada à linhagem/linguagem poética de Góngora. Deve-se tomar aqui a via única da poesia: “Verde que te quiero verde. / Verde viento. Verdes ramas. / El barco sobre la mar / y el caballo en la montaña. / Con la sombra en la cintura / ella sueña en su baranda, / verde carne, pelo verde, / con ojos de fría plata. Verde que te quiero verde. / Bajo la luna gitana, / las cosas la están mirando / y ella no puede mirarlas. Este *Romance sonambulo*, de Lorca, é um belo poema que serve de exemplo, que ilustra e define o amor telúrico do poeta por sua terra.

**FRANCISCO IVAN** é poeta, escritor, pesquisador e professor aposentado da UFRN. Autor de “Variações”, “A Chave Azul”, “Sertanejo no Mar” e vários outros livros.



## CHICO: A ARTE DE SE REDIZER SEM SE REPETIR\*

*Nelson Patriota*

Uma mera circunstância geracional fez com que eu pudesse acompanhar contemporaneamente a evolução de parte do trabalho musical de Chico Buarque de Holanda. Não fui o único, evidentemente, a encontrar motivações para tentar equacionar o tamanho da mudança que a música de Chico iria trazer ao acervo da chamada MPB, sigla tantas vezes excomungada pelos avatares da crítica musical em nosso país, mas ainda assim útil em sua crua concisão. As canções de Chico logo se incorporaram ao centro dos meus interesses literários, sobretudo enquanto arte poética capaz de dizer coisas que a dicção dos nossos letristas até o seu advento ainda titubeava em “letrar”.

Passei a conhecer melhor o artista carioca quando me caiu nas mãos um livrinho editado pela Livraria Francisco Alves, em 1966, cujo título era *A Banda: manuscritos de Chico Buarque*, contendo letras e partituras do compositor e o conto “Ulisses”. Na nota escrita a título de apresentação, Chico confessa sua admiração pela linguagem popular, “que não tem idade”, e declara: “É essa linguagem que procuro roubar para exprimir uma visão objetiva, quase cinematográfica, do mundo que me cerca”. Na nota, Chico ainda expressa o desejo de que seu samba (“não samba-ritmo, mas samba no seu sentido mais largo”) seja tão popular que uma criança saiba cantarolá-lo e que um pedreiro num andaime encontre jeito de assobiá-lo. E indaga: “Quando é que a criança e o pedreiro vão saber deste livro?”. Sua resposta é: “Não sei, o livro é deles”. Caso refizesse a pergunta para: “Quando é que a criança e o pedreiro vão saber do meu samba?”, poderíamos responder-lhe que desde que lançou, naquele mesmo ano, o álbum com as músicas arroladas ali, como “Noite dos mascarados”, “Meu refrão”, “Madalena foi pro mar”, “Morena dos olhos d’água”, “A banda”, “A Rita” e outras que logo caíram no gosto popular.



Lembremos uma segunda coisa que Chico disse sobre sua arte, dessa vez no documentário “Chico, um artista brasileiro”, de Miguel Faria Jr., 2015: “Busco fazer sempre aquilo que ainda não fiz”, em outras palavras, procura compor coisas que não repitam fórmulas que já utilizou até agora. À medida que novos discos foram se sucedendo aos anteriores, a música de Chico foi adquirindo um caráter impositivo de obra de arte, capaz de adequar-se a uma ópera ou a um recital lírico, ou seja, chegar a públicos musicalmente mais exigentes, como de fato chegou. Num futuro não distante, falar-se-á de fases que distinguiram cada momento de criação do artista, mas admitindo sempre que a arte de Chico, de sempre fazer o novo, estava implícita ali. Isso explica, de certa maneira, a dificuldade que muitos ouvintes têm hoje de fruir esteticamente as canções dos últimos álbuns do artista carioca. Seja em composições solos, seja com seus novos parceiros, essas novas obras apresentam dificuldades de diversa ordem: melódicas, rítmicas, poéticas etc. Mais: podemos prever que as novas composições do artista – quem sabe no próximo ano, vez que este ano Chico está absorvido pela escrita de um novo livro – não serão menos complexas que as atuais. Possivelmente, mais.

Mas a arte de dizer coisas encontra em Chico, no estreito campo da MPB, seu artista supremo porque ele não se contenta meramente em dizer de diferentes maneiras uma ideia, mas dizendo-o para além da semântica, observando ritmo, metro, aliteraões, como se fora um neorrenascentista. Referimo-nos ao que denominamos de “arte de se redizer sem se repetir”. Vejamos um exemplo retirado da canção “Hino de Duran” (Chico Buarque, 1978) (da Ópera do Malandro):

Se tu falas muitas palavras sutis  
e gostas de senhas, sussurros, ardis,  
a lei tem ouvidos pra te delatar  
nas pedras do teu próprio lar.

se trazes no bolso a contravenção  
muambas, baganas e nem um tostão  
a lei te vigia, bandido infeliz  
com seus olhos de raio-X.  
se vives nas sombras, frequentas porões  
se tramas assaltos ou revoluções  
a lei te procura amanhã de manhã  
com seu faro de doberman.  
E se definitivamente a sociedade  
só te tem desprezo e horror  
E mesmo nas galeras  
és nocivo, és um estorvo, és um tumor  
a lei fecha o livro, te pregam na cruz  
depois chamam os urubus.  
Se pensas que burlas as normas penais  
Insufilas, agitas e gritas demais  
A lei logo vai te abraçar, infrator  
Com seus braços de estivador.

Atente-se para o contexto da Ópera do Malandro, quando a ditadura gestada em 1964 se encontrava no seu máximo. O retrato da lei ganha, então, cores de uma entidade monstruosa da qual não se consegue escapar. O requinte da letra destaca justamente as diversas maneiras de denunciar esse leviatã moderno. Atribui-lhe olhos de raio-X, faro de doberman, braços de estivador e juízo sumário, fazendo do cidadão que lhe cai como presa um novo cristo que é pregado numa cruz e entregue aos urubus.



Esse procedimento é uma das marcas definidoras do engenho buarquiano. Veja-se, por exemplo, a canção “Benvinda” (1968). Citaremos aqui apenas os três versos iniciais de cada estrofe, notando que cada estrofe, embora pareça voltar ao início da canção, começa diferente da anterior, o que confere à letra um encanto especial, mágico, em sua surpresa poética.

1. Dono do abandono e da tristeza  
Comunico oficialmente  
Que há lugar na minha mesa
2. Cheio de anseios e esperança  
Comunico a toda a gente  
Que há lugar na minha dança
3. Certo de estar perto da alegria  
Comunico finalmente  
Que há lugar na poesia

As rimas internas de cada verso inicial são um detalhe não menos conspícuo, concorrendo para dar uma dinâmica poética extra à melodia da canção.

A canção “Pedaço de mim” (1978) ilustra esse procedimento, nas suas cinco estrofes, sempre começando com o mesmo verso “Oh pedaço de mim”, mas seguida por um verso diferente do que aparece na estrofe anterior. Assim, temos, sucessivamente, os seguintes versos:

Oh pedaço de mim  
Oh metade afastada de mim

Oh pedaço de mim  
Oh metade exilada de mim

Oh metade de mim

Oh metade arrancada de mim

Oh pedaço de mim

Oh metade amputada de mim

Oh metade de mim

Oh metade adorada de mim

Esse processo de dizer as coisas até o fim, tem, todavia, contraexemplos. A belíssima “Valsa brasileira” (com Edu Lobo), se esgota em apenas duas estrofes, o que é muito pouco, convenhamos, para os padrões buarquianos. Mas o próprio Chico tratou de desfazer teorias conspiratórias sobre a valsa. Ao escrever a segunda estrofe da “Valsa brasileira” (1988), ele percebeu que a canção estava terminada, ou seja, ele não tinha mais nada a dizer que fosse relevante nessa obra. De fato, custa imaginar o que poderia ser acrescentado ao *gran finale* consubstanciado no verso “[...] E pela porta de trás / da casa vazia / eu ingressaria / e te veria / confusa por me ver / chegando assim / mil dias antes de te conhecer”.

Esse processo desenvolvido por Chico em tantas canções chega ao seu paroxismo na canção “Construção” (1971) onde, depois de redizer sempre com outras palavras, os acontecimentos de um sábado na vida e morte de um operário da construção civil, Chico, como sob um frenesi do dizer, embaralha os versos produzindo efeitos surreais que se sucedem com uma tal sofreguidão que arrasta o ouvinte a um delírio verbal de raro efeito poético, basta que se atente para os seguintes versos da penúltima estrofe, com seus proparoxítonos, propositalmente trocados:



Amou daquela vez como se fosse máquina  
Beijou sua mulher como se fosse lógico  
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas  
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro  
E flutuou no ar como se fosse um príncipe  
E se acabou no chão feito um pacote bêbado  
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

O verso acima como que encerra a história do operário e dá lugar a um “Te deem” às avessas, no qual ações triviais como comer, dormir, nascer, sorrir são enumeradas como dádivas de um poder que a música não nomeia, por ser por demais óbvio.

Essa multiplicidade de olhares que Chico Buarque manipula poeticamente ao dirigir-se às situações da vida e aos objetos do mundo é um pequeno indício da originalidade desse extraordinário artista que, embora tenha pudores em se dizer poeta, invocando para si apenas a condição de letrista, é responsável por alguns dos versos mais poéticos que a canção popular atingiu em língua portuguesa e rivalizando com a melhor poesia dessa mesma língua. Não temos dúvida em afirmar que a concessão do prêmio Camões, este ano, a Chico Buarque, levou em consideração não só o alcance dos seus romances, mas muito especialmente de suas canções, que há décadas educam e refinam os sentimentos dos seus privilegiados ouvintes.

O pouco que tínhamos para dizer sobre Chico termina aqui, por ora. Mas antes de encerrar estas breves e rasas digressões, gostaríamos de evocar os testemunhos de dois musicólogos brasileiros contemporâneos. O primeiro, Luiz Tatit diz, no seu livro *O Cancionista: composição de canções no Brasil* (Edusp, 2012): “Quase todos os compositores tiveram experiências com criações profundas. Chico Buarque fez delas sua dicção”.

Arthur Nestrovski, por sua vez, em seu *Tudo tem a ver: literatura e música* (Todavia, 2019), diz, em artigo dedicado a Chico:

“Quem não guardou essas canções e romances para si, quem não fez do que Chico fez um acervo pessoal e precioso?”. E arremata: “Cada um de nós se tornou, com ele, um ghost-compositor de canções que não são mais só dele, são de todos nós e de nenhum de nós”.

**(\*) Palestra proferida na Cooperativa Cultural do campus universitário da UFRN, no dia 27 de setembro de 2019, no evento “A canção cristalina: conversando sobre Chico Buarque”.**

**NELSON PATRIOTA** é poeta, escritor, crítico literário e jornalista, autor de “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



# ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS

100 ANOS

*Lívio Oliveira*

ESTAMOS PASSANDO, a voo de pássaro, pela data em que o jornalista, professor e escritor Antônio Pinto de Medeiros (09/11/1919 – 09/02/1970) completaria 100 anos de idade. De nascimento, Antônio Pinto era manauara. Os seus pais eram de Mossoró e viviam em Manaus quando nasceu. Faleceu com apenas 50 anos de idade, após um fulminante infarto, na cidade do Rio de Janeiro, seu exílio eleito, onde escrevia para os Diários Associados (consta que, após a sua mudança para a capital carioca, nunca mais retornara a Natal).

Em obra que ficou célebre, “Conferências no Colégio Estadual (1ª Série)”, republicada pelo Sebo Vermelho em 2012, que reúne as conferências feitas por quatro estudantes (Antônio Pinto de Medeiros, João Wilson Mendes Melo, Luiz Maranhão Filho e Rivaldo Pinheiro), em 1943, no Atheneu, sob a orientação de Alvarar Furtado, percebe-se o grande valor intelectual do então jovem intelectual, que àquela altura estava com seus poucos 23 anos de idade e já fazia estudos profundos, como o que apresentou acerca de Anatole France.

Leiamos, com atenção, as seguintes palavras do mestre Américo de Oliveira Costa, também presentes na obra mencionada, já que antecedeu Antônio Pinto na fala histórica: *“Sempre o conheci apaixonado e inquieto, fixando a todo instante a marca de uma personalidade própria. Encarna um desses seres que se classificam como de diálogo, isto é, cuja inteligência mantém perpétua indagação e curiosidade diante dos fenômenos e das fórmulas. Ágil e lúcido, – e escrevo estas palavras, num máximo de sinceridade, – fico esperando que a imagem nos trace esta noite do escritor francês, na palestra que intitulou, com*



*um senso de proporções admiráveis: “Conversa sobre Anatole France”,  
dê aos presentes o autêntico depoimento de um dos mais sérios e seguros  
índices intelectuais de sua geração.”*

No mesmo livro, pode-se ler o que disse o saudoso Veríssimo de Melo, acerca do nosso homenageado, numa intitulada “Notícia sobre Antonio Pinto de Medeiros”, publicada ao final da obra: “Antônio Pinto foi um moço que teve formação muito diversa da nossa. Andou em Seminário e foi obrigado a aprender as declinações latinas tim-tim-por-tim-tim. Não é de se admirar, portanto, que ele citasse na língua do Evangelho. Além disso, abandonando a vocação sacerdotal, o que é naturalíssimo, veio com aquela esfomeada curiosidade de ler os autores proibidos. Topou com os franceses. Entre os franceses topou com Anatole. Atitude pelo avesso daquela outra.”

Outro livro, “Histórias que vivi – Memórias e crônicas” (Sebo Vermelho, 2008), desta feita de Ary Guerra Cunha Lima, traz-nos traços, dentre outros aspectos, de um retrato físico de Antônio Pinto de Medeiros: “Conheci Antônio Pinto, em 1946, quando eu cursava o 3º ano ginasial e ele era o professor de Português. Ainda estava prestando Serviço Militar, com o posto de Sargento. Era de estatura mediana, cara arredondada, um pouco gordo e falava alto, gesticulando muito ‘eloquente, loquaz, de verbo inflamado. Voz limpa, audível, explicada, som metálico. Palavra fácil. Inteligência cintilante. Talento literário exuberante”, no dizer do Dr. Jurandyr Navarro, advogado, escritor e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, que também foi seu aluno.”

São muitos elementos, destacadamente os psicológicos e intelectuais, que ora se busca salvar acerca da personalidade muito especial de Antônio Pinto de Medeiros, o que é impossível num texto curto para jornal. No entanto, vale destacar que: **1.** Era um apaixonado pela língua portuguesa e por línguas estrangeiras, tendo se dedicado ao Latim, ao Grego e ao Francês, especialmente; **2.** Foi seminarista e, quase chegando a padre, revoltado pelo abandono de si, abandonou o Seminário; **3.** Tornou-se agnóstico; **4.** Foi integra-



lista e, segundo Ary Guerra Cunha Lima, foi expulso da agremiação política, por ter rasgado uma faixa em que constava “O chefe sempre tem razão”; **5.** No Atheneu, ensinou Português; **6.** Participou da II Guerra Mundial, como convocado pela FEB (não conseguiu a confirmação sobre eventual ida à Itália, ou se serviu no Brasil); **6.** Possuía um espírito altamente crítico e mordaz, tendo recebido e usado, por isso, a alcunha de “Torquemada”; **7.** cursou a Faculdade de Direito do Recife, mas não teria exercido profissão jurídica; **8.** Foi Diretor da Imprensa Oficial do Estado e também de “O Poti”, onde escrevia uma coluna crítica intitulada “Santo Ofício”; **9.** Chegou a se candidatar a Deputado Estadual pelo PSD, não conseguindo ser eleito; **10.** Publicou dois livros de poemas: “Um poeta à-toa” (1949) e “Rio do Vento” (1951).

No prefácio da reedição de “Rio do Vento” (NOSSA Editora/Fundação José Augusto, 1984), o grande jornalista Dorian Jorge Freire, em um dos parágrafos, assim se pronuncia sobre o nosso homenageado: “Os que conheceram de perto ou de longe, beneficiários ou vítimas, sabem disso. O quanto influenciou a Província. Quantas inteligências plasmou. A liderança que exerceu. Os autores que revelou. As obras que leu e criticou para o seu público. O seu desaforismo que fez época. As doidices que o seguiam como sua sombra. A absoluta coragem de ser, numa época de farisaísmo maior e de maniqueísmo mais estridente, quando o fino era não revelar-se. Ou simplesmente, não ser.”

Um dado biográfico curioso e que envolve esta Academia é descrito assim por Veríssimo de Melo, em sua obra em dois volumes (publicada entre 1972 e 1974) acerca dos “Patronos e Acadêmicos” da ANRL: “Eleito para a nossa Academia, após candidatar-se, surpreendeu a todos renunciando a sua cadeira, através de carta. Afirmara ser antiacadêmico, não desejando continuar no nosso cenáculo. Foi o primeiro e único dos nossos sócios resignatários.”

Com relação a essa sempre lembrada renúncia expressa à Cadeira nº 15 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, pouco se

sabe acerca das circunstâncias que a envolveram, não havendo documentos bastantes às considerações específicas. Também, pouco se tem sobre a possível reversão aos quadros acadêmicos. O livro “Memória Acadêmica”, da acadêmica e pesquisadora Leide Câmara (IFRN, 2017), traz algumas pistas, que talvez possibilitem aprofundamento por parte dos estudiosos. De qualquer sorte, esse é um aspecto menor, diante da grandeza intelectual e dos feitos realizados por Antônio Pinto de Medeiros em tão poucos anos de existência (50), ficando apenas a ressalva da natureza polêmica do escritor, o que, repita-se, não desmerece nenhum pouco a capacidade e o brilhantismo intelectuais, características por muitos mencionadas.

Mais uma vez, retorno ao texto de Dorian Jorge Freire, para resgatar o sentimento daquele já longínquo nove de fevereiro de 1970: “Depois, a morte de Pinto. Súbita. O grande coração que estourou. E em torno dele fez-se o silêncio. Aquele silêncio que se segue à morte dos grandes escritores, para decantar-lhe a obra, para pesar e medi-la, para ajuizá-la longe das paixões que sobrevivem.”

Concluo este texto em retalhos afirmando que a obra literário-poética – curta e poderosa – de Antônio Pinto de Medeiros merece imediata reedição, para que a sua inteligência seja novamente acesa no altar intelectual do Rio Grande do Norte. Alguns passos têm sido dados nesse sentido. Cuidemos!

**LÍVIO OLIVEIRA** é Procurador Federal, poeta e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.



# EIDER FURTADO

*Jurandy Navarro*

Pertencente a uma das tradicionais famílias natalenses, o ilustrado cidadão, desde a juventude portou-se uma personalidade por todos admirada.

Num rápido relato exibirei a sua passagem vivenciada em nossa sociedade. Outros exaltarão, com mais propriedade, a sua rica biografia.

A atenção mental direcionou-se mais para a cultura geral, porém, de feição objetiva e produtiva. A meta de suas realizações foi mais aristotélica do que platônica, tendente mais à realidade concreta, do que metafórica, ilusória, imaginativa...

A Advocacia foi, em última análise, a sua razão de ser, na turbulenta paisagem histórica vivenciada, após o rumor da Segunda Guerra Mundial.

Considerando a objetividade de suas ações, elegendo a finalidade concreta, pode-se concluir o seu comportamento, na advocacia, nos atos das causas judiciais; suas razões dirigidas em audiências, perante o magistrado do feito; nas petições formuladas; na sustentação oral diante do Tribunal pleno; na réplica e tréplica do Júri popular; em memoriais, formulados a Desembargadores...

Tudo o fazia com a devida competência e respeito com as partes.

Seguiu-se o Jornalismo, na imprensa local onde exerceu atividades múltiplas, tais a de repórter, articulista, editorialista e dirigente administrativo, dentre outras ações culturais.

A cátedra universitária foi outra participação, também de valor realçante, de sua habilidade e inteligência clarividentes.



Foi Presidente da Ordem dos Advogados, Secção deste Estado, durante o período de fevereiro de 1969, a oito anos adiante, gestão elogiada pelos associados de então, diante o trabalho desempenhado, com a devida probidade e competência.

Tive o grato ensejo de pertencer ao Conselho da OAB – RN, durante a fase final do seu mandato, ao lado de outros seus integrantes, cuja memória registra os nomes de alguns deles, dentre os quais, Mário Moacyr Porto, Amauri Marinho, Roberto Furtado e Walderedo Nunes, sendo o dito Conselho, secretariado pelo Advogado Glênio Andrade.

Nesse tempo, a sede da OAB-RN, localizava-se na Rua da Conceição, desta Capital, perto do local onde hoje funciona a Assembleia Legislativa.

Era, doutor Eider, dotado de uma mente perspicaz, por ter sido cultivada na constância de uma existência, toda ela, contemplada pelo valor do trabalho persistente e dos estudos continuados.

De longa data, o meu conhecimento, desse operoso causídico. Antes de sua formação universitária, já o conhecia pelas vias culturais, por onde transitava. Sempre afável, com seu eterno bom humor e criador de amizades duradouras.

O seu natural perfil sempre foi direcionado para o Trabalho. Jamais o vi inoperante, por ser refratário à paralisia de toda ordem.

Quando jovem ainda, lembro-me de suas constantes visitas à loja “Formosa Síria”, referência comercial da época, situada a Avenida Rio Branco, via principal da nossa Natal, de então. O mesmo o fazia em outros estabelecimentos mercantis.

O que ele fazia, nessa visitas, repetidas e continuadas?

Simplemente cobranças! Era ele “Advogado” dessas casas, antes de sua formatura!

O Trabalho foi a sua preocupação iniciante e dignificante. Desde cedo, a consciência o despertou para uma vida voltada para a



responsabilidade laboral, construtora de uma personalidade formadora da ética e da moral humanas.

Tal exemplo, foi pelos seus filhos herdado. Tal o admirável mérito dessa sua performance deixado à posteridade, hoje, devidamente agradecida.

O ardente coração, que ultrapassou, com vigor, a longa idade nonagenária, vibrou, vezes inúmeras, de alegria, ante as incontáveis vitórias em vida conquistadas.

Tal desempenho feliz recebeu homenagem do seu humor espirituoso, por todos conhecido, lembrando o provérbio babilônio que diz:

*“Um coração contente  
verte óleos que ninguém  
conhece.”*

Revestido, era ele, de responsável caráter, virtude rara nos dias presentes.

Desde jovem teve uma espécie de devoção pelo Trabalho, chegando a ser uma devoção amorosa. E o trabalho é causa, e efeito, todos sabem, da evolução social por ele propiciada.

O que se alcança sem a grandeza do Trabalho? Absolutamente nada!

O amor ao Trabalho propiciou, todos sabem, às resplandescentes civilizações!

Da “Imitação de Cristo”, lê-se:

*“O Amor torna leve o que é pesado... Leva sua carga sem lhe sentir o peso... a toda medida excede o seu ardor... nada lhe pesa, nada lhe custa, quer mais do que pode, não alega impossibilidades porque julga que tudo lhe é possível e permitido. Por isso tudo pode, realiza e leva a termo muitas coisas que se esmorecem e prostram a quem não ama.”*

A grandiosa meta, almejada em vida, por Eider Furtado, foi devida ao devotado amor ao Trabalho.

Somente sonhar nada é realizado. Necessário é o desempenho de um motor espiritual a fim de impulsionar o movimento inicial e a adesão ao benéfico labor cotidiano, para alcançar a finalidade colimada.

Para isso, indispensável é a ação do Trabalho. A vontade ajuda à concretização da ideia. Sem essas asas poderosas, o horizonte imaginário jamais será contemplado na sua realidade concreta.

Ele atingiu o alvo escolhido incentivado pelo nobre ideal, na alma agasalhado. E o conseguiu através de uma jornada ininterrupta, sem deflexões nem desfalecimentos.

O triunfo provém da perseverança, sem ela, impossível conquistá-lo.

As palmas das vitórias não foram concretizadas apressadamente, as escolhia, uma a uma, separadamente, para alcançar o resultado previsto.

Seguia ele o conselho de Boileau:

“Apressai-vos, com lentidão”.

Autores outros, aludem à “onipotência da perseverança”.

Eis o segredo decifrado.



Ainda, em relação ao açodamento em conquistar o desejável, adiante o exemplo: o apressado intelectual Voltaire, passou menos de uma semana para escrever a tragédia “Olímpia”,

*“É obra de seis dias - dizia ele a um conhecido, enviando-lhe um exemplar”.*

*‘O autor não devia descansar no sétimo’, responde o amigo. – por isso se arrependeu”, retrucou Voltaire.*

Em idade já avançada, a cultura de mestre Eider foi, por merecimento, contemplada com a sua filiação às Academias das Letras e Jurídica. Nelas brilhou pela reconhecida competência. Em ambas, destacou-se pela educada fineza social e razões superiores da inteligência e do saber.

Na Instituição Jurídica, teve desempenho áureo, refletido da brilhante carreira na Advocacia militante, devotado ao culto da deusa Minerva.

Na entidade das Letras, deu continuidade ao percurso, de longo período, nas lides do jornalismo e da trajetória cultural, encetada na atmosfera vivenciada, em livros lançados e aplaudidos por geral aclamação, conferências e discursos pronunciados, com eloquência, aos quais se exibia, às vezes, como protagonista entusiasta, cuja atitude conquistava admiradores.

Eider Furtado deixou saudades a todos que com ele conviveram e privaram de sua amizade.

Além da saudade, deixou, também, precioso exemplo cultural à juventude das escolas e amante das coisas do pensamento.

**JURANDYR NAVARRO** é escritor, autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte. Ex-presidente da Fundação José Augusto, Ex-presidente do IHGRN, Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# O LIVRO DE UM NATALENSE QUE NATAL NÃO LEU.

*Valério de Andrade*

**“Eu não sou nem impessoal nem objetivo. Escrevo sobre o que vivi e fui, e não posso escrever sem cólera, vergonha e ódio”.**

**Howard Fast.**

Quando publicou o seu primeiro e único romance, *O Mito em Água e Sal* (Companhia Editora Americana), em 1974, Salvyano Cavalcanti de Paiva era nacionalmente conhecido e respeitado como crítico de cinema. Já éramos amigos, amizade nascida na redação do *Correio da Manhã*, quando o cálice da sua amargura pessoal voltou a transbordar diante da rejeição do público e do silêncio da crítica literária.

XXX

Em seu excelente prefácio, o novelista Aguinaldo Silva ressalta:

“O *Mito em Água e Sal*” é, principalmente, testemunho. Beau atravessa as precárias pontes pelas quais teve que se equilibrar o intelectual brasileiro nos últimos trinta anos, e acumula as mesmas decepções que ele. Cada vez mais distante dos livros que pretendeu escrever, do idealismo que pensou um dia possuir, ele acaba na redação do jornal, na agência de publicidade, a se preocupar com o carro do ano, com a impotência e com o enfarte, do qual morrerá”.

E finaliza:

“Saudar Salvyano Cavalcanti de Paiva como estreante é um equívoco. Este seu primeiro romance vale por toda uma obra completa”.

Na orelha do livro, o potiguar Lívio Dantas, radicado no Rio de Janeiro, abre as portas do mundo em que Beau Cavalcanti viveu e morreu:

“(…) Um drama de contrastes. O contraste maior entre a realidade e o mito, sim; mas sobretudo os contrastes sub-reptícios com que a vida nos surpreende, não sem certa perversidade, no mundo dito civilizado. Os inteligentes sendo tragados pelos medíocres. Os que amam sendo execrados, tanto pelos que odeiam como pelos incapazes de amar. Os que se reconhecem fiéis a si mesmo coexistindo com os que vendem a alma, por qualquer dez réis de mel coado”.

### XXX

Não é, porém, um livro para iniciantes na ficção. Ele não corteja o leitor. É amargo, quase sempre cruel, com a ilusão sendo suplantada pela desilusão, e, no plano amoroso, o amante é iludido pela mulher que amou acima de todas as outras. É um testemunho de vida sufocante. Não há a escapatória emocional do final feliz; em vez de vislumbrar o arco-íris lá no horizonte, o leitor é levado para o cemitério – a última morada na ficção e na vida real.

A estrutura da história é complexa. Na permanente sucessão de flashes da memória do protagonista, inexiste limites geográficos e de tempo, apenas lembranças de toda uma vida – e, no caso extremo, a terrível constatação:

“Ossos, apenas. Então, é isto – sou ossos, apenas. Sou restos mortais de mim mesmo. Podem tocar o réquiem. Ou, como eu preferia em poemas da adolescência: Não quero vela / nem fita amarela / Quero ser incinerado / como os velhos piratas vikings / Ao som da ária da Quarta Corda / de Bach”.

E o desespero pós morte continua:

“Fui Beau Cavalcanti de Albuquerque Dantas e Oliveira. Agora sou caveira. (...). Sou esqueleto. Destes dois buracos pendia o aparelho genital, certo? Meus culhões, o que fizeram dos meus culhões? Oh, Deus! Deus não existe, a religião é o ópio do povo”. (...). O cérebro apodreceu, secou, virou pele, virou verme, virou nada”.

Sobre Mitzi: a lembrança do amor que sobreviveu à morte:



“Já não sinto o sabor de um uísque e nem o sabor de um beijo de fêmea. Você está aqui, gravei-te no frontal. Tinha rótulas tão lindas, Mitzi, sob o vestidinho cinza. (...). Mas, para ti, eu era o hereje, o dragão da maldade – por te querer”.

Começando pelo final, a narrativa dá um salto para o começo do começo da vida de Beau, através de uma fotografia:

Natal, 15 de agosto de 1923. “Lá estou eu, antes de ser Beau, no ventre enorme de minha mãe. Ela, de vestido branco, branco nas meias, branco nos sapatos de salto largo e alto. De pé, com a mão esquerda repousando sobre o ombro direito do meu pai(...).

Ambos, pai e mãe, muito sérios, sisudos mesmo. Por trás, uma paisagem italiana. Mary parece uma espanhola, com o penteado e com um colar que lhe desce até o busto amplo”.

### XXX

Grande parte da ação de O Mito em Água e Sal está ambientada na Natal dos anos 20 e 30, quando Beau assistiu “Sétimo Céu”, com Janet Gaynor e Charles Farrell, no Royal Cinema, “com o pianista Pedrinho martelando o piano a todo vapor, a careca luzidia, o narigão vermelho como o do Mr. Micawber, de Dickens. Pedrinho usava uma casaca preta que arrastava poeira, um colarinho branco revirado, era o chique”.

Ou quando Beau esteve no Grande Ponto, com a “Rua dos Tocos querendo ser Treze de Maio”, jantando na casa dos parentes ricos:

“Boca da noite. O jantar farto na casa do velho Cazuza. Ve-véia, solene, a larga testa vincada, o olhar penetrante, o sorriso mal esboçado, os gestos fidalgos de grande dama, a senhora a quem todos ouviam e respeitavam, vovô inclusive. Misto de contos de fada e notícia histórica de um tempo aristocrata”.

O pequeno universo juvenil do pequeno Beau era uma mistura de realidade e fantasia, pecado, orações, filmes, heroínas bonitas



(“Eu pensava em amar, quando crescesse, Joan Crawford, Fay Wray, Anita Page. Ah, as coxas, as opulentas coxas de Anita Page!...) e admirava heróis como Buck Jones, Tom Mix, Key Maynard.

Porém, ao ficar adulto, já morando no Rio, Beau em vez de ser uma cópia dos cowboys, transformou-se no antihéroi da cidade grande. Se é verdade que encontrou a sua Anita Page, mas a amarga sofrida verdade era que Mitzi, sua paixão e perdição durante 19 anos, não lhe foi fiel como as estrelas amadas na tela do Royal Cinema.

A Mitzi de Beau existiu na vida de Salvyano – e, por causa dela, abatido pelas dores da traição e da rejeição, ele chegou a pensar em se suicidar. Porém, buscando conforto nas palavras de Spinoza, - “nenhum amor, a não ser o amor intelectual, é eterno”, - no último e doloroso (para ele) encontro entre os dois, Beau, despediu-se com um lacônico “Adeus” – com a certeza de que nunca mais voltará a vê-la.

Com a saúde fraquejando, Beau passa a conviver com a ideia da morte, junto com as tristezas da vida:

“Talvez eu não morra de enfarte. Segundo uma rameira aqui do jornal, só morre de derrame cerebral quem tem dinheiro. Porém, sem dúvida, posso morrer de desamor”.

E Beau Cavalcanti de Albuquerque Dantas e Oliveira morreu, depois de sentir um mal-estar súbito, em 1973.

Salvyano Cavalcanti de Paiva morreu em 2004 – sabendo que não houve leitores para o livro sobre a sua vida.

**VALÉRIO DE ANDRADE** é jornalista e escritor. Pesquisador cultural, crítico de cinema e televisão. Documentarista. Criador do Festival de Cinema de Natal. Pertenceu ao quadro de colunistas do Correio da Manhã e do Jornal do Brasil. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

# NÍSIA FLORESTA:

FEMINISTA QUANDO NEM SE FALAVA SOBRE ISSO NO BRASIL (1)

*Leonam Lucas Nogueira Cunha*

## INTRODUÇÃO

Nísia Floresta Brasileira Augusta foi, sem sombra de dúvidas, uma mulher à frente do seu tempo. Rompendo a bolha asséptica e asfixiante destinada às mulheres ao longo da história, principalmente no que tange ao século XIX, período em que viveu nossa feminista, Nísia recusou-se a ocupar um lugar de alteridade e jugo, e empreendeu interessantíssimos trabalhos enquanto militante feminista e antiescravocrata, e também enquanto educadora e escritora (de crônicas, ensaios, novelas e poemas).

Brasileira, nacionalmente ainda pouco reconhecida, nas últimas décadas foi elegida como objeto de pesquisa de muitas estudiosas e muitos estudiosos. Hoje, mais de um século depois, obtém alguns reconhecimentos. Um exemplo é que ela dá nome ao município onde nasceu, situado ao leste do estado do Rio Grande do Norte, antes chamado Papari, que passou a chamar-se Nísia Floresta.

Nísia publicou, ao todo, quinze livros, no Brasil e na Europa, dos quais restam algumas edições perdidas ou nunca localizadas: dois romances, um dos quais publicado na França, e uma novela. Outros volumes são também de difícil localização, não constando de nenhuma biblioteca ou arquivo do Brasil, mas de arquivos no estrangeiro: Estados Unidos, França, Itália, por exemplo.

Outra dificuldade pela qual passam as estudiosas e estudiosos da vida e obra de Nísia Floresta é que, provavelmente devido às intrincadas questões de gênero da época, nossa escritora utilizou-se de pseudônimos e nomes diversos: Brasileira Augusta, Floresta Augusta, Augusta Brasileira, N. F. B. A., B. A., e até Tellesila e “Une



Bresiliënne”, como bem nos lembra a pesquisadora doutora Constança Lima Duarte (DUARTE, 1995, p. 13).

Neste estudo, vamos percorrer os caminhos da vida e obra de Nísia Floresta, feminista que, assim como tantas outras, são mais que imprescindíveis ao momento atual. E argumentamos a sua vital importância por meio de uma figura de linguagem de um trecho textual: na apresentação do livro “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, de Zélia Maria Bezerra Mariz, o jurista Francisco das Chagas Pereira refere-se à Nísia como um “precioso adereço intelectual” (MARIZ, 1982, p. 7).

Ainda que o caríssimo senhor Francisco das Chagas a considere “preciosa” e “intelectual”, coisifica-a, retira-lhe a personalidade, reduzindo-a à categoria de objeto, de “adereço”. Nossa intenção com este rápido estudo, incapaz e insuficiente para abarcar a grandeza dessa mulher, é mostrar que Nísia Floresta, assim como todas as demais mulheres do mundo, são muito mais do que meros “adereços”.

## • PRIMEIROS ANOS

Nísia Floresta nasceu a 2 de outubro de 1810 na cidade de Papari, Rio Grande do Norte, Brasil, e foi registrada – com os sobrenomes paternos – como Dionísia Gonçalves Pinto.

A economia do povoado de Papari, à época, era impulsionada de forma muito acanhada pela pesca e pela agricultura, o que evidenciava um certo atraso. A precariedade educacional evidenciava-se pelo fato de não haver escolas; de modo que as ordens religiosas da região ofereciam instrução a um exíguo número de crianças. Além de tudo, a educação existente era segregadora: aos meninos ensinava-se a ler, a escrever e a realizar operações matemáticas básicas; e às meninas, ensinava-se a como realizar trabalhos manuais (ALMEIDA; DIAS, 2009, p. 14).

Nossa feminista, filha de um advogado português e uma dona de casa brasileira, vive seus primeiros anos no sítio Floresta, propriedade de sua família, até eclodir a Revolução Pernambucana de

1817, movimento separatista que reivindica independência à Coroa Portuguesa e que tem como bandeira o antilusitanismo. Em sendo o pai de Nísia Floresta de origem portuguesa, sofrem perseguições políticas e abandonam a cidade, regressando tempos depois.

Nísia deixa em definitivo o sítio Floresta em 1824 e parte para Goiana, no estado de Pernambuco, onde haviam vivido os anos da Revolução Pernambucana. Àquela altura, já há um ano casada com Manoel Alexandre Seabra de Melo por imposições familiares, haja vista a quantidade de terras de que era proprietário esse senhor, abandona o marido e põe fim ao matrimônio de conveniências.

Ao final da década de 1820, neste momento residindo a família em Olinda, Pernambuco, seu pai é assassinado e, logo em seguida, casa-se Nísia com o advogado Manuel Augusto de Faria Rocha. Em princípios de 1830, nascem sua filha Lúvia e seu filho Augusto Américo.

## • PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

É em 1931, em Pernambuco, que Nísia publica seus primeiros textos. São artigos que abordam sobre a condição da mulher em várias civilizações antigas, e vêm a público pelo jornal “Espelho das Brasileiras”. A pesquisadora Constância Lima Duarte explica: “As reflexões sobre as condições femininas estavam [...] entre as primeiras que motivaram e levaram Nísia a escrever para o público de seu país. Estas mesmas questões – utilidade social das mulheres, atitude injusta dos homens – serão retomadas em diversos outros futuros escritos” (DUARTE, 1995, p. 23).

Nísia publica, em 1932, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que chama de uma tradução livre de *Vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft. No entanto, Constância Lima Duarte nos explica melhor:

Este livro, inspirado principalmente em Mary Wollstonecraft (...), mas também nos escritos de Poulain de la Barre, de Sophie, e nos famosos artigos da “Declaração dos Direitos da Mulher



e da Cidadã”, de Olympe de Gouges, deve ser considerado o texto fundante do feminismo brasileiro, pois se trata de uma nova escritura ainda que inspirado na leitura de outros (DUARTE, 2003, p. 153).

Assim, o que Nísia chamou de “tradução livre” é muito mais do que isso, uma vez que se inspirou na obra de Wollstonecraft – e em outros textos – para inserir essas discussões no momento histórico brasileiro. DUARTE (1995, p. 24) alerta para a importância desse livro e assevera que essa publicação deu à nossa feminista o título incontestável de precursora dos ideais de igualdade e independência da mulher no Brasil, haja vista não ser conhecido nenhum outro texto anterior que trate do tema.

Logo em seguida, muda-se para o Rio Grande do Sul e, no ano de 1833, morre seu marido Manuel Augusto. Vivendo em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Nísia cursa o magistério e, ao que tudo indica, é professora e mantém ali um colégio. Eclode, então, uma guerra civil, popularmente conhecida como Revolução Farroupilha, movimento com ideais liberais que questiona o governo imperial. É nesse período que Nísia torna-se amiga de Giuseppe Garibaldi, um dos líderes do movimento, que logo ficou conhecido como herói nacional.

Tudo indica que alguns artigos em jornais da época foram escritos por Nísia, no entanto, é impossível estar seguro de sua autoria já que por diversas vezes utilizava-se de pseudônimos. Os textos a ela atribuídos tratam sobre política, educação, etc.

Passa a viver, por conta do clima instaurado pela revolução, na cidade do Rio de Janeiro, onde funda um colégio de instrução para meninas. Nísia teve dificuldade em manter o colégio como instituição de prestígio justamente porque incluía discussões a favor dos “direitos do sexo fraco”. Constância Lima Duarte conta sobre as severas críticas que Nísia recebeu pelo modo como dirigia o colégio e, em suma, diz que:

No caso do Colégio Augusto as críticas feitas eram, na realidade, elogios, isto é, demonstravam o avanço de suas propostas educacionais e declaravam o quanto era difícil aceitá-las. A pedagogia nísiana partia do pressuposto de que a mulher merecia também um estudo mais profundo, com o conhecimento de matérias até então reservada aos homens, como o latim. Daí as resistências encontradas naquele ambiente patriarcal e a campanha movida pelo conservadorismo. (DUARTE, 1995, p. 35).

Nesse período vivendo no Rio, tempo marcado por revoluções que punham em xeque a forma com que Portugal administrava o Brasil, em que muitos movimentos eclodiram reivindicando a liberdade do país em relação a Portugal, Nísia Floresta fez várias conferências relativas a republicanismo, liberdade de culto e abolição da escravatura.

Em 1842, Nísia Floresta Brasileira Augusta publica “Conselhos à minha filha”, dedicado à sua filha Lívia, o qual assinou com o nome F. Augusta Brasileira. O livro teve grande repercussão nos anos seguintes e está muito ligado à questão educacional, pretendendo transmitir ensinamentos por meio de “exemplos de conduta considerados ideologicamente positivos, ao mesmo tempo em que condenam outros por serem prejudiciais à sociedade” (DUARTE, 1995). Têm a mesma tônica escritos seguintes, como “Discurso que às suas educandas dirigia Nísia Floresta Brasileira Augusta”.

Ano muito profícuo para a escritora e educadora foi o de 1847, em que deu à luz três novas publicações: “Daciz ou A jovem completa”; “Fany ou O modelo das donzelas” e “Discurso que às suas educandas dirigia Nísia Floresta Brasileira Augusta”.

Seu livro seguinte, “A lágrima de um Caeté”, longo poema de mais de setecentos versos, o qual assinou com o pseudônimo de Tellesilla, foi publicado em 1849 e tratava sobre a situação vivenciada pelos índios do Nordeste brasileiro, que foram submetidos ao jugo



e à degradante colonização portuguesa, e sobre a Revolução Praieira que acontecia naqueles anos.

De acordo com Stélio Toquato Lima (2013, pp. 79-80), neste livro de poemas, Nísia se mostra simpática a um movimento de caráter revolucionário que concilia indianismo e faz apologia à revolução, e nega-se a tratar o índio como uma figura que escamoteava as contradições do governo imperial. Explica (LIMA, 2013): “dito de outro modo, utilizando-se do indianismo como um meio de manifestar seu posicionamento político, Nísia Floresta erige um retrato que, em alguns pontos, destoa da imagem estereotipada de nossos românticos”. Isto é, de forma diversa dos escritores românticos, que pintavam o índio dentro de uma paisagem edênica, idealizado como selvagem, alheio às preocupações nacionais, Nísia aborda em seu poema sobre o índio real, fruto das contradições vividas à época, ser que não está apartado nem da história nem da política.

No mesmo ano, 1849, por questões de saúde de sua filha Lívia, seguindo recomendações médicas de que “mudassem de ares”, viaja à França. E em 1850 é publicado no Brasil “Dedicação de uma amiga”, um romance de caráter histórico. Nesse período no continente Europeu, fez diversas viagens, as quais foram relatadas em vários escritos seus.

Nísia, depois de assistir a uma palestra dada pelo próprio Auguste Comte, interessada pelas ideias positivistas – sobretudo no que tange aos conceitos de “solidariedade”, “humanidade”, “povo” –, começa uma amizade com Auguste Comte, com quem se corresponde por bastante tempo.

Volta ao Brasil no ano de 1952; o Rio de Janeiro era surpreendido por uma epidemia de “febra califórnia”, como chamavam, frente à qual nossa feminista atuou voluntariamente como enfermeira para ajudar aos doentes.

“Opúsculo Humanitário”, compilação de sessenta e dois artigos dedicados à educação feminina, é então publicado na cidade do Rio de Janeiro em 1853. Nesses textos, “Nísia Floresta tece co-

mentários sobre a Ásia, a África, a Oceania, a Europa e a América do Norte, antes de tratar do Brasil e da mulher brasileira, sempre observando a relação existente entre o desenvolvimento intelectual e material do país (ou o seu atraso), com o lugar ocupado pela mulher” (DUARTE, 1997).

Dois anos depois, são publicadas duas crônicas: “Páginas de uma vida obscura” e “Passeio ao aqueduto da Carioca”. E, em 1856, mais uma crônica, cujo título é “O pranto final”, e um livro de poesias, “Pensamentos”; este último traduzido ao italiano e ao francês.

Algumas críticas são tecidas, por exemplo, a esse livro de poemas, uma vez que tenta conduzir uma visão bastante moralista sobre o que é a virtude feminina e como a mulher deve ser virtuosa (enquanto em outras publicações, outrossim, faz-se referência ao paradigma da “boa filha”). Mas, ao mesmo tempo, em “Pensamentos”, encontram-se versos com um teor bem distinto, como os abaixo transcritos:

#### VIII

Os homens que pretendem, egoístas,  
Das ciências vedar-nos os arcanos,  
Contra si pronunciam, sem o crerem,  
Sentença, que lhes traz terríveis danos!

### • OBRAS PUBLICADAS DURANTE LONGA ESTADIA NA EUROPA (1856-1872)

Viaja outra vez à Europa. Em Paris, nos anos que se seguem, mantém o contato com o filósofo positivista Auguste Comte, respeitosa amizade confirmada por meio de cartas que trocaram entre si. No ano de 1857, seu “Itinerário de uma viagem à Alemanha” é editado em francês, composto por cartas direcionadas a seu filho e a seus irmãos sobre impressões das cidades alemãs pelas quais viajou.

Neste período no Velho Mundo, Nísia publicou edições de livros anteriores traduzidos ao francês e ao italiano. Depois de haver fixado residência em Florença, Itália, em 1864 publica “Trois Ans en Italie, suivis d’un voyage en Grèce”, que trata, num contexto da independência italiana, sobre as questões culturais do país, seus problemas sociais e políticos.

Um ano depois, vem à luz em Londres uma tradução inglesa de um ensaio de Nísia, intitulado “Woman”. E, em 1867, é publicado na França o romance “Parsis”, edição essa que até hoje se encontra desaparecida.

No ano de 1871, Nísia Floresta publica “Le Brésil”, livro que trata de um tema de grande relevo para a obra dela, ao qual muito se dedicou: o ufanismo brasileiro. E logo, no ano seguinte, regressa ao Brasil e encontra o país num contexto de lutas muito interessante, questões sobre as quais Nísia, pioneiramente, teceu opiniões e sustentou debates.

- ÚLTIMOS ANOS
- NO BRASIL, DE 1872 A 1875

O contexto histórico do Brasil nessa época estava permeado por muitos processos. Em relação ao movimento abolicionista, do qual Nísia décadas antes fora defensora, Constância Lima Duarte disserta: “A campanha abolicionista [...] finalmente tornava-se um movimento dinâmico que atuava através de sociedades [...]”. Mas a despeito do esforço dos abolicionistas, os avanços em direção à liberdade dos negros eram lentos” (DUARTE, 1995, p. 57). E quanto ao movimento republicano: “O movimento republicano se organizava e os liberais não se cansavam de mostrar que o Brasil era o único império entre tantas repúblicas na América Latina” (DUARTE, 1995, p. 57).



Nísia Floresta foi uma visionária, uma mulher à frente do seu tempo porque, desde os anos 30, para além de sua atuação feminista, defendia também essas ideias, todas relacionadas a seus anseios pela completa liberdade.

Depois dessa estadia em terras sul-americanas, sabe-se que Nísia deixa em definitivo seu país em 1875, e fixa residência no continente Europeu, tendo vivido em diversos países (Inglaterra, Portugal, França, Itália).

- NA EUROPA, ATÉ SUA MORTE

Em 1878, vem à luz em Paris sua última publicação: “Fragments d’un ouvrage inédit – Notes biographiques”. Conforme explica Constância Lima Duarte, este livro traz informações sobre o seu irmão, Joaquim Pinto Brasil, e dados biográficos sobre a vida de Nísia Floresta que até o momento não haviam sido por nenhum meio revelados (DUARTE, 2010, p. 158).

No período final de sua vida, em que fixou residência em Rouen, França, e depois em Bonsecours, só se tem notícia sobre a publicação mencionada no parágrafo anterior. Há sugestões de alguns biógrafos de que Nísia deixou trabalhos inéditos, mas não foram encontrados manuscritos.

Provavelmente Nísia passou por um momento delicado, durante o qual não publicou livros, devido ao desenvolvimento de uma pneumonia e à luta contra essa enfermidade, que a levou à morte na cidade de Bonsecours, França, no ano de 1885.

Os restos mortais de Nísia Floresta foram levados ao Brasil em 1954 e jazem ao lado de um monumento construído em sua homenagem em 1909, localizado próximo a sua antiga casa.

## • OBRAS PÓSTUMAS

De acordo com a pesquisadora Constância Lima Duarte, estas são as seguintes obras publicadas depois da morte de nossa escritora. A primeira, pelo Centro do Apostolado do Brasil, em 1888, é “Sete cartas inéditas de Auguste Comte a Nísia Floresta”, no Rio de Janeiro.

Depois, em 1903, o jornal *A República* publica as cartas de Auguste Comte, original e tradução. E no ano de 1928, publica-se “Auguste Comte et Mme Nísia Brasileira (Correspondance)”, por uma editora parisiense.

Nos anos seguintes, são publicadas várias reedições de livros de Nísia. E, quanto às cartas de Nísia Floresta destinadas a Auguste Comte, essas só serão publicadas no Brasil em 2002, na cidade de Florianópolis.

(Continua na próxima edição)

**LEONAM CUNHA** é poeta e escritor. Graduado em Direito pela UFRN, atualmente faz doutorado em Salamanca. Publicou três livros de poemas: *Gênese* (2012), *Dissonante* (2014), e *Condutor de Tempestades* (2016)



# MARCAS DE LAÇOS AFETIVOS ENTRE A SINHÁ-MOÇA E AS ESCRAVIZADAS NO LIVRO OITEIRO (MEMÓRIAS DE UMA SINHÁ-MOÇA)

*Margareth Pereira*

Madalena Antunes Pereira (1880-1959) nasceu em Ceará-Mirim no engenho Oiteiro onde viveu sua infância até ser levada pelos pais para estudar no colégio interno São José na cidade de Recife. Manteve após seu retorno ao Ceará-Mirim, no solar Antunes, um salão literário, onde ocorriam animados saraus, frequentados pelos intelectuais da época. Somente em 1958 publicou o livro *Oiteiro (Memórias de uma Sinhá Moça)* pela editora Irmãos PONGETTI/ Rio de Janeiro. A autora afirma na página 05 do seu livro que não teve o intuito de publicar quando começou a escrever suas memórias e que só o fez porque teve o incentivo de Câmara Cascudo, Nilo Pereira e Palmyra Wanderley.

Um livro que teve bastante repercussão entre os intelectuais potiguares à época por ser de memórias, pela qualidade literária e importância sociológica e historiográfica *Oiteiro* foi um dos primeiros livros memorialistas do RN. É na perspectiva histórica, mas principalmente por conceber a literatura não apenas como forma de deleite, mas também como responsabilidade social, que, neste trabalho, se tem a intenção de destacar os traços escravistas presentes na obra de Madalena Antunes.

Situando o período abolicionista no RN, nos reportamos a Câmara Cascudo que na sua “História do Rio Grande do Norte”, escreve (pág. 188): “Nunca possuímos escravaria em número elevado nem mesmo compatível com as necessidades da indústria açucareira. Gente pobre, relativamente ao padrão de outras províncias, comprávamos poucos escravos”.



Embora esse seja o cenário geral do RN e que se refletiu também no vale do Ceará-Mirim, no seu livro de memórias, a escritora Madalena Antunes não especifica quantos escravizados havia no engenho Oiteiro no ano de 1887. Independentemente desses dados, o que se pretende é demonstrar que há uma carga afetiva muito forte presente nas reminiscências da narradora memorialista, quando ela se refere à escrava da família, a sua “mãe preta”, Francisca, carinhosamente chamada de Patica e à sua dama de companhia Tonha. O tratamento familiar existente entre a Sinhá moça e as escravas refuta os conceitos gerais, de que os escravizados são pessoas maltratadas.

## 1. A SINHAZINHA E SUA RELAÇÃO AFETUOSA COM AS ESCRAVIZADAS

Patica era a contadora de histórias que a cercava de cuidados e mimos. A pessoa que cuidava da comida e do asseio pessoal da Sinhazinha. “Penteava-me os cabelos, vestia-me com esmero, zelava pelo meu asseio corporal, cuidava da higiene alimentar e foram sem conta as noites passadas em claro, quando eu, doente, embalando-me o punho da rede sonolenta, cantarolava”(…)(ANTUNES. p.49)

Era uma relação maternal que a fazia enxergar apenas qualidades da “mãe preta”, inclusive, ao descrevê-la fisicamente, o faz com muito romantismo, levando o leitor à imaginá-la como a narradora personagem a retrata: “Ao sorrir, os lábios escuros pareciam uma cortina de veludo negro, entreabrindo-se para deixar ver ao fundo, um mostruário de pérolas. O nariz achatado lembrava pequena borboleta palpitante e cinzenta, de asas abertas e espalmada sobre as faces angulosas”.(p.50)

Não se vê em toda a narrativa menção afetuosas à sua mãe biológica, mas ela se derrama em elogios e demonstrações de amor à Patica:

Os olhos retintos, porém de expressão cismadora e cândida dos olhos do fiel de guerra Junqueiro. Derramavam tonalidades brandas pela lustrosa e

carrancuda fisionomia, tal como as águas caídas do céu refrescam a dureza dos rochedos. Tinha na voz dolente e arrastada a tristeza do banzo africano.

Feíssima! Diziam todos.

Linda! Dizia eu...

Cheirava à murta e à manjerição. (ANTUNES p.50)

É inegável o jeito carinhoso e amável como a narradora personagem se refere à escrava Patica, porque isso salta aos olhos do leitor em vários capítulos. Essa afetividade é comparada à de sua mãe quando a Sinhazinha, ainda menina, queria uma roupa de boneca e a mãe biológica se nega a comprar. Querendo agradecer a menina, a mãe Preta comprou com o dinheiro de suas economias:

(...) pois bem, Patica foi à mala de pregaria, que aberta era um encanto para mim, não sei por que, pois só continha vestidinhos baratos, trouxinhas de retalhos(...) e a escrava, envolta em dissimulação trouxe de lá a quantia estipulada e comprou o vestido para minha boneca.(p.63)

É também cheia de afetividade sua relação com a menina Tonha, sua companheira nas brincadeiras e até amiga confidente. “É hoje! Guarde segredo não me descubra... Trago pra você de lá um saquinho de briante”. (ANTUNES. p. 54)

Indiscutivelmente um olhar que faz distinção entre as pessoas pela condição social, não existia por parte da menina Madalena. Ao contrário, esta assume na narrativa um jeito ingênuo e sem discriminação de uma criança que, como todas as outras, não enxerga ainda os padrões e distanciamentos que a sociedade impõe. É uma afetividade e carinho que são cultivados pela Sinhazinha a ponto de

não esquecer a sua dama de companhia mesmo com o passar dos anos: “Quando escuto, hoje, pelo rádio, a “Julia Sapeca”, recordo-me da “negrinha descarada”, e uma saudade imensa do passado traz-me os olhos marejados de lágrimas”. (p. 58)

## 2. AS ESCRAVIZADAS E OS OUTROS

A relação existente entre as meninas sofria as interferências dos adultos e isso é perceptível nas entrelinhas quando se observa os privilégios da Sinhazinha que eram cobiçados pela negrinha Tonha:

“Eu só queria ter um esquentezinho desses pra comê bolo inté enchê a barriga”. Pobre Tonha!

Quando tinha qualquer coisa, a avó prendia-a no quarto e, com a chinela na mão, obrigava-a a tomar a “purgar de azeite” com hortelã e só comia bolacha e pão...”(p.151)

São evidências de que outras pessoas que lidavam com os escravizados no engenho não demonstravam tanto afeto assim por esses. A própria narradora descreve o seu drama quando a menina Tonha foge e é espancada ao ser encontrada.

“Acordei mais tarde com um ruído no quintal, a cancela batendo, tropel de cavalos, e logo após gritos partidos da cozinha”. (...)

A Patica alarmou-se e debruçando-se sobre mim disse com voz trêmula:

- É a negrinha apanhando pancada para não ser cavilosa...(ANTUNES p.57)

Outras pistas permeiam a narrativa e denunciam um tratamento nada amigável aos escravizados por parte de outros moradores do engenho. Ao ser questionada se ficaria com a bolsa de

dinheiro, caso a encontrasse, como fez Jorge (p.22) a negrinha Tonha responde: -“Eu? Vôte! Credo! Era lá tola pra levar uma surra de Tetê e depois ir para debaixo da tacha, como fazem comigo quando apanham comendo barro”? (Antunes. p. 22)

É nesse contexto que se verifica um movimento social em prol do abolicionismo, ainda preso a uma cultura de que o negro deveria ser maltratado. Naquela época também existia, nos arredores do engenho Oiteiro, senhores que ainda hoje são lembrados pela má fama de maltratar seus escravos:

Imaginavam como iria ficar a dona Dondon que queimava as negras com o ferro de engomar em brasa, quando lhe tostavam os vestidos; a dona Joaquina, que prendia o lóbulo da orelha da escrava no portal e, depois chamava-a de certa distância, imperiosamente, tendo a escrava que atender, senão seria pior...”.(ANTUNES, p.66)

Talvez em tom de defesa dos “opressores” Nilo Pereira destaca em *Imagens do Ceará-Mirim* que havia sim senhores que não maltratavam seus escravos:

havia senhores de escravos que não os tratavam como coisa ou como simples objeto de compra e venda. Claro que isso não é nenhum testemunho em favor da escravidão, absolutamente indefensável. Mas servirá, decerto, para atenuar o rigor com que, via de regra, se concebe a figura como que inquisitorial do senhor de engenho diante da escravaria. (p.111)

### 3. A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO NO CEARÁ-MIRIM

Ao certo, o que se constata é um período de incertezas que circundava o vale do Ceará-Mirim, principalmente em relação à

mão de obra, já que os burburinhos da abolição dos escravos estavam gerando esperanças, mas ao mesmo tempo inquietação por parte dos negros. O periódico da Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense, distribuído gratuitamente à época com a finalidade de defender o fim da escravidão e propagar o trabalho livre, levava para dentro dos engenhos, notícias do estado sobre o assunto:

Os negros mostravam-se nas senzalas vizinhas com semblantes alegres, refletindo o que confusamente ouviam pelos cafés, no mercado da cidade, nas “vendas”, e espreitava à surdina o interior das casas dos senhores. Repetiam decorados trechos dos jornais e panfletos espalhados pela cidade. (p.64)

E ainda se evidencia na página 64 do livro Oiteiro os vestígios desse movimento: “A Tonha vinha me contar: “Sinhá Lica”, os nêgos está dizendo na cozinha que vai tudo se libertá. Cada quá vai pra onde quisé...A Emilia dixe que vai pro Pará... Minha avó Tetê já dançou na cozinha, dizendo que vai pro sertão e me carrega!” (...)

Em Imagens do Ceará-Mirim, Nilo Pereira cita os 18 escravizados alforriados pela então baronesa Dona Bernarda Varela Dantas:

No dia 1º do corrente, a Exma. Sra. Baronesa do Ceará-Mirim e seu digno filho, o Sr. Alexandre Varela do Nascimento, associando o sentimento do bem à dor e à saudade que se apoderaram de seus bondosos corações por ocasião do sétimo aniversário do falecimento do seu sempre lembrado esposo e pai, o Barão do Ceará-Mirim, concederam carta de liberdade aos últimos 18 escravizados, que ainda existiam em sua companhia, de nomes—Emídio, Gregório, Mateus, Tomé, Luiz, Norberto, João Piolho, Belchior, Tiago, Januária, Maria, Jacinto, Teotônio, Ildefonso, Manuel de Moura, Quitéria, Luiza e Joana.

Percebe-se claramente que houve um movimento geral, mas que aconteceu pelas circunstâncias instaladas no Rio Grande do Norte e no Brasil. Os receios de que não fosse adiante esse movimento existiam, tanto por parte dos escravizados, como por parte dos senhores de engenho. Madalena Antunes descreve na página 62 o zelo com que sua Patica guardou a carta de alforria de seu esposo Martinho:

Espalhou-se ser uma jóia antiga, um tesouro, talvez, de rara qualidade... Mas onde teria ela adquirido tal riqueza? As versões tomavam aspecto lendário. Com a morte de Patica a caixinha veio parar nas minhas mãos.

Abri-a emocionada, na presença de muitos curiosos. Dentro estava uma folha de papel esmeradamente dobrada e amarrada com uma fitinha verde. O precioso mimo era – a carta de Alforria do Martinho!

É ainda Nilo Pereira que diz no *Imagens do Ceará-Mirim* que os senhores de engenho se anteciparam em libertar seus escravizados mesmo diante de um cenário conturbado onde o império iniciava em 1888 com um governo escravista que alegava a necessidade de se manter ainda escravos para garantir o funcionamento da economia:

Entretanto, o Império iniciava o ano de 1888 com um “governo escravista”, que tinha a intenção de prorrogar o fim do trabalho servil o quanto fosse possível, com um discurso que não era a favor da escravidão, mas que ela deveria ser mantida devido às circunstâncias. Eis um possível vestígio para justificar a criação de um grupo abolicionista na capital potiguar, posto que não visualizava-se num horizonte da política nacional o fim da escravidão, ao menos no início de 1888. Destarte, o grupo potiguar objetivava o fim da escravidão no seu território para servir de exemplo para que o mesmo ocorresse nas demais províncias.

Assim , verifica-se no livro de Memórias *Oiteiro* uma narradora que reúne a sagacidade e perspicácia ao contar suas histórias, cercadas de muito humor (quando se refere à negrinha Tonha), e de afetos irrestritos ao retratar sua “mãe Preta”. Além disso, é um livro que, sem dúvidas, é um aliado dos pesquisadores norte-rio-grandenses por situar o ambiente histórico e social do período abolicionista e por conter elementos significativamente comprobatórios do que existiu no interior dos engenhos.

### **Algumas considerações**

O cenário histórico social trazido pela escritora Madalena Antunes no seu livro de memórias se constitui um documento onde se percebem registros do processo de libertação dos escravizados no município de Ceará-Mirim.

É unindo o romantismo na forma poética de narrar suas memórias que a escritora traça o cotidiano no interior do engenho Oiteiro, ao mesmo tempo em que revela os anseios e os temores dos escravizados. Ao se reportar à sua “mãe Preta” e à sua dama de companhia, a narradora coloca o leitor diante de personagens escravizados que poderiam ter sido apenas citados, por exemplo, servindo um café ou coisa parecida. Ao contrário, temos a Patuca e a Tonha ocupando lugares importantes na composição da narrativa.

Desse modo, consideramos ainda que *Oiteiro* quebra padrões quando os personagens centrais não são restritamente os familiares da narradora como acontece em *Menino de Engenho*.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: História de um conceito. In: Sociologia & Antropologia. V. 02.03. p. 21- 41, 2012. Disponível em: < [http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wpcontent/uploads/2015/05/3ano2v3\\_artigo\\_angelaalonso.pdf](http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wpcontent/uploads/2015/05/3ano2v3_artigo_angelaalonso.pdf)>. Acesso em janeiro de 2019.

ANDRADE, G. Osório de. Os Rios do Açúcar do Nordeste Oriental: O Rio Ceará-Mirim. Volume 1. Editora Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1957.

BOLETIM DA SOCIEDADE LIBERTADORA NORTE-RIO-GRANDENSE. Edições diversas. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717630&PagFis=0>>. Acesso em Janeiro de 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade do Natal. 2.ed. Rio de Janeiro; Civilização brasileira, 1980.

\_\_\_\_\_. História do Rio Grande do Norte. 1. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

PEREIRA, Nilo, 1909- Imagens do Ceará-Mirim. 3ª ed. Natal, Fundação José Augusto, 1989.

SANTOS, Silvanei da Silva. Sociedade Libertadora Norte-Riograndense e o fim da escravidão no Rio Grande do Norte. Disponível em <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13976/1/2016\\_Silvanei-daSilvaSantos.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/13976/1/2016_Silvanei-daSilvaSantos.pdf)> Acesso em janeiro de 2019.

**MARGARETH PEREIRA** é professora, escritora e pesquisadora. Especialista em Literatura e Cultura do Rio Grande do Norte (UFRN). Autora do livro “CABAÚ: do Engenho ao Casario- História De Ceará-mirim” e outros trabalhos.

# ANTÔNIO DE SOUZA, UM BRASILEIRO ESQUECIDO

*Thiago Gonzaga*

Acreditamos que boa parte dos moradores do bairro Potengi, na Zona Norte de Natal, quando passam pela Avenida Governador Antônio de Melo e Souza não tenham conhecimento da imensa contribuição que esse homem deu para a política e a literatura do Estado. Pensamos dessa maneira, pois é evidente tanto no meio político como no cultural o descaso com que é tratada a memória desse grande brasileiro que foi também sinônimo de honestidade no serviço público, algo raríssimo na conjuntura atual.

Antônio de Souza, como era conhecido, foi um intelectual de primeira linha, possuía uma das maiores bibliotecas do Rio Grande do Norte, lia em francês e outras línguas. Começou sua brilhante carreira ainda moço, como jornalista, usando o pseudônimo Polycarpo Feitosa, que iria marcar toda a sua trajetória literária.

Antônio José de Melo e Souza nasceu em 24 de dezembro de 1867 no Vale do Capió, antiga Vila Imperial de Papari, hoje chamada Cidade de Nísia Floresta. Estudou em vários colégios recifenses, inclusive o Ginásio Pernambucano, e formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, em 1889. Entre outras relevantes funções, foi, por duas vezes, governador do Rio Grande do Norte, senador e procurador do Estado, durante a República Velha. No seu segundo mandato como Governador criou a Escola Normal de Mossoró; a Faculdade de Farmácia de Natal (Lei nº 498, de 02 de dezembro de 1920), a Diretoria Geral de Agricultura e Obras Públicas e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, atual Hospital Infantil Varela Santiago.

Houve durante a sua administração, um enorme crescimento do acesso das mulheres à educação, que passaram a frequentar a escola na mesma proporção que os homens. Diversos cursos eram



oferecidos, nos quais as mulheres aprendiam, inclusive, bordado, crochê, corte e costura, numa época em que as habilidades domésticas eram valorizadas pela sociedade.

No início de sua carreira, Antônio de Souza era redator do jornal *A República* e já participava da vida cultural; fundador do Grêmio Polimático, sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e também fundador da Revista do Instituto. Nomeado Promotor Público da Comarca de Goianinha (RN), aí permaneceu de 1890 a 1892.

Sempre atuante no meio literário da capital, escrevia para jornais, fazendo resenhas, editando periódicos literários, ao lado de outros grandes nomes da época, como Henrique Castriciano. Todavia só começou a publicar livros, na maturidade. No auge da sua carreira literária, foi incluso na antologia “Panorama do Conto Brasileiro” de R. Magalhães Júnior.

Como intelectual, além de jornalista, foi também poeta, memorialista, contista, e destacou-se sobretudo como romancista. Escreveu *Flor do sertão* (1929), *Gizinha* (1930), *Alma bravia* (1934), *Os Moluscos* (1938), e *Gente Arrancada* (1941), romances; *Jornal de Vila*, poesia, *Encontros do Caminho*, contos e *Dois Recifes*, memórias.

Seu único romance reeditado, *Gizinha*, foi relançado, pela Fundação José Augusto, dentro do Plano Cultural do Governador Aluísio Alves em 1965. Narrativa ficcional que se passa na década de 1920, representou, aqui no Estado, um avanço para as mulheres na sociedade com suas lutas e conquistas: mais acesso ao ensino, através da implantação de novas escolas, conquistas dos direitos políticos e civis. *Gizinha*, expressa muito dessas mudanças no comportamento feminino para a época.

Adalgiza, nome abreviado de *Gizinha*, era uma espécie de melindrosa, uma transgressora, com atitudes modernas para seu tempo; seus modos ousados chocavam a sociedade natalense. No entanto, ela acaba seguindo os padrões sociais vigentes e abdicando dos seus desejos. Casa-se e percebe que o seu casamento não era o que ela esperava, decepcionando-se com o marido, mas aceitando essa situação.



Gizinha chegou a ter uma terceira edição, em formato de bolso, publicada em 2005, pela AS Editores.

Curiosamente Antonio de Souza, só estreou em livro aos 61 anos, com *Flor do Sertão* (1928).

Na obra *O Tempo e eu* (1968) Câmara Cascudo traçou o perfil de Antônio de Souza, descrevendo-o como uma pessoa sisuda: “Alto, pálido, carnadura sólida, os cristais dos óculos aguçando o olhar penetrante e míope, quase surdo, arredio, alheado a qualquer vínculo social, amando a solidão, as leituras intermináveis, desconfiando do desinteresse humano, inimigo de cerimônias oficiais...” Em outro trecho, Cascudo continua a descrever Antônio de Souza, como resistente às mudanças que vinham ocorrendo na cidade do Natal: “Era, naturalmente, cheio de idiossincrasias, restrições, antipatias. Implicava com as danças modernas daquele tempo, ragtime, two-steps, tango argentino”.

Além dos cargos mencionados, que ocupou com honradez e competência, Antônio de Souza, já no período pós-Revolução de 30, atuou como substituto do Interventor, por diversas vezes. Aposentou-se em 1935, nas funções de Consultor Jurídico do Estado. Faleceu, praticamente anônimo e solitário na cidade do Recife no dia 05 de julho de 1955.

Em 2016, o escritor Manoel Onofre Júnior, em edição do Selo Caravela Cultural e a 8 Editora, publicou ensaio, dentro da Coleção Presença, *Polycarpo Feitosa – O Excêntrico Dr. Souza*, espécie de livro de bolso que resume um tanto da vida e obra desse ilustre potiguar. E pelo que nos parece não foi suficiente ainda, até o momento, para que os potiguares redescubram Antônio de Souza ou Polycarpo Feitosa, um brasileiro esquecido.

**THIAGO GONZAGA** é escritor e pesquisador, mestre em estudos da linguagem (UFRN). Autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar”, “Os Grãos – Ensaio Sobre Literatura Potiguar Contemporânea” e outros livros.

## O LEGADO CULTURAL DE LENINE PINTO\*

*Manoel Osnofre Jr.*

No Centro de Velório um filho do falecido, gentilmente, me abre a porta da sala nº 4. Lá dentro, deitado no esquife, emergindo de flores em profusão, o corpo de Lenine Pinto, enfim, descansa depois de longa luta com a indesejada das gentes. Sua face, prestes a virar cinzas, estampa uma grande serenidade. Olho ao redor e, para minha surpresa, vejo uma única pessoa, a secretária geral da Academia Norte-rio-grandense de Letras, acadêmica Leide Câmara. A um canto uma coroa de flores, homenagem da ANRL, instituição a que Lenine pertencia. Procuro o livro de presença e nele vejo as assinaturas de algumas pessoas, que ali estiveram antes de mim, inclusive intelectuais, confrades do extinto, poucos, aliás.

-o-

Filho de Adamastor Pinto e Maria de Barros Pinto, Lenine de Barros Pinto nasceu no Recife no dia 12 de maio de 1930, e criou-se em Natal, sua terra adotiva, mas passou boa parte de sua vida em Brasília, onde exerceu o cargo de assessor parlamentar, no Senado Federal. Aposentando-se, voltou a morar em Natal.

O dom da escrita e o amor pelos livros pareciam estar no próprio sangue; pertencia a uma família de homens de letras, da qual também faziam parte os escritores José Pinto Junior e Lauro Pinto, e o jornalista José Mariano Pinto.

Dividindo-se entre a pesquisa histórica e a memorialística, Lenine deixou obra significativa, composta de vários livros e opúsculos, dentre estes “Natal, USA - II Guerra Mundial: A Participação do Brasil no Teatro de Operações do Atlântico Sul” ( 1 ) , alentado estudo, focalizando, especialmente, Natal em face da Base Aérea norte-americana, Parnamirim Field, e “Reinvenção do Descobri-

mento” (2), obra em que defende a sua ousada tese de que o descobrimento do Brasil não se deu em Porto Seguro, na Bahia, mas, sim, na costa do Rio Grande do Norte. Ambos os livros muito bem escritos, pois Lenine era um verdadeiro escritor, dono de estilo aliciente. Nos próprios títulos dos seus livros deixa-se entrever o artista da palavra; veja-se, por exemplo, “O Mando do Mar” (3), seu trabalho mais recente, escrito quando ele, já bem idoso, padecia de algumas enfermidades – obra esta que, afora a beleza do título, não está à altura das anteriores de sua autoria.

Sobre “Natal, USA”, talvez o seu melhor livro, Veríssimo de Melo, escritor e jornalista, membro da ANRL, escreveu resenha, publicada no periódico “Notícias Culturais”, de Fortaleza (CE), ano V, nº 52, na qual, depois de focalizar diversos aspectos da obra, afirma, com justeza:

“...num livro definitivo de extraordinária riqueza de informações e novas interpretações do conflito. O volume ainda se alarga em notas e comentários sobre a guerra em Natal, com depoimentos pitorescos sobre o impacto da presença norte-americana na nossa cidade”.

Comparando “Natal, USA” com dois outros livros sobre idêntico tema - “Trampolim da Vitória”, de Clyde Smith Jr., e “Contribuição Norte-americana à Vida Natalense”, de Protásio Melo -, Veríssimo diz:

-“O livro de Lenine Pinto é pesquisa mais abrangente. Ele trouxe novos fatos e interpretações com base em documentação até então desconhecida.”

E acrescenta:

“Tudo escrito no seu estilo primoroso, sem desprezar a graça e humor de episódios ligados a pessoas que aqui participaram dos trabalhos na defesa da cidade”.

Tendo lido, atentamente, “Natal, USA”, assino embaixo das palavras do mestre Veríssimo de Melo.

Outra obra de Lenine Pinto que aborda o tema da II Guerra, porém sob ângulo diverso: “O Reino das Bestas Feras” (4). Trata-se de uma introdução à história da Alemanha Nazista. A 2ª Guerra Mundial Através da Biografia, como diz o subtítulo.

Com maior repercussão, inclusive em âmbito nacional, “Reinvenção do Descobrimento” tem suscitado muitas polêmicas. Além de ser um desafio à historiografia “oficial”, também se distingue pela sua relevante qualidade literária. *Se non é vero é bene trovato*...

Um livro do início da carreira do autor – “Os Americanos em Natal” (5) considerado obra menor, desperta, no entanto, bastante interesse. Os assuntos nele abordados seriam objeto de estudo mais aprofundado em “Natal, USA”.

Ainda do começo da carreira do autor, “Natal, RN” (6), uma incursão pela memorialística, trazendo painel da Natal de outrora, quando a cidadezinha provinciana vivia a sua *belle époque* temporã.

Com muita sensibilidade, o autor evoca figuras e fatos que ficaram como que incrustados em sua memória: o círculo de amizades, as famílias tradicionais, as festas, os tipos populares e pitorescos, o apogeu do bairro da Ribeira, o reflexo da II Guerra Mundial na vida cidadina, os carnavais, etc.

Para que se tenha uma ideia, embora *en passant*, do teor de sua prosa, transcrevo a seguir alguns trechos do mencionado livro.

Referindo-se à Rua Dr. Barata, principal artéria de Natal nos anos 40, Lenine afirma:

“E de súbito mergulhei na rua famosa, memória dos anos melhores da Cidade, cujos passantes o fotógrafo Mauricio registrou em instantâneos leves e graciosos, numa tentativa surrealista de eternização. E deve tê-la conseguido, pois não existe quem, com mais de 40 primaveras, não tenha o registro de caminhar por ali, puxado pela mamãe” (p.37).

Após citar personalidades internacionais que, em visita a Natal, passaram pela Dr. Barata, inclusive astros de Hollywood, como Humphrey Bogart e Fredric March, Lenine diz:

“Um dia suspenderam o “black-out”. A guerra terminara.

De um ou outro avião esporádico que ainda passou por Natal, deixaram-se conhecer o toureiro Manolete, o campeão de automobilismo Juan Manoel Fangio, a figura fascinante de Eva Peron, e o General Charles De Gaulle.

A Dr. Barata voltou aos seus personagens, como volto a tri-lhar sua calçada gasta, sabendo que ninguém vai recuperá-la para destino melhor” (p.40).

Eis aí, portanto, uma breve amostra do prosador notável em que se deixa entrever o poeta, que também foi.

Na verdade, ainda jovem, Lenine incursionou pelo domínio das musas. A título de curiosidade, transcrevo a seguir um dos três poemas de sua autoria, que o pesquisador Thiago Gonzaga conseguiu localizar em coleções de antigos jornais.

DE AMOR

De inconstante momento

A desencontrada fuga.

O quarto teria um número, e a única janela abriria para o mar.

Na desmemória seríamos dois abraçados na noite.

Na madrugada

Diante do som sonâmbulo do repetido,

A sombra única e intacta.

Delírios

E sinto o teu corpo onde pousaram os últimos adeuses de  
(marinheiros tristes.

De marinheiros tontos e repugnantes.

Também sei de mãos sensuais e de lábios guardados na  
(vergonha dos remorsos.

Imutáveis como a face do enigma.

Tanto foi o pecado

Tanto o desejo.

Agora, também me vou

-Eu !

Sem rota, indicação em mapas, quadrantes de falsa bússola.

Ou outro porto.

(Mais bêbado ainda,

Dentro da minha lenta melancolia de barco).

-0-

Além das obras acima citadas, as quais bastariam por si só para consagrá-lo como um dos nossos maiores historiadores, Lenine Pinto escreveu, complementando-as, os livros “Ainda a Questão do Descobrimento – Evidências náuticas e fontes documentais que apontam a área do Cabo de S. Roque-RN, como provável ancoradouro de Pedro Álvares Cabral” (7) e “A Integração do Rio Grande do Norte e do Amazonas à Província do Brasil” (8), este em parceria com Gerardo Pereira. Organizou e apresentou “A Coleção José Gonçalves” (9), com alguns textos do escritor potiguar José Gonçalves de Medeiros e fortuna crítica a respeito do mesmo. Publicou ainda vários opúsculos sobre as temáticas de sua predileção - o descobrimento do Brasil e a II guerra mundial -, e, em parceria com Antonio Pinto de Medeiros, “Apontamentos da Rua 15 de Novembro” (10), raridade bibliográfica à qual não tive acesso.

Como se não bastassem tantas atividades, o operoso autor ainda achou tempo para dedicar-se à pesquisa de vários outros assuntos, como, por exemplo, a difusão do jogo do xadrez em Natal e a história do Cemitério dos Ingleses, nas imediações da Redinha.

Quando foi eleito para a cadeira nº 34 da ANRL, em 2002, encontrava-se na plenitude da sua obra literária e historiográfica, e, assim, veio enriquecer o patrimônio cultural da Casa de Câmara Cascudo e Manoel Rodrigues de Melo.

Lenine Pinto faleceu em Natal no dia 23 de junho de 2019.

Fosse ele jogador de futebol afamado ou astro da música brega, teria recebido grandes homenagens, em sua despedida desta aldeia de Poti – desfile do féretro, em carro aberto, pelas ruas; discursos à beira do túmulo; em suma, todas as pompas fúnebres. Mas, Lenine, com o seu jeitão de D. Casmurro, não iria querer nada disto.

Sentindo, profundamente, a perda do eminente confrade, todos nós, acadêmicos, reverenciamos a sua memória, na certeza de que o seu nome há de ficar, para sempre, como o de uma das mais altas expressões da *Intelligentzia* norte-rio-grandense.

#### Notas

1- Natal: RN Econômico, 1995. Edição fac-similar: Natal: Sebo Vermelho Edições, 2015.

2- Natal: RN Econômico, 1998.

3- Natal: Sebo Vermelho Edições, 2015.

4- Natal: Gráfica Print, 2007.

5- Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1976. Edição fac-similar: Natal: Sebo Vermelho Edições, 2000.

6- Brasília: Senado Federal, 1976. Edição fac-similar: Natal: Sebo Vermelho Edições, 2018.

7-Natal: RN Econômico, 2000.



8-Natal: RN Econômico, 1998.

9-Natal: Sebo Vermelho Edições, 2002.

10-Natal, 1948

**\*Artigo lido em sessão da Academia Norte-rio-grandense de Letras, realizada em 2019.**

**MANOEL ONOFRE JR.** é desembargador aposentado e escritor. Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potiguares” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.



# NOTA SOBRE AS RAÍZES DA POESIA POTIGUAR

*Horácio Paiva*

O Rio Grande do Norte, apesar de ter seu território, sobretudo seu litoral, conhecido e mapeado pelos europeus (portugueses, espanhóis e franceses) desde o início do ciclo de suas grandes descobertas marítimas e da expansão de sua colonização, no século XVI, somente veio a intensificar-se como polo social e cultural autônomo a partir de meados do século XIX (quando deixou a dependência econômica e política de Pernambuco), não obstante bem antes ter sido demarcado como Capitania Hereditária (na colonização portuguesa) e, depois, Província. Com o advento da república (1889), tornou-se Estado. Antes disso, todo o Nordeste oriental brasileiro (Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Leste do Ceará) tinha, como centro político e civilizatório, Pernambuco. Aliás, Recife, capital de Pernambuco, fora a capital do Brasil holandês.

É inegável a grande influência da lírica portuguesa (diria mesmo galego-portuguesa) no surgimento e desenvolvimento da poesia no Brasil literário e, notadamente, no Nordeste, principal herdeiro dessa notável vertente, que também se expressou e ainda se reproduz na oralidade dos “cantadores de viola” (verdadeiros aedos que no passado saíam, de cidade em cidade, a cantar seus romances) e no cordel, cujos folhetos traduzem não apenas o lirismo da alma popular, mas todo um conhecimento que remonta à Idade Média e à Antiguidade. Aí temos romances de amor, cavalaria, heroísmo e mitologia. Cordéis belíssimos tais como “A história do pavão misterioso”, “A verdadeira história do herói João de Calais”, “Carlos Magno e os Doze Pares de França”, dentre muitos outros, são verdadeiras obras-primas desse acervo maravilhoso que formou a alma lírica do Nordeste.



Nesse contexto, podemos dizer que um dos primeiros destaques da poesia potiguar foi Fabião das Queimadas (Fabião Herme-negildo Ferreira da Rocha - 1848-1928), “um escravo que cantava acompanhando-se de uma rabequinha” (no dizer de um amigo meu, o escritor Tarcísio Gurgel) e autor do “Romance do boi de mão de pau”, com 48 estrofes. Mas nosso primeiro bardo de renome, contemporâneo de Nísia Floresta, também poeta, foi, sem dúvidas, o natalense e árcade romântico Lourival Açucena (Joaquim Eduvirges de Mello Açucena - 1827-1907), cujos poemas foram reunidos após sua morte e publicados pelos amigos sob o título de homenagem “Polianteia”.

Assim, estão muito presentes em nossas origens, tanto em forma como em conteúdo, a sensibilidade galego-portuguesa de suas cantigas e a doçura de sua poesia. Tal estilo, combinando simplicidade, leveza e sonoridade, elementos tão caros à nossa tradição poética, insere-se nessa grande vertente lírica galego-portuguesa, que já fizera desse idioma, na Idade Média, o idioma culto da Península Ibérica, no qual se expressavam seus trovadores, e que influenciou e produziu, em tempos próximos e atuais, poetas de alta qualidade.

**HORÁCIO PAIVA** é poeta, escritor e advogado. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN e presidente da Academia Macauense de Letras e Artes – AMLA.



## SÉRGIO SAMPAIO EM NATAL: TEM QUE ACONTECER

*Marcel Lúcio Matias Ribeiro &  
Sandoval Villaverde Monteiro*

No Brasil, a produção artística nos anos 60 e 70 do século passado foi relevante nas mais diversas linguagens. Na música popular, ocorreu uma espécie de “milagre da MPB”, pois foi o momento no qual surgiram músicos e compositores marcantes para as gerações seguintes. O contexto histórico nacional e internacional dos 60 e 70 impactou a criação desses artistas. Internamente, havia o cenário de ditadura militar; externamente, os movimentos contraculturais mostravam a sua força.

Na arte, uma das iniciativas importantes do período foi o tropicalismo, encabeçado por nomes como Caetano Veloso e Gilberto Gil. Esse movimento fez uma síntese, através das letras e da sonoridade, do contexto que explodia no mundo e no país. O tropicalismo é considerado uma “estética solar”, porque os músicos acreditavam que mudariam o cenário político e os costumes da sociedade. Porém, ainda nos anos 60, o Ato Institucional nº 5 mostrou que a transformação não ocorreria com tanta facilidade. O sonho acabou. Surgiu então uma nova vertente de produção na MPB, classificada pelos estudiosos como pós-tropicalismo, movimento noturno, de decepção e revisão das ideias que nortearam os tropicalistas. Foi nesse momento que o país conheceu “o bloco na rua” do artista Sérgio Sampaio.

Apesar da visibilidade alcançada nos anos 70, Sampaio, por vários motivos, teve uma carreira errante. Nos anos 80 e 90, viveu em um certo ostracismo, mas isso não o impediu de circular com shows e apresentações em diversas cidades do território nacional.

No início dos anos 90, visitou por duas vezes a cidade do Natal/RN e deixou uma legião de admiradores, além de influenciar a produção artística da cidade até os dias atuais. Assim, os objetivos deste texto são: discutir sobre a obra de Sampaio e apresentar os resultados iniciais de estudo sobre a passagem do artista em terras potiguares no início dos anos 90.

\*\*\*

Sérgio Moraes Sampaio nasceu no dia 13 de abril de 1947, em Cachoeiro de Itapemirim (ES), sendo o primeiro filho de Raul Gonçalves Sampaio, maestro da banda da cidade, e de Maria de Lourdes Moraes, professora primária. De acordo com o biógrafo Rodrigo Moreira, Sérgio Sampaio teve uma infância humilde, marcada também por conflitos com o pai, devido a sua postura severa e autoritária. Essa criação conservadora e por vezes violenta estaria na origem de sua aversão a todo e qualquer autoritarismo, coerção ou disciplina imposta, característica que se manifestaria com vigor em toda a vida adulta do cantor, ao qual é comum serem atribuídas características de explosivo, temperamental e não-adaptado.

Sampaio começou a atuar como locutor de rádio ainda na adolescência, passando por várias emissoras de Cachoeiro de Itapemirim. Em 1967, o jovem capixaba decidiu ir morar no Rio de Janeiro, num momento de plena efervescência na arte e na política, numa época de endurecimento do regime ditatorial então instalado. No Rio, Sampaio trabalhou em algumas emissoras de rádio, mas sempre ligado à noite, à música e à boemia, inclusive passando por grandes dificuldades financeiras naquele período, chegando mesmo a viver nas ruas da cidade maravilhosa.

Foi somente em 1971 que, ao ter contato com Raul Seixas - ainda conhecido por Rauzito, Sampaio deu início a um envolvimento profissional com a música. Raul, que àquela época trabalhava na gravadora CBS, conheceu Sampaio e suas músicas num encontro mais ou menos casual, nascendo ali uma amizade e uma parceria musical bastante importante no início de carreira do compositor

capixaba. Registra-se que ainda em 1971, a partir dessa parceria profissional, Sampaio gravou o compacto *Côco verde*, que trazia a composição homônima e “Ana Juan”. O ápice dessa nova parceria musical toma expressão com a gravação do LP *Sociedade da Grã Ordem Kavernista apresenta: sessão das dez*, ainda no ano de 1971.

De acordo com o estudioso Rafael Malvar Ribas, o projeto da Grã Ordem Kavernista foi liderado por Raul, mas foi todo gravado em parceria com Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star, artistas de estilos diferentes que se uniram e se revezavam em canções nada convencionais para a época. Embora os autores do LP afirmassem que suas músicas não queriam dizer nada, Ribas observa que, numa análise mais aprofundada, é possível vislumbrar no conjunto da obra analogias críticas ao sistema, a começar pela capa do disco na qual todos estão fantasiados. Além disso, numa época de retorno de valores conservadores por parte do governo (qualquer semelhança com o momento atual não terá sido mera coincidência), a presença no grupo de dois homossexuais assumidos (Miriam Batucada e Edy Star) também merece registro em termos de contestação.

Outro momento importante do início da carreira de Sampaio, foi a sua participação no VII Festival Internacional da Canção (FIC), com a música “Eu quero botar meu bloco na rua”, grande sucesso que o tornaria mais ou menos conhecido do grande público. Mas, de acordo com Ribas: “Seu estilo boêmio e seu desinteresse pelo marketing pessoal acabou o levando para o rol dos músicos intitulados “Malditos”, ao lado de Jard’s Macalé, Luiz Melodia, Walter Franco, Jorge Mautner ou até mesmo Tom Zé já numa época obscura pós tropicalista [...] Porém o termo Maldito, que acabou sendo incorporado por boa parte da mídia e do público é controverso, pois há artistas desta lista que discordam em gênero e grau desta nomenclatura, como Macalé”.

O pesquisador Ulisses Monteiro Coli Diogo, discutindo a utilização da expressão “malditos na MPB”, aponta como nomes principais dessa vertente: Jards Macalé, Luis Melodia, Sérgio Sam-

paio, Jorge Mautner, Walter Franco, Raul Seixas, Tim Maia, Miriam Batucada, Tom Zé, Angela Rô Rô, dentre outros. Para o autor, dentre as principais características desses personagens denominados “malditos”, é possível destacar: “relação instável com o mercado apesar de possuírem recepção positiva de um público específico e difícil de mensurar, comportamento transgressor, proximidade com a contracultura, postura muitas vezes anticomercial, utilização de recursos musicais não muito comuns, fusão de elementos estéticos e temáticos não usuais, não alinhamento a uma temática política polarizada entre esquerda ou direita, letras de canções fortes, ácidas e sarcásticas”.

Como observa Moreira, a palavra “maldito” passou a ser um lugar-comum num dado momento da década de 70, sendo usada para se referir a todo artista com aura de contestador e louco, fora dos padrões, que apresentasse um trabalho “difícil”, hermético ou de pouca assimilação comercial. Sampaio, embora também tido como um grande “maldito”, era, na opinião do autor, um dos que apresentava um trabalho mais acessível, não tanto marcado por rasgos de experimentalismo, apesar de sempre vanguardista e contestador. Teria levado o rótulo de “maldito” muito provavelmente por questões mercadológicas, por seu passado “Kavernista”, pela fama de turrão e indolente, além de suas letras cáusticas.

Outra expressão em voga na época era “desbunde”. Conforme ressalta Sheyla Castro Diniz, a circulação dessa gíria se mostrava intimamente relacionada aos interesses e projetos antagônicos, os quais foram acirrados pela edição do AI-5. Tinha-se, de um lado, os movimentos guerrilheiros ligados à luta armada, que, apesar de duramente perseguidos, mantinham seu posicionamento de combate frontal à ditadura, e, de outro, “o surgimento de um *ethos* contracultural descrente em relação à luta revolucionária, mas não necessariamente acrítico ou despolitizado”. Eram os chamados “desbundados”. De acordo com Diniz, a gíria “desbunde” teria recaído também sobre músicos como Macalé, Mautner e Sampaio, entre outros artistas que apresentavam obras ou posturas menos vincu-



ladas a uma ideia menos objetiva que subjetiva de revolução, enfatizando mais a busca por liberdade estético-musical, existencial e sexual e/ou política.

Mas, voltemos à trajetória de sua obra, a partir do seu sucesso com o bloco na rua. Conforme assinala Fabrício Nunes Mendes Brito, o sucesso dessa canção rende um contrato com a gravadora Phillips, possibilitando que em 1973 Sampaio gravasse seu primeiro LP, também intitulado *Eu quero é botar meu bloco na rua*, reunindo samba, rock, jazz e valsa pop. A expectativa do público era por novos grandes sucessos como “o bloco”, porém o “inesperado” trabalho de Sampaio, já trazendo certa carga confessional por meio de sentimentos e trajetória de vida, não atendeu a tais expectativas, representando um fracasso nas vendas, inclusive pela dificuldade de o cantor de lidar com todo o processo de divulgação do disco após sua gravação, etapa essencial na ótica da indústria fonográfica.

Sérgio Sampaio voltou às gravações no ano de 1976, pela Continental, com o lançamento do seu segundo LP, *Tem que acontecer*, trabalho bem assimilado pela crítica especializada. No entanto, como afirma Brito, o músico capixaba novamente se absteve de atuar na divulgação do seu novo disco, o que resultou no baixo índice de vendas e sua pouca execução nas rádios. Após romper com a Continental e vivenciar a abertura política no final dos anos 70 e o auge da MPB, Sampaio, marginalizado, vivia de direitos autorais e pequenos shows. É somente em 1982 que Sampaio retornou a gravar de forma independente com o disco *Sinceramente*, no qual demonstrava sua maturidade em relação aos elementos já conhecidos em suas produções anteriores, mas aprofundando ainda mais o caráter confessional já identificado em sua obra.

Em plena decadência financeira e levando uma vida bastante difícil, Sampaio foi convidado em 1990 pelo músico Xangai, de quem era amigo, para dividir com ele alguns shows na Bahia, segundo relata Moreira. Sampaio tentou retomar sua vida e sua carreira em terras baianas, realizando vários shows no ano de 1991, o que

resultou em convites para shows em outros estados, inclusive em Natal (RN), no mês de novembro daquele ano. Em 1992, Sampaio realizou novo show em Natal e passou aproximadamente um mês na cidade. Sampaio faleceu poucos anos depois de suas duas passagens pela capital potiguar, na madrugada do dia 15 de maio de 1994.

\*\*\*

Antes de vir nos anos 90 ao Rio Grande do Norte, Sérgio Sampaio já causava, por meio de sua obra, surpresa e admiração aos artistas potiguares. Assim, apesar dos altos e baixos de sua carreira, em 1991, quando desembarcou em Natal, os jornais da época noticiaram com euforia a chegada de Sampaio à cidade, conforme se pode ver a seguir no recorte de matérias publicadas pelos dois principais veículos impressos da cidade naquele momento. O jornal *Diário de Natal*, no dia 03 de novembro de 1991, noticiou da seguinte forma: “É grande a expectativa junto a artistas e jovens intelectuais da cidade, parte de uma elite cultural que há muito cultua o trabalho de Sérgio Sampaio. Talvez fosse mais apropriado falar em rapaziada, como era chamada a plateia do artista nos anos 70. Mas, de lá para cá, já se passaram, no mínimo, 15 anos. Muitos dos que curtiam Sérgio naquela época já são quarentões ou até cinqüentões, embora uma boa parte esteja na faixa de 30 a 35 anos. (...) Enfim, Sérgio Sampaio virá à Natal. Antes tarde do que nunca”.

A Tribuna do Norte, por sua vez, assinalou: “O show Tem que Acontecer, do músico Sérgio Sampaio, acontece nesta sexta-feira no Bar Casablanca, em Ponta Negra (...) Uma noite para quem entende de verdade de música popular brasileira (...) É dia dos deuses Narciso e Dionísio. Dia de cantar e bailar ao som das cordas de Sérgio Sampaio (...) E o Casablanca, que virou território de dondocas apaixonadas por torpedos de mel, vai ter que abrir passagem para esse bloco do futuro”.

Essa euforia dos jornais sinalizava a importância que o compositor recebia em terras potiguares e também a influência que o músico já exercia sobre uma geração de artistas que se “educou” culturalmente com a sua produção dos anos 70.

Dentre os artistas potiguares “educados” no “currículo” dos setenta, podemos citar o poeta Antonio Ronaldo, que possui obra representativa no cenário da poesia potiguar contemporânea. Sua produção literária é relacionada à estética da poesia marginal. Em seus textos, estabelece um constante diálogo entre a MPB e a literatura. A influência de Sampaio na obra de Ronaldo é explícita. O poeta relata que conheceu as canções de Sampaio por meio do projeto “Sociedade da Grã-Ordem Kavernista”. Diz que, no início dos anos 70, ficou encantado com a música “Todo mundo está feliz aqui na terra” ao ouvi-la tocar numa rádio do interior do estado. Depois veio o sucesso do “Bloco na rua” e das canções do primeiro álbum de Sampaio que se difundiram por todo o Rio Grande do Norte.

Antonio Ronaldo relata que quando Sampaio veio a Natal nos anos 90 a carreira do músico estava estagnada. Há algum tempo sem gravadora, o último disco lançado tinha sido, o *Sinceramente*. Segundo Ronaldo: “Uma carreira sem nenhuma perspectiva àquela altura, justamente no momento em que a indústria fonográfica começava a ser desmontada. Fora do mercado e no ostracismo, paradoxalmente Sérgio estava cada vez mais criativo e qualificado em suas composições”. Em Natal, Sampaio chegou a gravar uma fita demo contendo sete músicas até então inéditas: “Destino trabalhador”, “Quero encontrar um amor”, “Uma quase mulher”, “Chuva fina”, “A rosa púrpura de cubatão”, “Pavio do destino” e “Adiante”. Ronaldo acredita que: “Dessas canções todas foram gravadas e lançadas postumamente. Exceto ‘Adiante’, se não estou enganado ou desconhecendo fatos”.

A primeira apresentação de Sampaio em Natal ocorreu no dia 29 de novembro de 1991, na boate Casablanca. No ano seguinte, no mês de setembro, Sampaio voltou a Natal, dessa vez para um evento de campanha a prefeito de Natal do candidato Henrique Alves. Sampaio realizou um show no Mario’s Bar, no CCAB-Sul. A primeira passagem de Sampaio por Natal foi mais curta, já a segunda, em 1992, durou cerca de um mês.

Somando-se à repercussão e alcance de sua obra, podemos afirmar que as duas passagens de Sampaio por Natal deixaram uma espécie de legado na cultura potiguar: desde poetas que dialogam com a obra do artista até a músicos que são influenciados e interpretam ainda hoje as canções do compositor capixaba.

De acordo com Antonio Ronaldo, Sampaio despertava seu interesse por vários motivos, como por exemplo, pelas referências literárias presentes nas canções e pela relação entre poesia e indústria cultural, demarcada na obra de Sampaio por meio de sua veia tropicalista / pós-tropicalista.

No campo da música potiguar, assinalamos a influência sobre o músico Yrahn Barreto, fã declarado de Sampaio e que realiza há quase dez anos show em homenagem a Sampaio na data de aniversário do artista. Yrahn Barreto já lançou três discos e, nas suas composições, sente-se bem a presença de Sampaio: tanto na opção pelas canções na primeira pessoa verbal, predominantes em seu repertório autoral, quanto pelas citações diretas à obra de Sampaio, como na letra da canção “Ternura”, gravada no seu disco mais recente, na qual se diz: “Sampaio dizendo no ouvido: cruel é isso tudo, destino também”.

Desse modo, constatamos que, além da qualidade da obra de Sampaio, a interação que o artista realizou na sua estada na cidade do Natal com artistas, produtores e público contribuiu para a permanência de suas canções no imaginário local.

## REFERÊNCIAS:

AMARAL, Sérgio da Fonseca. Sérgio Sampaio: um contraponto extemporâneo. In DAVI, Maria Amélia; LOPES, Orlando; NEVES, Reinaldo dos Santos (orgs.) *Bravos companheiros e fantasmas V: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: EDUFES, 2014.

BARRETO, Yrahn. Ternura [2018]. Disponível em: <https://www>.

youtube.com/watch?v=lzeZq1RMJys. Acesso em 09 de abril de 2019.

BRITO, Fabrício Nunes Mendes. O Poeta do riso e da dor: a relação entre música e história na obra de Sérgio Sampaio (1970-1980). *Vozes, Pretérito & Devir* - Revista de História da UESPI, Teresina, v. 4, n. 1, p. 126-141, julho de 2015.

DINIZ, Sheyla Castro. Desbundados e Marginais: A MPB “Pós-Tropicalista” no Contexto dos Anos de Chumbo. *Anais do X Congresso Internacional da Brazilian Studies Association*. Londres, Ago, 2014.

DIOGO, Ulisses Monteiro Coli. “É impossível levar um barco sem temporais”: os malditos da MPB e a crítica musical em fins da década de 1960 e década de 1970. *Anais do V Congresso Internacional de História*, Jataí (GO), Set. 2016.

MOREIRA, Rodrigo. *Eu quero é botar meu bloco na rua - a biografia de Sérgio Sampaio*. 3. ed., Niterói: Muiraquitã, 2017.

RIBEIRO, Marcel Lúcio Matias. “O arco e a lira: entrevista com o poeta Antonio Ronaldo sobre o encontro com Sérgio Sampaio em Natal”. Disponível em: <http://substantivoplural.com.br/o-arco-e-lira-2/>. Acesso em 31 de março de 2019.

**MARCEL LÚCIO MATIAS RIBEIRO** é escritor, pesquisador e Professor do IFRN – Campus Natal Cidade Alta. E-mail: [marcel.matias@ifrn.edu.br](mailto:marcel.matias@ifrn.edu.br).

**SANDOVAL VILLAVERDE MONTEIRO** é escritor, pesquisador e Professor do IFRN – Campus Natal Cidade Alta. E-mail: [sandoval.villa@ifrn.edu.br](mailto:sandoval.villa@ifrn.edu.br).

## “E ESSE TEMPO CHEGOU”

*Sônia Maria Fernandes Faustino*

Início essa conversa sobre um livro de crônicas o qual sem muito espanto senti ser impossível separar forma e conteúdo, de tal maneira que a confluência de tempos passados se faz presente com e apesar das “traquitanas tecnológicas”, que acompanham os personagens.

Faço aqui um interlúdio e pergunto ao amigo Manoel Onofre:

– Será que o passado não quer desatar de nós? Ou somos nós que não queremos desapregar do passado?

No “ caso em tela” (juridiquês ultra/passado) sentimos que a alma nordestina passeia, dança, canta, viaja e até protesta por plágio e danos morais...

A narrativa ganha força quando remete a ousadia de Lampião, a fermentação do agave e as surras de urtiga...

De Cuité para o mundo viaja-se com a musicalidade do burburinho dos ventos dos brejos, das marés, das guitarras eletrônicas e da invencível amada sanfona; por ser/tão sertaneja mesmo sem ser nativa. Ela fincou pé em nossa região.

O livro de Ivan Lira (sem “y”) promove o encontro entre o sertão e o mar ora embalados em veleiros passadistas e mouras canções ora embalados em varandas de amigos em convescotes, ad/mirando as franjas do mar.

A degustação do Brevidades, além da delicadeza das broinhas originárias das casas de sinhás deserdadas, contém a força de quem conhece e vivencia o mundo do trabalho que abrange os campos do direito, da história, da música e da literatura.

Enfim, o autor com/prova sem veleidade que mantém olhos abertos para ver que além da velha moderna/idade na era high teck ainda se pode cantar um canto de “AMISTAD” que exige tão somente “GRATITUD”. Uma prova de sabedoria de quem sabe que o “tempo urge e a longevidade é finita”.

“Encerro a conversa.

Por hoje!”

Natal, 27 de agosto 2019

**SONIA FAUSTINO** é poeta, escritora e artista plástica. Professora aposentada da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de “Rosa La France” e outros livros.

# A MÚSICA REGIONAL E A LITERATURA DE CORDEL PRESENTES NO MUSEU DO SERTÃO

*Benedito Vasconcelos Mendes*

Analisando-se as peças do acervo do Museu do Sertão, é possível descrever, de maneira muito aproximada, aspectos da música e da literatura popular regional. A música sertaneja de antigamente e a literatura de cordel dos menestréis do povo nordestino estão presentes no Museu do Sertão através das esculturas de seus ícones, da coleção de obras de cordéis e dos instrumentos musicais, que foram muito usados no passado, na região.

Até o surgimento do genial Luís Gonzaga do Nascimento, 1912-1989, o Rei do Baião, a música popular sertaneja era representada pelas Bandas Cabaçais, Bandas de Pífanos de Taboca, pelos Violeiros e pelos Rabequeiros. A partir da década de 1940 apareceu, no cenário musical nordestino, o sanfoneiro e cantor pernambucano Luís Gonzaga e seus três geniais parceiros compositores de músicas regionais: o advogado cearense Humberto Teixeira (Humberto Cavalcanti Teixeira, 1915-1979), o médico pernambucano Zé Dantas (José de Souza Dantas Filho, 1921-1962) e o poeta paraibano Zé Marcolino (José Marcolino Alves, 1930-1987), que ajudaram Luís Gonzaga a criar e introduzir o baião, o xote e o xaxado no cenário musical brasileiro. Surgia aí a genuína “música sertaneja”, representada pelos ritmos do baião, do xaxado e do xote. O ritmista e cantor paraibano Jackson do Pandeiro (José Gomes Filho, 1919-1982) também deu grande contribuição para a difusão da música popular nordestina.

A Literatura de Cordel, também conhecida por Poesia Popular ou Poesia de Improviso, que no passado era feita por poetas analfabetos ou semi-analfabetos, porém dotados de grande potencial poético, começou a ser mais estudada e valorizada pelos intelectuais e pelas universidades graças à genialidade do cearense Pata-

tiva do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva, 1909-2002). Antes de Patativa, outros cordelistas, também geniais, já tinham imortalizado este gênero de poesia, dentre eles, os paraibanos Leandro Gomes de Barros, 1868-1918; João Martins de Athayde, 1880-1959; Romano da Mãe D'água (Francisco Romano Caluete, 1840-1891); Inácio da Catingueira - 1879; Pinto do Monteiro (Severino Lourenço da Silva Pinto, 1895-1990); Pedro Bandeira (Pedro Bandeira Pereira de Caldas, 1938 - ) e João Paraibano (João Pereira da Luz, 1953 - 2014 ); os norte-rio-grandenses Elizeu Ventania (Elizeu Elias da Silva, 1924 - 1998) e Fabião das Queimadas (Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha, 1848 - 1928); os cearenses Cego Aderaldo (Aderaldo Ferreira de Araújo, 1878 - 1967) e Antônio Klévisson Viana Lima, 1972 - ; o alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, 1919 - 1986; o baiano Cuica de Santo Amaro (José Gomes, 1910 - 1965) e os irmãos Batista de Pernambuco (Otacílio Batista Patriota, 1923 - 2003 ; Dimas Batista Patriota, 1921 - 1986 e Lourival Batista Patriota, 1915 - 1992 ).

Na Coleção de esculturas representativas das personalidades regionais, existentes no Pavilhão de Artes do Museu do Sertão, encontra-se a majestosa escultura em cedro maciço, em tamanho natural, de Luiz Gonzaga, obra do Artista Plástico cearense Wildhy .

No acervo do Museu do Sertão encontram-se vários instrumentos musicais, como rabecas, pífanos de taboca, zabumba, triângulo, gangá e sanfona de oito baixos, representando a cultura regional. Encontramos no Museu do Sertão a escultura do Patativa do Assaré, em cedro, obra do escultor ubajarense Frank (Frank Castro Fernandes Siqueira, 1955 - ). A Expressiva coleção de cordéis do Museu do Sertão também representa muito bem este tipo de literatura popular. Como vimos, estes objetos existentes nos pavilhões do Museu do Sertão fornecem, ao visitante do referido museu, uma visão crítica-reflexiva dos componentes da música e da literatura de cordel do Nordeste brasileiro.

**BENEDITO VASCONCELOS MENDES** é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de “As artes na civilização da Seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.

## COMO SE FAZ UM SANTO? (1)

*Cônego José Mário de Medeiros*

Esta é a pergunta que se ouve sempre de um incontável número de pessoas que se dirigem a um Postulador da Causa dos Santos. Em primeiro lugar não se faz um santo, este é alguém que depois de um longo e minucioso processo de investigação, informação, depoimentos, testemunhos e provas de santidade, foi apresentado à Congregação para as Causas dos Santos, por um bispo diocesano, autor da causa, através de um postulador e que foi julgado digno(a) de ser elevado(a) à honra dos altares, pela Congregação de Cardeais e Bispos, fundamentados por ampla e riquíssima documentação sobre o(a) candidato(a) à beatificação ou canonização votada, aprovada e encaminhada ao sumo Pontífice para a sua homologação e proclamada declaração de beato(a) ou santo(a).

A hagiologia é uma ciência que estuda a vida e a obra dos santos. Graças ao grande, constante e persistente trabalho dos Bollandistas, desde o ano de 1635 adota-se o método científico de pesquisa e as regras da heurística nos estudos hagiográficos, cujos trabalhos se encontram publicados na revista especializada “Analecta Bollandiana”, fundada pelo jesuíta belga Jean Bolland (1596-1665), animador e dirigente da primeira equipe de especialistas, intensamente dedicados ao estudo minucioso dos manuscritos referentes aos santos católicos. A publicação dos resultados obtidos por esses especialistas compõe atualmente uma respeitável coleção intitulada “Les Saints”, com mais de cem volumes já editados. As origens do bollandismo datam do padre Heriberto Rosweyde (1569-1629) de Utrecht. Entrado na Companhia de Jesus em Tournay (1588) laureou-se em Douai (1591), onde se preparou para trabalhos de erudição, visitando, naqueles tempos que o ensino lhe deixava livres as numerosas bibliotecas monásticas da Bélgica, onde recolhia documentos, entre os quais numerosas vidas de santos da antiguidade cristã, que aos poucos lhe ofereciam as linhas de uma vasta coleção

hagiográfica. A ideia já madura no ano de 1603, encorajada pelos seus superiores, foi por ele exposta num pequeno volume intitulado: *Fasti Sanctorum quorum vitae in belgicis bibliothecis manuscriptae* (Anversa 1607) no qual, com projeto do quadro dentro do qual se propunha fazer entrar os materiais por ele recolhidos, mandava um apelo aos eruditos para obter a sua colaboração. Rosweyde precisava o seu plano futuro com estes pontos: restituir o texto autêntico dos velhos documentos hagiográficos; dar o texto completo dos mutilados; publicar as vidas dos santos ainda inéditas; acompanhar os textos com comentários explicativos. Prevvia a execução do seu projeto em dezoito volumes e doze vidas de santos.

Rosweyde, durante a vida foi tentado por outros temas de erudição histórica, morreu no dia 5/10/1629 sem ter escrito uma só linha da grande obra projetada. Felizmente o vasto material documentário por ele deixado não andou se perdendo; Bolland, que devia dar à obra o nome próprio, chamado pelo seu Provincial, para examinar os escritos deixados por Rosweyde, soube avaliar a importância deles, declarando-se também a reordená-los para a publicação. Conhecia bem a antiguidade cristã, tinha inclinação pela erudição e tenaz aplicação ao trabalho que o tornavam competente para a nova tarefa à qual preparou-se aos trinta e seis anos, quando já era prefeito de estudos no Colégio de Malines, o qual deixou definitivamente para transferir-se para a Casa professa de Antuérpia.

### **Qual é o caminho percorrido no que diz respeito ao processo?**

Em primeiro lugar, uma vez chegada à Congregação para as Causas dos Santos, uma biografia documentada do(a) candidato(a) e um abundante e bem fundamentado testemunho de pessoas que conviveram com ele ou ouviram de seus contemporâneos, autênticos testemunhos, sem sombra da menor dúvida sobre a autenticidade dos mesmos, então, a Congregação declara o *Nihil Obstat*, isto é, nada há de contrário a que se dê início ao processo. Na etapa seguinte ele (ela) passa a ser chamado de Venerável, Beato ou Santo. Assim funciona um processo de beatificação ou canonização de alguém:

1. **SERVO DE DEUS** - Cinco anos depois da morte do candidato, o bispo da diocese onde ele passou a maior parte de sua vida deve preparar um dossiê. Entre outras informações, devem constar: lugar onde nasceu, quando se tornou devoto, as boas ações praticadas, como morreu, descrição dos milagres, relatos de testemunhas etc. Em seguida, o dossiê é enviado à Congregação para as Causas dos Santos, no Vaticano.
2. **VENERÁVEL** – Depois de concedido o *Nihil Obstat* é montado o tribunal eclesiástico que vai investigar a santidade do servo de Deus. Entre outros, o tribunal é composto por um promotor de justiça, conhecido até 25 de janeiro de 1983, data da promulgação de *Divinus perfectionis magister*, como “advogado do diabo”. Cabe a ele constatar a veracidade dos fatos para ver se o candidato merece o título de venerável e, posteriormente, os de beato e santo.
3. **BEATO** – A próxima fase consiste em provar se os milagres atribuídos ao candidato têm explicação. Para isso, os casos são submetidos a uma rigorosa junta médica de oito especialistas. A etapa de comprovação dos milagres é a mais sigilosa de todas, sob pena de imediata suspensão do processo. Quando o primeiro milagre é oficialmente comprovado, o candidato a santo passa a ser chamado beato ou bem-aventurado.
4. **SANTO** – Depois de confirmado um segundo milagre por sua intercessão, a Congregação para as Causas dos Santos, no Vaticano, envia o processo para o Papa. É o Sumo Pontífice quem vai anunciar a data da cerimônia pública de canonização. Geralmente, o dia escolhido é a data de morte da pessoa. No caso de Santo Antônio de Pádua, por exemplo, a data oficial de celebração de sua festa litúrgica é 13 de junho – ele morreu no dia 13 de junho de 1231.

Os primeiros santos da Igreja são sobretudo os mártires ou também cristãos que se destacaram pelas virtudes na vivência dos mandamentos ou preceitos divinos. Pessoas que se tornaram modelos

no seguimento de Jesus Cristo. Há um longo caminho percorrido no que se refere à constatação, reconhecimento e declaração sobre essas pessoas, por parte da veneração do povo e posteriormente o reconhecimento oficial, no começo, pelos bispos e depois pelo Papa. Antes do cisma de 1.054 no qual a Igreja se dividiu entre Oriente e Ocidente, ou seja, a Igreja Ortodoxa e a Latina, ambas começaram a reconhecer seus santos cultuando-os sem a obrigatoriedade de culto nas duas.

Foram os papas Urbano II (papa de 12 de março de 1.088 a 29 de julho de 1.099), Calixto II (papa de 02 de fevereiro a 13 de dezembro de 1.124) e Eugênio III (papa de 18 de fevereiro a 03 de julho de 1.153), que determinaram que se catalogassem os nomes, as virtudes e milagres desses justos para a nossa edificação.

O Papa Alexandre III (de 07 de setembro de 1.159 a 30 de agosto de 1.181) antecessor de Sisto V (de 24 de abril de 1.585 a 27 de agosto de 1.590) e o Papa Urbano VIII (de 16 de agosto de 1.623 a 20 de julho de 1.644) sucessor de ambos, declararam que somente ao Sumo Pontífice cabe o direito de homologar, publicar e apresentar os santos à veneração dos fiéis.

### **O que fazer para iniciar um processo de beatificação:**

I – O passo inicial é nomear um Postulador (ato assinado pelo Bispo diocesano).

Antes da abertura oficial do Processo na diocese, o Postulador deve providenciar o seguinte:

1. Recolher todo material informativo sobre o Servo de Deus (SD);
2. Reunir os escritos editados ou inéditos do SD (livros, cartas, pastorais, discursos, conferências, artigos) e a sua correspondência;
3. Se ainda não existe uma biografia do SD, escrever um resumo de sua vida;

4. Relacionar as testemunhas que conheceram pessoalmente o SD e contactá-las para que sejam ouvidas pelo Tribunal;
5. Verificar a fama de santidade do SD, isto é, se o povo o considera verdadeiramente um santo e se o venera, pedindo graças, etc.

II – Completado este trabalho preliminar, preparar a abertura oficial da Causa na diocese, dando os seguintes passos:

6. Fazer um pedido ao Bispo, anexando uma breve biografia;
7. Decreto do Bispo abrindo a Causa na diocese;
8. Abertura solene da Causa na Catedral ou noutro lugar conveniente;
9. Solicitar aos bispos do Regional seu consentimento escrito sobre a oportunidade da Causa;
10. Depois da Abertura, quando a Causa estiver suficientemente firmada, encaminhar à Santa Sé o pedido de “Nihil Obstat”;
11. Depois de ter reunido todo material informativo disponível, pode-se instalar o Tribunal Diocesano para ouvir os depoimentos das testemunhas e receber todo o material do Postulador;
12. Cerimônia solene de Encerramento da Causa na diocese. Nesta ocasião, os pacotes contendo todo o processo serão lacrados e enviados à Roma, para análise da Congregação das Causas dos Santos.

1 – O que pode invalidar uma investigação diocesana?

- Quando se comprova que o Servo de Deus goza de culto público;
- Quando se omitiu um documento de testemunho que fale contra o Servo de Deus;

- Fraude ou dolo da parte do autor da causa, quando se pretende iniciar depois de 30 anos e isso foi comprovado;
- Se as sessões não estão assinadas pelos oficiais do tribunal (Delegado Episcopal, Promotor de Justiça, Notário e Perito Médico), e não se justificam suas ausências;
- Se se comprova a não heroicidade das virtudes do Servo de Deus;
- Se se comprova a aplicabilidade de uma cura ou a ausência do nexo causal.

## 2 – Quem não pode ser testemunha na causa dos Santos?

- O sacerdote por aquilo que sabe no âmbito da confissão sacramental;
- Os confessores habituais ou diretores espirituais do Servo de Deus;
- O postulador e o vice postulador da causa, enquanto permanecerem no cargo.

## 3 – Quem deve ser chamado a testemunhar?

- As testemunhas apresentadas pelo postulador em nível de convocação (*supplice libelo*)
- As testemunhas *ex officio*, especialmente se são contrárias à causa;
- Os que contestam mencionados pelas testemunhas em suas declarações;
- Os peritos históricos e arquivistas como testemunhas *ex officio*;

- Em uma suposta cura, os médicos que atenderam o curado e os peritos e os peritos médicos ab inspectione.

4 – O que deve juntar o postulador ao supplice libelo nas causas super virtutibus e super miro?

- Uma biografia com valor histórico sobre o Servo de Deus ou na falta desta, uma cuidadosa descrição cronológica sobre a vida e as atividades do Servo de Deus, suas virtudes ou seu martírio, a fama de santidade ou do martírio e a fama signorum, sem omitir o que possa resultar pejorativo ou desfavorável para a causa. Os escritos editados e a lista das testemunhas;
- Um exemplar autêntico das publicações do Servo de Deus;
- Uma possível lista de testemunhas:
  - a) Em causa recente: Os nomes daquelas pessoas que podem contribuir para esclarecer a verdade sobre as virtudes ou o martírio do Servo de Deus, assim com a sua fama de santidade ou de martírio e a fama signorum, não omitindo aos que poderiam impugnar essa fama.
  - b) Em causas antigas: Lista de algumas testemunhas que puderam declarar sobre a fama de santidade ou de martírio e sobre a fama signorum no presente, entre uma significativa porção do povo de Deus.
- Se o libelo é sobre um suposto milagre deve acrescentar:
  - a) Uma lista breve e detalhada sobre as circunstâncias particulares que caracterizam o caso;
  - b) Lista das testemunhas;

- c) Todos os documentos que se referem ao caso: documentos médicos e instrumentais (quadro clínico, pareceres médicos, exames laboratoriais e radiografias, etc.)

5 – Qual é o bispo competente para os três tipos de investigações, e como se dá o transferimento da competência?

- O bispo do território onde morreu o Servo de Deus;
- No caso do milagre, o bispo do território onde aconteceu o suposto milagre.
- Transferimento da competência:
  - a) O bispo solicitante deve obter o consentimento por escrito do bispo competente, sempre por justas causas. Depois do consentimento do bispo competente, o bispo solicitante envia o pedido escrito à Congregação para que julgue as circunstâncias particulares do caso. A dita solicitação do bispo, deve expor os motivos pelos quais solicita o traslado de competência e acrescentar fotografia do consentimento escrito do bispo competente, e, comprovadas as circunstâncias, a Congregação concede o traslado da competência do foro com um rescrito que será incluído nas atas da primeira sessão.

Canonização Papal.

Só o Papa pode canonizar. Ele não pode errar sobre a vida e virtude de uma pessoa quando decreta sua canonização. Assim é como a Igreja procede na atualidade, porém, para chegar a esse ponto, é necessário ver a sua evolução em geral, considerando: os mártires, os confessores, a canonização episcopal e finalmente a canonização papal. Esta evolução tem que ver em particular com o tempo da Igreja perseguida nos primeiros séculos, logo após a paz constantiniana, o período dos confessores da fé, depois de alguns

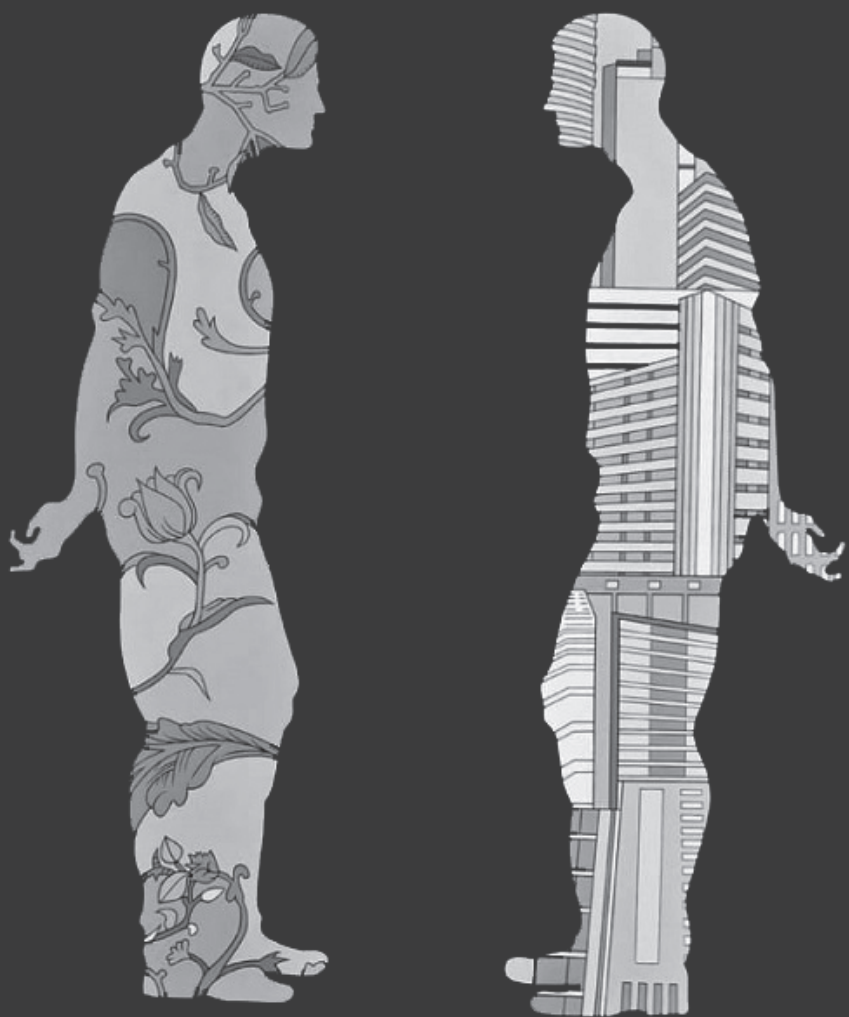
abusos, vieram decretos onde somente o bispo pode considerar alguém como santo. Após alguns abusos, através do Decreto, Sudivimus ficou determinado que somente o Papa pode canonizar.

(Continua na próxima edição)

**JOSÉ MARIO DE MEDEIROS** é sacerdote católico e escritor, autor de “Topônimos da Terra Santa”, “Dom Marcolino por ele mesmo” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



# CONTOS E CRÔNICAS





# NO MUNDO DAS ARMAS DE FOGO

*Humberto Hermenegildo*

## 1

De primeiro, ele aportou e se instalou. Alevantou morada, tramelou. No alpendre, amolou os ferros da lida no eito. Adubou. Lutou com gado perto da serra.

Dizem que carregava um descontentamento. Na cama suspenso, sob a luz da lamparina e coberto com a fumaça do cigarro brejeiro, parecia varado de lembranças. Talvez o passado o puxasse com interrogações soltas por entre ruas de covas, de onde deveria voltar pesaroso.

Na altura do tempo que faz reflexionar, ele era dono de muitas rugas. Uma vaca e seu bezerro beiravam o sono da madrugada.

## 2

A mulher entranchava cebolas, jogava água quente no estrume seco e tecia cercas de varas. No tacho de cobre, a luta com grande colher de pau para acochar e depois acomodar, ligado e assentado em cinchos, o queijo de manteiga. Mas ela saiu dessa labuta e montou, na rua, casa de receber homens.

A casa das novidades, assim chamado o ambiente incensado para acolher vultos chegados ao comedimento, vindos como se escapulidos, sem freios, mas sem aceleração, nas sombras da noite.

Havia, no entorno da morada, riachos para navegar em folhas secas, reticenciosas.

Ela, menina, tocava a ponta dos dedos na *Mimosa pudica* e rezava: Maliça Maliça, seu pai morreu, sua mãe foi pra missa...

### 3

E ele estava com ela, na casa. Porém, na mais justa explicação, ela não era dele. Apenas, conhecida amiga, a bem dizer, vizinha.

A chama do candeeiro balançava, discreta, num canto. Ela estava no banheiro e de lá emanava aroma de benjoim. O amigo convizinho ouvia, aceso, o ruque ruque das mãos esfregando as carnes rijas. Alta noite.

### 4

Chegou o filho do dono do lugar e queria que ela abrisse a porta da casa, queria que ela o recebesse.

Disse que ia arrombar a porta.

Apagou-se a luz.

No meio da sala, agachados em luta, um imobilizou o outro que estava de revólver em punho.

Ela chegou com o candeeiro aceso.

– Então é você, homem? Fique com esse revólver, ele é seu! A mulher é sua, companheiro velho de troça! E foi embora desarmado.

### 5

A paz voltou, a lamparina se humilhou novamente no seu canto. Lá fora, o foi não foi dos sapos refletia, talvez, sobre os limites das amizades.

A porta do quarto se abriu.

Um cheiro de café inundava todo o mundo, um pedaço de canção, em assobio, prenunciava e fazia a vez de trinados.

## 6

E o visitante saiu na madrugada fria. Na beira do rio, sapos continuavam a teima e era ouvida, também, uma voz rasgada, lamuriante e rouca, cada vez mais próxima, até que apareceu a velha ponte. Nela, Dirceu reconheceu mais uma vez o filho do dono do lugar.

– Eu quero o meu revólver! Eu quero o meu revólver, chorava o inerme varão, encharcado, no parapeito.

A vida inteira, pistolas regeram o destino dos desassombrados. E o amigo devolveu a arma de fogo na condição de acompanhar o (quase) príncipe até a casa paterna, para que ele não ficasse na rua.

As mãos se apertaram na harmonia masculina da localidade.

## 7

Não se sabe como, nem por que, um tiro ecoou no silêncio da madrugada dentro da casa do dono do lugar.

Assunto enterrado com o caixão, na rua das covas.

No caminho do pastoreio, as folhas da Malícia foram se fechando.

**HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO** é poeta e escritor, professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de diversos livros, dentre eles, “Rastejo” (romance) e “Argueirinha” (poemas).

## NO PASSADIÇO

*Iaperi Araújo*

O lugar que a velha Prudência morava era menos do que uma choupana. Uns paus desalinhados com esparsos bolões de barro endurecidos entaipando alguns espaços, deixando a vista devassado, o único cômodo do que chamavam morada. Pior era morar confrontando com o monturo, lixão onde toda a sujeira da Vila era jogada. Urubus disputavam restos de carniça e ficavam nos galhos das árvores onde faziam moradia, esperando a chegada da carroça do lixo. A velha Prudência morava com o filho Pedro Caçote, um sujeito sarará de cabelo pixaim, descorado que dizia-se pescador. Numa terra de pouca água, represada, uns poucos barreiros eram de particulares e pescar ali, sem ordem, era roubo. Não se sabe como, Pedro Caçote montava banca de feira toda semana com carga de peixe espalmado e salgado para venda. Certamente, andava à noite pela região, despescando do que não era dele. Numa dessas, meu tio João Emídio recebeu queixa de sua vida predatória e como tinha o ofício de Delegado saiu em diligência na cola do meliante. A velha Prudência recebeu-o com um facão na mão, feito cobra choca. Braba que só ela, sem negar o mal feito mas advertindo que se seu filho fosse preso e sofresse castigo, o responsável pagaria caro. A justiça naquele lugar tinha o costume de executar as penas dos presos muito antes da culpa formada. Antes de ser interrogado e certamente para amaciar o couro do infeliz, era penalizado com uma surra de facão jacaré no lombo, nas pernas e nos braços. Quando soltos, sumiam dali e não se tinham mais notícias. Reincidência piorava o castigo. A morte era a menor pena para eles, executados noite alta no meio do mato.

A visita à choupana da velha Prudência, na rua do monturo, deu por cumprida a missão do meu tio João Emídio. Diferente do seu antecessor, ele primeiro investigava a denúncia para depois mandar Chico Afonso executar o castigo. Três dias depois, um me-

nino de rua chegou esfogueado na Delegacia com recado de Pedro Caçote de que estava esperando tio João na casa da velha Prudência prá tirar aquela diferença. Meu tio armou-se de uma espingarda 12 e um smith-wesson 38 na cintura. Saiu decidido para o encontro, pisando duro e quando avistou a choupana velha logo viu o sarará sentado num passadiço que cruzava uma cerca de arame que marcava os limites das terras de Maria Alfredo, com uma espingarda na mão. Tio João não se intimidou e deu ordem prá soltar a arma no chão e depois viesse conversar com ele. Pedro Caçote levantou-se e de pé no passadiço apontou a arma, mas o papouco do tiro saiu primeiro da espingarda o meu tio fazendo que Pedro Caçote desse um salto parecendo um artista de circo e caísse escanchado na cerca com a cabeça estourada. A notícia correu a vila. Lugar pequeno era assim. Logo uma romaria de gente chegou ao monturo. Pedro tava lá, pendurado no passadiço com a cabeça esfacelada e os pedaços de cabelos, ossos e miolos espalhados pelos matos. Tio João ficou ali, de pé, dando guarda ao defunto sem cabeça. Foi quando Chico Romão se chegou macio e cochichou no seu ouvido que os Caçotes tavam se armando prá vingar a morte do bandido. Chico que era primo legítimo do meu tio foi lhe passando logo um tanto de dinheiro e pediu prá ele sumir dali com toda família para evitar uma guerra e muito sangue. Contrariado, por acreditar que cumprira sua função, meu tio e toda família pegaram o mixto de Chico Teófe e escoltados por amigos, sumiram no mundo. Dizem que pro Maranhão e a gente nunca mais soube deles.

**IAPERI ARAUJO** é médico, escritor e artista plástico.” Contista, tem publicado na revista da ANRL alguns textos, sempre valorizando a narrativa popular. É membro da ANRL ocupando a cadeira 23. Presidente o Conselho Estadual de Cultura.

# O CARREGADOR DE ANJOS

*Clauder Arcanjo*



O ano de 1950 já se fora, deixando seu rastro de morte pelos sertões nordestinos. No distante Serrote da Rola, incrustado no sertão árido de Licânia, ele morava. Na chã do serrote, jeito simples, o negro Jejê passava os dias em uma construção de taipa. Casinhola simples, de chão batido. Como companheiros, apenas o cachorro Chuvisco e o passaredo daquelas cercanias.

Uma noite, assim me contaram, quando Seu Jejê dormia em sono alto, após entregar o corpo e a alma a São Benedito, como de costume, alguém o chamou do lado de fora:

— Seu Jejê?!... Ô seu Jejê! É Dalgisa.

Abriu a porta e deu com os contornos turvos da Dona Dalgisa, moradora do sítio Dormentes. Ela, parada, ao pé da porta, com a mão direita no cajado, e um assombrado nos olhos arregalados.

— O que lhe traz aqui, Dona Dalgisa? A lua ainda vai alta...

A velhota largou o corpo magro sobre o tamborete ao canto; e, com pouco, disparou, os olhos grandes de aperreio e consumição:

— Uma tragédia, Seu Jejê. Nem lhe conto. Morreu meu neto, o filhinho de Ritinha do Zé Caboclo. O marido, mal a mulher pariu, teve que sair para um serviço de empreita: corte das palhas da carnaubeira nas terras do Velho Joca. E, o pior: ele só trará o apurado depois do final do mês. E a mulher, seu Jejê, a chorar sobre o pequeno anjinho, uma febre braba levou ele, a me pedir, em desespero, que eu só enterre aquele meu netinho na terra santa do cemitério de Licânia.

Jejê coçou a carapinha esbranquiçada. Agia assim quando se deparava com uma situação de aflição.

— Esta noite, você sabe, Seu Jejê, que, lá em casa, sou só eu e ela. Eu, já velha e tomada pela artrite. Ela, nova, mas de resguardo. Não sei como cheguei até aqui. Vim agarrada no véu de Senhora Sant'Anna. Pedindo sempre que a Virgem Maria passasse na frente. Não sei como consegui, as canelas estão um fogo... — soprou por entre os cacos de dentes, marcados pelo fumo de rolo.

— Mas, Dona Dalgisa, sou um velhote! E minhas forças também...

— Mas você é homem, Jejê! E Deus, na Sua infinita misericórdia, há de lhe acompanhar, filho de Deus! — arrematou a visitante.

Ele voltou-se para dentro de casa, vestiu a única camisa, pôs o surrado chapéu de palha sobre a cabeça e saiu. Os dois juntos, Dona Dalgisa e ele, no rumo de Dormentes. Melhor, os três: o Chuvisco foi abrindo o passo, abanando o rabo fino, e, de quando em vez, num disparo para dentro da mata, à cata dos preás.

No caminho, calados. Naquelas lonjuras, a conversa era pouca, acostumados à solidão, à companhia do silêncio. De barulho, apenas o produzido pela bicharada na mataria.

Chegando, entraram na casinha onde uma lamparina marcava as paredes com sombras, o espectro da morte. Sobre a mesa grande, o corpinho da criança na sua melhor roupa, as mãozinhas postas sobre o babado azul. Seu Jejê até achou que o bebezinho dormia. O choro da mãe avisou-lhe da suprema dor.

— Pelo amor de Deus, não deixe o meu filho ser enterrado aqui. Esta terra é maldita.

— Não diga isso, minha filha!...

— Digo, Dona Dalgisa, digo! Aqui só reinam a faca, a bala e o suplício. Seu Jejê — jogou-se aos pés do velho homem —, leve o meu santinho para o cemitério de Licânia. Pelo amor de todos os santos, meu senhor!

Enquanto falava, Ritinha se desesperava, aos prantos, sobre o corpinho do anjo exposto.

Seu Jejê pediu às mulheres uma caixa. Encontraram uma na qual se guardavam, no passado, as ferramentas do Bastião, pai de Caboclo. Jejê improvisou uma tampa, forrou o caixote e comunicou:

— Tenho que partir logo. A descida é longa, agora é mais fresco para o caminhar.

E Jejê fez o nome do pai, ajeitou o anjinho na caixa, colocou-a sobre o cocuruto, e ordenou-lhes:

— Vamos só eu e o Chuvisco. Fiquem a rezar, o anjinho voltará para Deus pelas portas sagradas do cemitério de Licânia. Prometo às duas: enterro o anjinho nesta tarde ainda.

— Espere, Seu Jejê, não se esqueça de levar uma cabaça com água fresca — pediu-lhe Dona Dalgisa.

Atravessou, então, o ombro dele com a sola de couro que segurava a cabaça d'água.

Quando ajustava o caixote sobre a cabeça, Jejê sentiu que a velha Dalgisa lhe enfiara algo no bolso da blusa de mescla. Pelo peso e volume, presumiu: um quarto de rapadura.

Antes de saírem, o ganido pungente de Chuvisco anunciou o início do enterro. Dalgisa e Ritinha, com as mãos dadas, abençoando a viagem e encomendando o anjinho aos Céus.

A lua alta, no céu limpo de nuvens, clareava a mata num matiz de cinza e dourado.

&&&

O amanhecer topou com o séquito no sopé do Serrote da Rola, a quase meia légua da cidade.

Ao passarem junto do primeiro povoado, os homens tiraram o chapéu e as damas mascararam uma ave-maria em honra ao cortejo.

— Um carregador de anjo!

— Que Deus o receba em sua mansão celestial! — falou, quase aos gritos, uma dama de preto. Na certa, uma das viúvas da última grande seca.

A entrada em Licânia, sol a pino, encontrou a pequena cidade na pasmaceira da sesta.

Quando tomou o rumo do Cemitério São João Batista, um bêbado seguiu o estranho esquife.

— De onde vieram, meu senhor? — indagou, em fumos de álcool.

— Do Serrote da Rola. Saímos madrugada alta.

— Por que não o enterraram por lá, amigo? É seu neto? Foi coisa de promessa, foi?

— Pedido da mãe, fé de que o cemitério de Licânia é terra milagrosa.

— Ora, ora! Isso aqui é terra de... — engasgou-se com o próprio cuspe, não conseguindo concluir a sentença odiosa.

Entraram na casa dos mortos: o cachorro, o velho e o bêbado. Ao se achegarem de uma árvore frondosa aos fundos do cemitério, deram com uma pá e uma enxada. Na sombra copiosa, a presença de dezenas de cruzinhas. “Terra de anjos”; concluiu Jejê.

Rápido, Jejê cavou, enterrou e encomendou a alma do anjinho de Ritinha. Sob a paz e o céu da tarde quente, testemunhado pelo bêbado e pelo cão.

Com pouco, o bêbado que os acompanhara ajoelhou-se e vomitou uma oração que ecoou no firmamento de Licânia. Num vozeirão forte, em alvíssaras de santidade, clamando ao Céu o aprobeite daquela semente tão pura, enfiada na terra dura de Licânia.

Então, tudo se cobriu de uma escuridão e de uma paz incomuns. Sem mais, Jejê bateu a poeira das mãos, guardou as ferramentas do pequeno enterro e meteu os pés na estrada, em direção à sua morada.

&&&

*Quero que me escutem, povo pecador! Há um homem que leva os anjinhos a Deus. Somente ele, mais ninguém... E quem em mim não acreditar... a Cristo não convém.*

O tal bêbado, assim me contaram, virou missionário nas terras de Licânia, espalhando tal ladainha pelos sertões. Dia e noite, a propagar a crença de que todo anjinho que fosse levado por Jeje, o carregador de anjos, voltaria direto para o Reino de Deus.

&&&

Todos os anjinhos das redondezas — e como eram muitos! — passaram a ser conduzidos para o cemitério de Licânia nos ombros do velho Jeje.

— Leve o meu filho para os Céus, Seu Jeje.

— O nosso anjinho nos seus ombros, Jeje.

Passaram-se anos e anos; o velho naquela missão que, na certa suspeitava, Deus lhe confiou: Jeje, o carregador de anjos.

*Quero que me escutem, povo pecador! Há um homem que leva os anjinhos a Deus. Somente ele, mais ninguém... E quem em mim não acreditar... a Cristo não convém.*

&&&

Certa madrugada, assim me contaram, um luar estranho se pôs sobre o casebre do velho Jeje; e, de lá, não arredou pé. Como se a noite se cobrisse com um véu de eternidade.

Leucipo (era este o nome do antigo bêbado de Licânia; hoje, missionário de Licânia) se aproximou do casebre no alto do Serrote da Rola. No alpendre, ao pé da portinhola, percebeu a presença do cachorro Chuvisco. Os verões encheram-no de sarna e de uma forte cegueira. De quando em quando, o uivo do cego Chuvisco, a varar a mataria com o compasso da sentinela da morte.

Quando Leucipo ia se aproximar da entrada, uma ventania

invadiu a frente do terreno. Metido no centro do redemoinho, um luzeiro singular. Dele, saiu uma legião de anjinhos. Estes se enfileiraram, entraram no casebre e, de lá, saíram levando, nos ombros, o corpo de Jeje, como carregadores mirins.

Colocaram o corpo de Jeje no meio do redemoinho e subiram com ele em direção ao Céu, entre a luz metálica do luar de setembro e o ganido dorido do cego cão Chuvisco.

*Escutem-me, povo pecador! Houve um homem, no Serrote da Rola, no sertão de Licânia, ele morava. Jeito simples, passava seus dias em uma construção de taipa. Casinhola simples, de chão batido. Como companheiro, apenas o cachorro Chuvisco. Jeje, era este o seu nome, levou muitos anjinhos para Deus. Somente ele: Jeje, o carregador de anjos, mais ninguém, ao enterrar os anjinhos no chão sagrado de Licânia. E, quem não acreditar que vá para o Céu, para onde Jeje subiu, como Cristo, para lá vê-lo brilhar entre os santos milagreiros e, em mim, acreditar.*

A lua alta, no céu limpo de nuvens, clareava a mata num matiz de cinza e... dourado. De muito dourado.

**CLAUDER ARCANJO** é poeta, escritor, editor e Engenheiro Civil. Autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e outras instituições culturais.

## O SINISTRO DAS HORAS

*Delfino Silva Neto*

O maldito celular deu ocupado, o som feito repetidas reticências, indiferentes à minha angústia. O relógio voltou atrás no tempo ... O estranho é que passei a pensar diferente. Entenda, eu não vou fazer você arruinar mais os seus dias. Só queria lhe dizer isto. Não tem mais volta. Como “não tem”? Olha aqui, você sabe muito bem a situação em que me encontro; e está sendo de um desprezo e de uma crueldade enorme comigo; eu nunca disse que te amava; é que eu pensava ... como “pensava”, eu nunca te falei nisso, você nunca me perguntou; mas eu notava em seu olhar ... , o carinho que vinha deles ... Porra, você não percebeu que não iria dar certo? Que foi só sexo, paixão. E que paixão se esfuma?

Os nossos caminhos se cruzaram num fortuito e banal acaso. Numa loja de livros usados. Dentro, entranhado estava, um abafado ar de mofo. Fora, as labaredas do sol do meio dia queimavam peles. Eu a manusear volumes, um tanto gastos. Em pé, em distração, que dizem de mim, quase devota. Peguei um deles e o folheei com atenção. Foi quando nossos olhares, errando ao acaso, pousaram um no outro. Encontrei o que buscava há um certo tempo. “Histórias da meia-noite”, você conhece? Sim, não é do Machado de Assis? Arriscou uma passagem. Dessas que a gente sem saber muito bem porquê, anota ou decora e nunca mais sai da cabeça: “Providência ou acaso, tenente? Eu sou mais pelo acaso” Ah, você o leu? Já. Resignei-me a abrir mão do avançado da hora e ver até onde iria aquilo. O preço tá ótimo, falei. Acontece que o prolongamento de conversas abre horizontes, altera propósitos, modifica o sentido, e a inocência das coisas. Eu não deveria ter me demorado tanto. Mas foi como um soco no meu estômago. A língua quando articulava, tornava sua boca desejável. Nos meus lábios, o desejo de beijar continha. Deles pareciam que surgia tudo: o que

cativa , o que seduz , o que faz a gente mudar de ideia e nos convence. Eu praticamente só ouvia. Mas é que quando , parece, mais fala o coração , os olhos dizem , as bocas veem , os lábios sentem . Daí extrapolar um certo arrepio pro resto do corpo , um passo . Se não fosse aquele instante , talvez nunca nos teríamos conhecido. Ou envolvido . Poucos minutos pra saber os nossos nomes . Que tínhamos as nossas companhias cotidianas . Nos despedimos. Dias após , tocou o telefone. Mais dois encontros combinados. Alguns dias mais para vingar um outro reencontro. E mais um e mais outro. Juntos trocávamos palavras. Doçuras subtendidas entre vogais , consoantes , acentos, vírgulas , pausas , exclamações , parênteses , aspas , hífen. E interrogações . Foi assim que descobrimos o profano da paixão. E aquela vontade infernal que não cessava em casa , ou na rua . De manhã , de tarde , e de noite. E a emoção, célere, em marcha franca.

Estalei o polegar com o dedo médio três vezes : assim ! Você está com ciúme , quer fazer dessa ópera bufa as tragédias que você tanto gosta de ler. Ora , fodam-se os Nelson Rodrigues , os Rubem Fonseca e seus Herculanos perdidos na noite escura. Continue . As Antígonas , as Efigênicas , as Climnestras , as Capitus. Fodam-se todas as tragédias Brasileiras e Gregas . E todos os autores que não tiveram raça em escrever outras . O assunto aqui é outro , você sabe muito bem. Mas eu te amo . Me dá uma chance. Vamos viver juntos . Nunca, nunca , viu !! Eu sinto tristeza ... E eu , pavor. Entendeu ? Me deixa viver a minha noite. Nem pensar. A solução em mim já latente, oscilava pra cima e pra baixo do meu medo, que aumentava a cada instante. Acendi um cigarro, fixei o olhar na ponta em brasa, dei um trago, o joguei na areia e estendi as mãos abertas para o ar . Pode ser até medonho pra você, mas é tão simples como a minha vontade de dizer. Acabou! O mundo todo vai saber. Não ficaria pior do que está. Não somos marido e mulher. Eu ouvi promessas. Nunca, antes pelo contrário. Vc está fora de controle. E você entendeu mal a situação, eu cometi um erro horrível, gostaria de repará-lo. Conversa fiada. O que você insinuou, não farei. Uma coisa é certa, você vai me pagar caro. Não queira se amparar em argumentos ri-

dículos. Não sofra. Existem muitos Hamlets no mundo, tomando Prozac . E muitas Medéias ciumentas nas ruas, não esqueça. Eu vou embora. Vc não vai embora. Tudo bem, está certo, vamos organizar uma saída. Mas onde está a saída? Não existe. Só tem uma. Da nossa proximidade um ligeiro cheiro de loção no ar me assustou. O calor que emanava do chão já não era tanto. A superfície das crateras marcianas das falésias da Pipa começavam a adormecer. A perder a cor vermelha. Não raciocinei. Não foi preciso nem pensar para encontrar razões suficientes. Tudo tem seu preço e o desespero, sua loucura. Nada me ligaria ao que ocorresse. O que acabou acontecendo. Um empurrão foi o suficiente. Um forte empuxo nas suas costas jogou o corpo, como uma boneca de trapo, ao abismo . Final sem som, como num filme mudo. Tomei o maior cuidado. Nem manchei as minhas mãos de sangue.

Depois de tanto tempo, constato que realmente os desenlaces implicam mãos. Quer elas sejam suicidas ou não. Disquei o número mais uma vez em procura de paz. Alguém atendeu do outro lado. Alô. Da delegacia da Candelária? Sim? Gostaria de reportar um crime. Sim, continue, por favor. Sou casada. Estou grávida. Matei meu amante. Senhora, não seria melhor vir até aqui?

**DELFINO SILVA NETO** é poeta, escritor e médico. Autor de *Almas Nuas* e outros livros.

# SETE VIDAS

*Cefas Carvalho*

Ela resolvera criar um gato. Ou melhor, nada resolvera, tudo não passou de um acaso. Andava pela calçada entretida com sua própria solidão quando se deparou com um filhote de gato no meio-fio. Jamais gostara de gatos. Quando muito, sua afeição por animais limitara-se a um poodle que tivera quando adolescente e um trio de peixes betas, mortos por excesso de alimentação.

Portanto, surpreendeu-se interrompendo a caminhada para olhar o felino: era cinza, completamente cinza, o que conferia a seus olhos azulados uma tristeza infinita. Emitiu um miado indicando fome, certamente. Quase reiniciara a caminhada quando olhou novamente para o gato; teria sido abandonado, como ela mesma o fora? Talvez por essa associação de ideias, somada à compaixão, resolveu, com alguma repulsa, pegar o animal e levá-lo para casa.

Uma vez em seu apartamento, arrependeu-se do que fizera. O felino miava com desespero e tremia de fome. Pensou em ligar para uma miga que criava um par de gatos persas, mas, desistiu. Cortou em pedaços pequenos um peito de frango esquecido na geladeira e colocou em um pires no chão da área de serviço. O animal devorou a comida rapidamente e continuou miando. Ela lembrou-se que ele teria de beber água e colocou uma vasilha ao lado do pires. Tendo bebido a água, o gato encolheu-se em um canto perto da máquina de lavar e dormiu como guerreiro que sobrevive a uma encarniçada batalha.

Igualmente cansada e também sobrevivente, ela olhou o gato insone e teve vontade de chorar. Conseguiu controlar-se, tomou um banho e deitou no sofá tentando entender porque Roberto a deixara. Era certo que estavam brigando quase diariamente e também era certo que ela mesma pensava em separação. O que ela não conseguia aceitar era que ele tivesse feito as malas e partido, quase na calada

da noite, sem uma conversa a mais, sem uma despedida, sem deixar que ela desabafasse tudo que lhe envenenava e sufocava.

Acordou no dia seguinte, molhada de suor e torta da noite no sofá, com o gato lambendo seu tornozelo. Seu primeiro impulso foi de chutar o animal, mas, controlou-se e terminou comovida com os olhos tristes que a fitavam, a pedir comida, água e, talvez, um pouco de carinho. Não sabia como alimentá-lo. Durante dois dias dividiu com o bichano os restos de hambúrgueres e enlatados. Nas compras semanais incluiu ração para gatos. Percebeu que estava se afeiçoando ao pequeno animal, que cada vez mais mostrava menos melancolia nos olhos. Superou a repulsa inicial e passou a segurá-lo, descobrindo que se tratava de um macho. Já que não vou conseguir me livrar dele e vou mantê-lo aqui, é melhor que lhe dê um nome., pensou. Resolveu chamá-lo de Victor, em homenagem ao compositor chileno assassinado pela ditadura. Com o passar dos dias passou a chamá-lo de Vitinho, mas, por aquela razão enigmática pela qual surgem os apelidos, começou a tratá-lo como Zequinha. Gato tranquilo e silencioso – quando bem alimentado – pouco ou nada alterou a vida da nova dona, salvo, talvez, a caixa de areia que tivera de providenciar, ajudada pelo zelador do prédio.

Zequinha passou a ser a única companhia na solidão de sua dona, que, por mais que passassem os dias, semanas, esperava que Roberto entrasse pela porta adentro. Desejava mostrar ao ex-marido o gato, por quem aprendera a nutrir carinho e respeito. Até que um dia Roberto ligou, mas, não para comunicar a volta para casa. Queria o divórcio, pois pensava em se casar novamente. Ela mergulhou em pranto e vodka, naquela noite em que sua alma parecia querer sair do corpo. No dia seguinte, ressacada, tentou se recompor para tomar decisões. Ainda enjoada, saiu do banheiro e viu Zequinha na mureta da varanda. Não acostumada ao equilíbrio inerente aos gatos, desesperou-se e correu na direção dele, que, por precaução ou susto, pulou para baixo, caindo do terceiro andar. Não teve coragem de olhar para baixo, imaginando o bicho de estimação em uma poça de sangue. Sentou-se ao sofá chorando, quando ouviu a campainha. Era o zelador com o gato, vivo, inteiro, na mão. Gato tem sete vidas, dona, sorriu.

Passou a amar Zequinha. Comprou-lhe uma cesta para dormir, rações mais saborosas, brinquedos. Dormia sentada no sofá acariciando a cabeça ou o pescoço do gato, que dormia junto com ela. Sentia-se mais sozinha do que nunca, sem família, sem amigos, sem Roberto. Tinha apenas o bichano, com nome de poeta e apelido carinhoso.

Até que um dia aconteceu tudo ao mesmo tempo. Roberto ligou comunicando que se casaria em breve e os papéis do divórcio estariam prestes e sair. Foi quando ela saboreava sorvete de nata na mesa da sala e viu Zequinha saltar pela janela. Nada demais, ele retornaria em breve, guiado pelo instinto e pela afeição, ou o zelador o traria de volta. Nada disso aconteceu. Passaram os dias e o gato não retornava. Primeiro ela se desesperou, depois o procurou na rua, na vizinhança, e, por fim, se conformou. Não nasci para ter nada nem ninguém, pensou. Alternava sorvete, comida enlatada e uísque barato em dias mortos, até que tomou a decisão, de forma serena e natural. Comprou, com a ajuda de uma amiga farmacêutica e uma desculpa esfarrapada, duas cartelas de um sonífero forte. À noite, juntou os comprimidos todos – dezesseis – em um pires, armou-se de um copo d’água e outro de uísque, à espera da coragem necessária para a decisão final. Bebeu duas doses de uísque e sentiu o sangue se aquecer. Em seguida, lembrou-se de Zequinha, do dia em que, seduzida pelo olhar triste do gato, acolheu-o em sua casa. *Ele poderia ter morrido na rua, atropelado, envenenado, mas, conseguiu sobreviver. Ele tinha sete vidas*, divertiu-se. *Porém, eu não tenho sete vidas, mas, apenas uma* – Pensou. Ficou um longo tempo imóvel, ouvindo o som desconexo dos apresentadores do telejornal. Em seguida levantou-se, foi até o banheiro, onde jogou os remédios no vaso sanitário e deu descarga. Suspirou e entrou no banho tentando lembrar se o restaurante oriental da esquina ainda estaria aberto àquela hora.

**CEFAS CARVALHO** é poeta, escritor e jornalista. Editor do Portal Potiguar Notícias e apresentador na webtv PNTV. Autor de vários livros, dentre eles “Noite passada sonhei que alguém me amava” e “Combustão” (parceria com a escritora Jeanne Araújo).

# UM CONTO MUITO MINI

*Ruben G Nunes*

Julho/1976

## A) O CONHECIMENTO

Numa festa...

- Prazer !!!

- Ôi !!!

## B) O ENCONTRO

Numa esquina...

- Sim !?...

- Si... Si... Sim !!!

## C) O SARRO

Na buate...

- Aaaah... iii !!!

- Huummmm... aaah !!!

## D) O CASAMENTO

No templo...

- Sim ?!

- Siiimmm !!!

E) A BRIGA

Em casa...

- Sim!

- Não !!!

F) A SEPARAÇÃO

No Juiz...

- Sim !!!

- Sim !!!

**RUBEN G NUNES** é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Autor de vários livros, dentre eles, “Doutô Casa Comigo” e “Gestos Mecânicos.

# PALAVRAS – PALAVRAS – PALAVRAS...

*Elder Heronildes*

As vezes elas chegam sem que as sinta. Não voam. Ficam. Permanecem como fruto de uma auto penetração recíproca. São penetrantes, como deve ser ferro em brasa. O corpo todo estremece quando elas atingem o mais íntimo de suas células, revirando-as e tornando-as doloridas, por força da pele revolvida, rasgante, sangrenta e sangrando.

Poderiam ser inertes, sem calor, sem odor, calientes até, mas não são. São brutais e ferventes, vertentes de abismos profundos. Atropelam-se a si mesmas. Na inconsequência, ou sem...

São fortes, arrancam ternuras de quem não as tem, provocam sentimentos puros dos impuros, encantam, com evocações lúgubres, pois nem sempre o encantamento é mavioso ou lírico; às vezes, repelentes, como um ser nauseabundo, um réptil originário da pior espécie, sem igual na face da terra. Ou sem face, ou sem terra.

Perlustram, sem lustrar, cavernosos e aflitivos lugares, anteando covis, destruindo alcovas, desalinhando vidas, na insensatez incessante de palavras soltas ao vento, desordenadas e incessantemente virulentas, poluentes e tumorentas, fazendo emergir putrefatos e destrutivos artefatos pecaminosos, impróprios à vida.

Palavras, palavras e mais palavras.

Às vezes sensatas, outras incoerentes. Em momentos doces, candentes e até flamejantes de bondade, extraindo do ser, colírios de amor e de suave beleza, como se dali a vida fluísse, enternecendo e ganhando as alturas divinais, sem o semblante alucinante dos grandes e eternos momentos de insaciabilidade e grandiosidade.

As palavras são ou se formam, ou se foram com o brilho de uma eloquência enganosa, a força motriz da tragédia, fazendo pairar

no ar, num balé asqueroso, cavernoso e fossilizado, seres decompostos por ações virulentas, poluentes e escamatosas, trazendo à vista de todos, tremeluzentes e terrificantes ações, por elas impulsionadas em vibrações doentias, degenerativas e destituídas de quaisquer resquícios de lucidez, numa impureza sem precedentes e cambaleantes, diante de sons sensivelmente imperceptíveis, às vezes, perceptíveis tantas, tresloucados e amedrontadores, incontáveis.

As palavras e os sons se misturam, transformando a linguagem usada numas indúvidas cenas ininteligíveis, num crescendo catalisador, a par com vozes um tanto inaudíveis e descontroladas, numa repetição que se distanciando da normalidade e da realidade que se fazia possível e desejada; obscurecia-se nuns aureolados e controvertidos sinais e sons, panoramicamente emergentes, sem que se soubessem as origens, nem os destinos. Apenas que iam, às alturas, volteando, volteando e volteando, sem cessar e sem morrer, num silêncio paradoxal e indescritível.

O cenário era teratológico, inconfundível como um enredo tipicamente romanesco, que envolve em suas teias, elementos luciferinos, lembrando detalhes da força criativa de um Goethe, entregando de mão beijada, Fausto, gênio diabólico, para inenarráveis e dolorosas maldades, sem pensar na alma, sempre indecifrável e longe.

A alma é indecifrável. Não se vê. Não se apalpa. Você já viu a sua? Apalpou-a até visionariamente? Imaterialmente, não sendo ela, presume-se, matéria. Nem a sua própria se conhece a si mesma. Se nem você se compreende a si mesmo, com ou sem palavras, boas ou más, como podem elas ter explicações? Há coisas que não se explicam, nem com palavras. De uma maneira ou de outra, viu-se, sempre as coisas, elas vão e elas voltam, sempre, aqui e ali, num dia claro ou obscuro. Escuro, conjurado, com ou sem palavras, baixas ou altas.

O ser humano é sempre sequência, e ou inconsequência das coisas criadas e incriadas, já disse, com palavras vãs ou sem elas, enclausuradas no subconsciente determinante e o inconsciente indeterminado pela força canalizante dos ruídos intermitentemente produzidos por palavras sem e às vezes, com nexos.

Geram-se aí nexos causais e efeitos prolongados de existências que se chocam movidas por cordas vocais incessantes e perturbadoras, vindas de passados, e passadas, distantes, rememorando lembranças e traduzindo comportamentos de infidelidades insequentes, perdidas no espaço e conduzidas pelo vento; chocando-se e produzindo tropejamentos dolorosos, fazendo partir (quebrar) o silêncio interior infecundante e sem resistência às malícias acumuladas nas membranas e nas células que poderiam viver e não vivem mais, com ou sem elas, as palavras, ditas ou não ditas, mas sentidas.

Palavras, palavras e mais palavras e, como diria o corvo “e nada mais”. Sensitivamente, perdiam-se na escuridão sombria, repetitivas, alampoianamente, “e nada mais, e nada mais, e nada mais...”

A morte foi sem palavras e também sem gestos, nenhum, contido ou incontido, sendo soltas e sem sentido, apenas parecendo esvoaçantes, sem o ser.

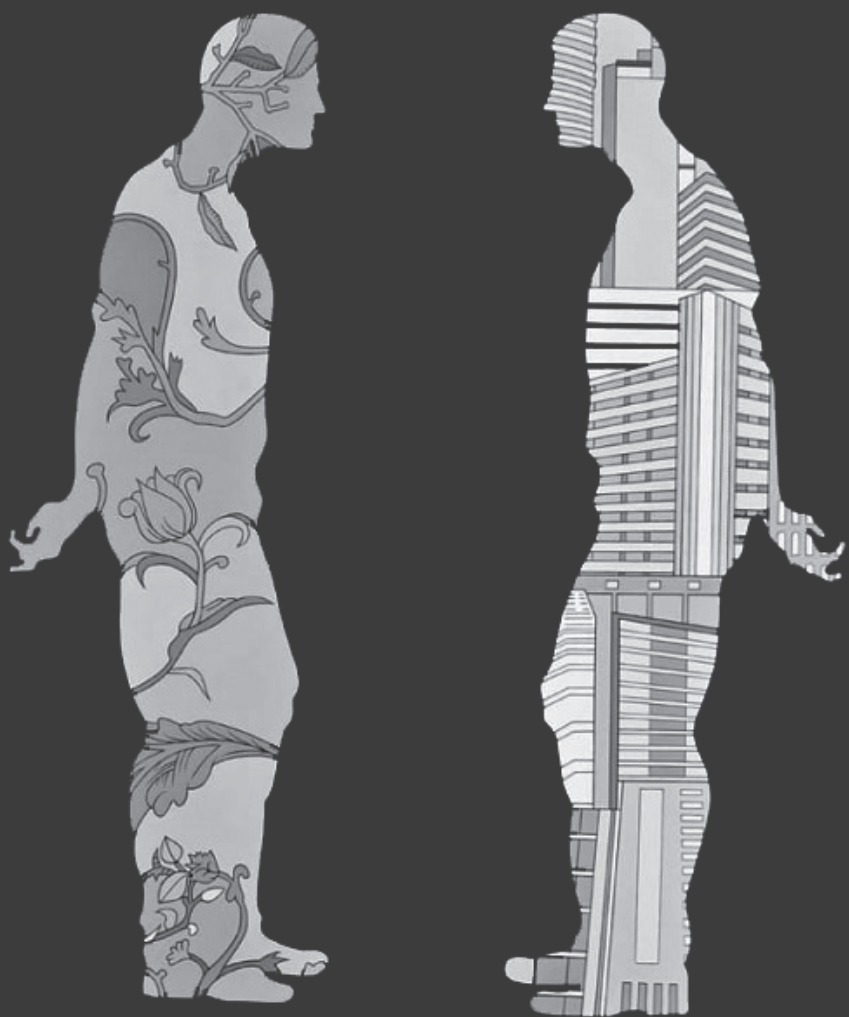
“A morte é um desperdício”, repetiam-se palavras ouvidas de alguém, ou não ouvidas, ditas e pronunciadas fúnebremente, nas sombras dominadas numa cadência terrificante, pela ave negra, pousada com imponência imperativa, por isso, chocante.

Com palavras simples, sussurradas ou não, também se morre de medo.

**ELDER HERONILDES** é escritor e advogado, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL) e ocupa a cadeira nº 37 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



# HUMOR NOSSO DE CADA DIA





## MEMÓRIA POPULAR III

### (FOLCLORE POLÍTICO E SOCIAL)

*Valério Mesquita*

01) Corria o ano de 1981. Avizinhava-se a campanha eleitoral para governador, travada entre Aluísio Alves e José Agripino. No bairro de Ponta Negra, o ex-deputado Patrício Junior mostrava a sua casa ao candidato da oposição para servir de escritório político. E os dois caminhavam pelos aposentos, acompanhados do ex-deputado Luís Antônio Vidal. Quando chegaram ao compartimento da biblioteca de Patrício, Luís Antônio não se conteve: “Fico imaginando, meus Deus, que crimes esses livros cometeram para virem parar nessa biblioteca!”.

02) Câmara Cascudo, o mestre de todos nós, recebeu uma carta de um professor da Universidade Americana de Yale com uma indagação escalafobética: “Mestre, jacaré dorme de noite ou de dia?”. Reação de Cascudo: “Eu tenho cara de babá de jacaré? Tudo isso acontece em razão de minha laboriosa inutilidade”. Desabafa o mestre em cima da burrice do americano.

03) Certa vez, em Brasília, Avelino Matias, ex-prefeito de Brejinho, vulgo “Meu Pai”, hospedou-se no Hotel Gávea com os prefeitos Dr. Estrela, de São Tomé, e Janilson Ferreira, de São José de Mipibu. Sentindo-se doente, não os acompanhou a uma audiência. Tendo um colega como hóspede do mesmo apartamento, Avelino foi consultado pelo Dr. Estrela, que mandou o office-boy comprar os medicamentos. Quando Janilson (muito ligado a “Meu Pai” e da mesma região) retornou, à noite, foi logo perguntando se ele estava melhor. Avelino fez um gesto triste e neutro de nem sim, nem não. “Tomou o remédio?”, indaga Janilson. “Não”, responde Avelino, “Só quando você der uma espiada”.

04) Uma dimensão digna de registro é a do simples, do bom, do despojado de malícia ou de esperteza. Assim é Manoel Ferreira de Lima, pequeno agricultor e proprietário que pontificou na política nos anos setenta e oitenta como vereador em Macaíba. Dele, até, já narrei alguns causos hilários. Nessa história que agora tomei conhecimento, ampliou-se o lado humano e ingênuo de Manoel, quando o seu impertigável fusquinha abalroou o automóvel de um vizinho, indo o caso parar na delegacia local. Manoel nunca aprendera a dirigir direito. A sua carteira era dos bons tempos de Gastão Mariz. Colidira a traseira do Corcel II do seu amigo e queria ter razão. O seu argumento era o mais frágil, pois não achava amparo na lei, no dicionário, nem na mecânica automobilística: “O problema, Seu Delegado”, disse Manoel Ferreira com aquele sotaque matuto de Campo Redondo, “é que ele não ligou as “lantejolas” do carro pra me dizer para onde ia!”.

05) No dia 1º de fevereiro de 1973, assumi a prefeitura de Macaíba com todas as honras de praxe. Retomava a corrente partida por três prefeitos anteriores que não eram naturais de Macaíba. Dia seguinte, vesti paletó e gravata e solenizei o primeiro expediente debaixo da expectativa geral dos funcionários e curiosos, que me espreitavam pela janela do gabinete do antigo prédio da prefeitura, construído em 1933, em frente à Igreja Matriz. Ao cabo de quinze minutos, assustei-me com o barulho estranho na porta de vai-e-vem (aquelas de bar de faroeste): Seu Antônio Lacerda, bronco, funcionário do açougue municipal, segurando uma lata de querosene, pedia-me uma providência que contrastava com o novo estilo cerimonialista em curso. Com voz arrastada e estridente, o velho servidor colocou a lata sobre o meu birô e queixou-se: “Dotô, faz mais de mês que eu peço para “sordar” a lata de lavar o açougue e nada. Só o senhor mermo!”. Fitei a lata, o funcionário e o meu terno e refleti o paradoxo. Nunca mais ali, vesti paletó.

06) De outra feita, preocupado com os recursos escassos do erário municipal, reclamei aos auxiliares e amigos das dificuldades de administrar uma prefeitura. Por outro lado, o povo não deixa-

va de pedir tudo, como se ali fosse uma casa de assistência social. “Ando de carteira vazia por causa dos pedintes de plantão”, resumi. Nisso, a secretária abre a porta do gabinete e anuncia: “Prefeito, aqui fora tem um Eliseu que quer falar com o senhor”. “Valha-me Deus”, exclamei, “um cara com liseu no nome não tem futuro! É azar, mesmo. Mande entrar, para chorarmos juntos”.

07) Em Assu, lá pelos anos setenta, Walter Leitão era o Prefeito Municipal. Na irreverência e na ironia era inexcedível. De uma feita, chegava a sua casa na cidade, quando encontrou um eleitor dormindo na poltrona da sala de visita. Não o despertou. Tomou banho, almoçou e ficou só de cuecas samba-canção. Quando o correligionário acordou e viu o Prefeito caminhando pela casa só de ceroula, exclamou: “Mas, seu Walter o senhor ta só de cueca?”. “Claro, é para você entender que a merda dessa casa é minha e não se permitir a fazer certas intimidades”.

08) O prefeito Walter Leitão atendia o povo na rua, em casa, na Prefeitura e em qualquer parte. Uma mulher a ele se dirigiu com certa arrogância para lhe reclamar um desconforto: “Prefeito, estou aqui com o pé da barriga doído porque comi macaxeira. O senhor não vai dar um jeito não?”. Walter Leitão, que não suportava mal-criação, de bate pronto, respondeu com grossa irreverência: “E eu estou com a macaxeira doída de tanto comer pé de barriga”.

09) Tempo melhor da política foi o dos anos cinquenta na fase áurea do PSD versus UDN. Aqui no Rio Grande do Norte a política era um pastoril animado e lírico. Na Assembléia Legislativa se engalfinhavam dois deputados da região agreste: o Coronel Zé Lúcio e o Deputado João Frederico, que tinha como logomarca de sua atuação parlamentar, a expressão: “É um só mas vale por dez”. Aí a turma imaginava tudo que queria para macular a frase ambivalente do combativo deputado. Mas, estava escrito que o Coronel Zé Lúcio não perdoava a invasão dos seus redutos pelo Dr. João Frederico que discursava bem, além de valente e obstinado. Numa sonolenta sessão vespertina da Assembléia, o Deputado José Lúcio

resolve discursar (coisa rara), despertando a curiosidade geral, inclusive do presidente da Casa, Dr. José Augusto Varela. “Senhor Presidente”, iniciou o representante de Santo Antônio do Salto da Onça, já aos gritos. “Subi aqui para dizer que o Deputado João Frederico tá comendo a empregada dele!”. A campainha da mesa soou estridente, acionada pelo Dr. José Varela. “Deputado, V.Exa. está ferindo o decoro e o regimento da Assembléia”, censurou energicamente. “Mas, acontece, Zé Varela, que eu provo!”. Aí foi um Deus nos acuda! Colegas parlamentares desceram Zé Lúcio da tribuna e o levaram ao gabinete do Presidente para curar a sua febre repentina de defensor das minorias. João Frederico não deu ouvidos. E a sessão continuou sem mais alteração.

10) Era domingo e o sol convidava o natalense para o litoral. Nada como o mar e a brisa para reparar a fadiga da rotina semanal do trabalho. E dentro desse enfoque, surge o publicitário e Secretário de Ação Social Tertuliano Pinheiro, que recebeu um convite amistoso do seu colega Nelson Freire para visita e almoço no aprazível Condomínio Porto Brasil, entre Pirangi e Cotovelo. Visão panorâmica do oceano, conforto, fidalguia do anfitrião e whisky generoso marcaram os instantes felizes dos convidados. Almoço farto e conversa amena sob agradável fundo musical, que não deixou fora o repertório das músicas do deputado e compositor Nelson Freire, em parceria poética com o bardo novacruzense Diógenes da Cunha Lima. O sol esmaecia. O cair da tarde exigia aos circunstantes a revitalização dos folguedos para afastar a sonolência clássica do whisky e a exaustão dos papos, que já se tornavam repetitivos. Música ao vivo! Alguém gritou. Nelson, cadê o seu violão? Eram os pedidos oportunos de outros convidados, admiradores da voz e do toque de Nelson ao violão. Um nativo daquelas plagas (empregado ou eleitor) lembra ao deputado que na comunidade existe um músico tecladista. Alvorço. Providências. Chega finalmente o musicista e seu equipamento, armado no amplo alpendre da casa. Nova rodada de bebidas é servida com gostosos petiscos. Havia ansiedade no ar, enquanto o artista armava o seu instrumento. Tertuliano Pinheiro

observava o seu perfil e fazia para si mesmo uma análise não muito lisonjeira. Conversas rápidas, risos, cigarros acesos, olhares furtivos, todo um clima que sempre antecede uma apresentação artística em qualquer teatro ou casa de show. Após quase dez minutos afinando a pianola, o cantor arremeteu uma nota grave e sonora, como se tivesse iminente o início da apresentação. Todos olharam e silenciaram. Para a surpresa geral, a revelação musical de Pirangi sacou um discurso pegajoso e confuso: “É com muita alegria né, que estou aqui né, na casa de Nelson Gonçalves”. Aí o alpendre veio abaixo. Tertuliano, ao lado, desmaiou de tanto rir. “Tá bom, tá bom, toca, toca”, surgiram difusos apelos da galera sofrida. Após, o deslize nominal com o anfitrião, o pior ainda estava por acontecer. Aos tropeços, tanto a voz quanto a execução do artista eram sofríveis. A noite começava e com ela os sussurros abafados e expulsórios: “Muito bem, muito bem!!”. Mas o cantor das arábias continuava na dele porque se convencera que estava abafando.

11) Nas eleições diretas de 1982 para governador, a Sudene voltou a desempenhar importante papel no desenvolvimento do Nordeste. Qualquer notícia sobre as ações da Sudene ganhava as primeiras páginas dos principais jornais do país. Em Pernambuco, o então governador Roberto Magalhães anfitriãoava os colegas e suas comitivas com whisky 12 anos, sucos e acepipes. A secretária Chefe do Gabinete Civil era Margarida Cantarelli, mulher finíssima, cara de madre superiora. Certa vez, foi polidamente interpelada pelo Secretário de Estado Manoel de Medeiros de Brito com uma sugestão inteligente, mas não menos capciosa. “Professora Cantarelli, com todo respeito”, pondera Brito, “reconhecemos à unanimidade que Pernambuco é a terra abençoada e pródiga do melão da cana, da galinha caipira e da carne de sol. Mas, não vemos, para nossa tristeza, esses produtos da culinária nordestina serem exibidos à mesa para todos os convidados”. Margarida Cantarelli anotou a sugestão e nas reuniões seguintes, a cachaça, a galinha caipira e a carne de sol, ingressaram no cardápio das recepções do Palácio Campos das Princesas do governo de Pernambuco, pra ninguém botar defeito, graças a Brito.

12) O garçom do Palácio chamava-se Paulo Maluf e se tornou amigo incondicional de Brito. Quando terminava a reunião da Sudene e os primeiros grupos chegavam ao salão de recepção para os aperitivos inaugurais do almoço, e uma voz se erguia em meio aos circunstantes: “Maluf, Maluf, cadê a minha cachaça!”. Era Brito exercitando o ritual.

13) De outra feita, a caninha foi servida (ainda discriminada), sob olhares de esgueira dos presentes. O jornalista João Batista Machado, bem posicionado, comenta: “Brito parece que só nós dois estamos bebendo!”. “Que nada, Machado Lopes”, rebate Brito, “o beíçola ali já tomou três”. O beíçola era João Alves, governador do Sergipe, o mulato dos lábios carnudos. Gostava de uma pinga “amuada”.

14) O ex-vereador macaibense Manoel Ferreira de Lima, protagonista de alguns causos já registrados, volta a cena com mais dois inéditos narrados pelo juiz de Direito Cícero Martins de Macêdo Filho. A Câmara Municipal de Macaíba discutia a concessão do título de cidadania ao brigadeiro Everaldo Breves, comandante do CATRE. A oposição questionava a sua outorga argumentando que o militar não ostentava nenhuma folha de serviços a Macaíba. Eram os anos setenta evidenciados pelo amplo noticiário da corrida sideral quando a mídia explorava a iminente queda do imenso laboratório espacial Sky-Lab, no nordeste do Brasil, possivelmente no Rio Grande do Norte e que terminou despencando na Austrália. O vereador Manoel Ferreira, presidente da Câmara, saiu-se com essa pérola de argumentação: “Devemos todos a gratidão ao brigadeiro pois foi ele o responsável pela queda do laboratório espacial longe daqui, na Austrália”. E o título foi aprovado.

15) Numa igreja de município do agreste, o deputado Ricardo Motta participava com convicções religiosas e políticas de uma missa. Católico enferrujado, mas desejando impressionar, entrou numa fila que se dirigia ao altar, pensando na comunhão. Mas estranhou que os da frente se abaixavam. Notou, ao final, que depositavam dízimos paroquiais. De repente, procurou o dinheiro nos

bolsos e não encontrou. Olhou uma receita médica de um eleitor, abaixou-se e com a mão semifechada depositou-a lá no fundo do cesto e deu por cumprido o seu dever litúrgico. Amém.

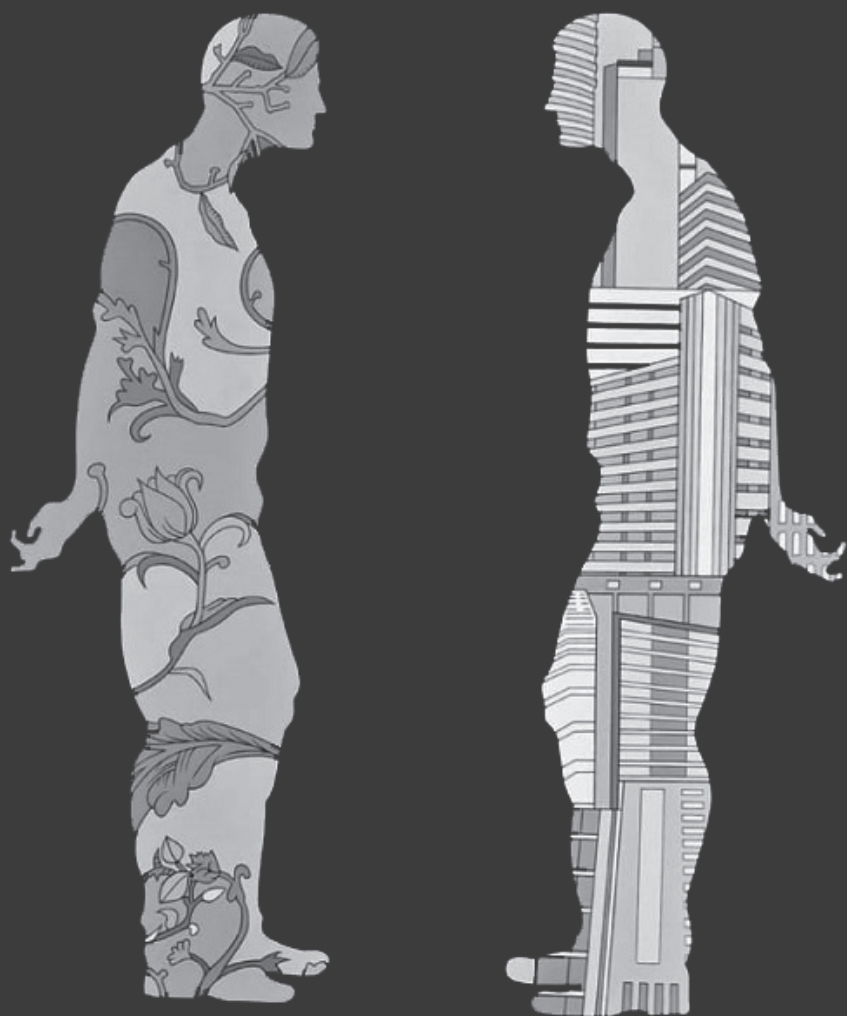
16) O deputado Wober Júnior contou-me uma cena ocorrida com um seu colega, lá nas profundezas da zona oeste. Narrou que um deputado dançava animado com uma bonita garota, numa festa municipal, quando foi interrompido por um emissário do prefeito seu correligionário. “Deputado, o prefeito manda avisar que a moça que o senhor está dançando é filha do nosso principal e radical adversário”. Com muito uísque na cabeça, o deputado foi rápido na resposta: “Rapaz, diga ao prefeito que b... não tem partido político não”.

17) Certa vez, o médico Arnóbio Abreu consultava a sua clientela no Açú quando lhe apareceu um gago. Instalou-se logo aquele ar de impaciência e dificuldades. O deficiente começou a gaguejar falando a respeito dos filhos. Ao mencionar com extrema dificuldade o primeiro, o segundo, o terceiro, Arnóbio cortou a entediante conversa, perguntando logo quantos filhos ele tinha. “Tre, tre, tre, treze!”. “Todos são gagos assim como o senhor?”. “Na, na, não. Eu, eu, não fi, fi, fiz eles com, com a li, li, lin, língua não!!”. A consulta foi encerrada.

**VALÉRIO MESQUITA** é escritor e conselheiro do TCE, aposentado, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



# POEMAS





# UMA CANÇÃO PATERNA ENTRE UM POEMA DESESPERADO E UMA PAIXÃO ARTÍSTICA

*Jarbas Martins*

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI

assim será  
com o orgulhoso turismo  
que orlava nossas praias  
edificando com pecaminosas mãos  
o altar do doleiro deus idolatrado

os justos pescadores pagarão o dízimo da desgraça  
com o rescaldo dos peixes e tartarugas  
que se multiplicam em mãos de náufragos  
e que navegam à deriva nos horizontes últimos  
e nas suas redes colherão o amargor oleoso  
em nove mares do nordeste

no santuário dos abrolhos  
nove cruzes de plástico se erguerão  
sob o cântico das baleias em coletivo funeral  
pelas ondas hertzianas indiferentes  
ao toque de recolher do amor extinto

Natal, 25 de outubro, 2019

## UM QUARTETO PARA MINHA FILHA TALITA NO DIA DO SEU ANIVERSÁRIO

Serei eternamente, filha, o sóbrio  
pai – o que te embalou nas noites brancas  
de jasmims. Teu presente é o que há de nobre.  
Contigo aprendi palavras francas.

Natal, 26 de outubro, 2019

## SONETO EM BRANCO E PRETO

Driblava por driblar, impunemente  
como quem dança, brinca, bebe e caça.  
Um interiorano. Trouxe da sua praça  
a mania infantil de ser contente.

A estrela solitária e pendente  
bem mais que ser emblema era uma farsa.  
Às vezes era a cúmplice do vento  
pra alegria do diabo, grão comparsa.

Jogava certo com sua vida torta,  
afeito ao ledão engano e ao desconcerto  
de um drible, sua arte preciosa.

E driblaria qualquer frincha ou porta,  
o além, o intransponível, o encoberto.  
Não a Vida. Sua amante caprichosa.

Natal, 26/10/2019

**JARBAS MARTINS** é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

# TROPELIAS DE VERÃO

*Rizolete Fernandes*

Queria um poema que emoção traduzisse  
no fiel idioma do coração de quem o lesse

Um poema que falasse de coisas meras da vida  
simples e sucintamente mas que emocionasse

Que a infância vivida no sertão, ao evocar  
cheiro de terra e capim espraiasse no ar

Que fizesse chorar por recordações antigas  
os primeiros namorados as velhas amigas

Que aquietasse crianças no seu bulício diário  
nos velhinhos reavivasse o vigor incendiário

Por bêbados fosse gritado nas ruas em noite fria  
os deserdados aquecesse com o calor da poesia

Renovasse a confiança nos sem amor e sem credo  
fulgurasse sonho pátrio no que vive em degredo

Que levado a conhecer ao político pragmático  
presto ganhasse *status* de um lema programático

Que lido na abertura da assembleia da ONU  
eliminasse as guerras que ceifam vida ao homem

Esse poema seria tecido em raios de luar  
servido em taças de versos a fim de anunciar

Em cada estrofe a paz, tão logo alvorecesse  
em cada verso o amor, assim que anoitecesse

-----

Ah, se Érato me presentearse verve assim  
ao invés, tropelias do verão, ai de mim!

**RIZOLETE FERNANDES** é poeta, escritora e socióloga. Autora de “Luas Nuas”, “Cotidianas” e outros livros.

# ANJOS TORTOS

*Marcos Campos*

Jim Morrison

Ex Doors

Ex pó

Expoente

Imagine

John Lennon

Morto por alguém

Tão doente

Numa curva em “S”

Ayrton sai de cena

James Dean

Morto tão teen

Para quem Kurt Cobain

Jesus doesn't want me for a sunbeam

As guitarras Jimmy, Hendrix

A voz Jane, Joplin

Elis Jazz

Na rocha, Glauber

Nos seixos, Raul

Sem alternativa

Elvis drogado

Marilyn Monroe desejada  
Madalena perdoada  
Nara os separa  
Clara os une  
Todos mortos  
Todos anjos tortos

**MARCOS CAMPOS** é poeta, escritor e bancário. Autor dos livros de poemas “Um Bêbado Sonhador” e “Babel”.

## CINCO POEMAS BREVES DE ROBERTO LIMA

### QUEM (\*)

Nem sempre o rosto é onde  
Se expõe melhor disfarce.  
Mas, por detrás do rosto,  
Existe quem esconde  
A máscara fiel:  
A verdadeira face.

### NAS DOBRAS DO TEMPO (\*)

Depois das dobras do tempo,  
Depois das curvas do espaço,  
Nem passado, nem porvir:

Só o contínuo do tempo,  
O sempre, a essência da vida,  
Sem no vazio cair...

Viver nas curvas do espaço  
É ser nas dobras do tempo,  
E ser além de existir...

### **POEMA METAFÍSICO N° 1**

Depois do espaço-tempo, a grande claridão.  
Nada será suficiente ou necessário.  
Suficiente e necessário, enfim, se igualarão.  
O necessário é simplesmente ser:  
Só as essências permanecerão...

### **POEMA METAFÍSICO N ° 2**

Para além desse tempo e desse espaço,  
O princípio e o fim, o amor e a explosão,  
A perfeita unidade, o Infinito de tudo,  
Porque o onde e o quando se equivalerão:  
O onde é o quando em que estamos no espaço do tempo;  
O quando é o onde em que somos no tempo do espaço,  
E o domínio do sempre é a eterna expansão...  
E a vida é a luz em partículas leves,  
não dispersas, nem soltas,  
Mas coesas, totais, em perfeita união...

### **POEMA MESTAFÍSICO N ° 3**

Já existimos. Só agora somos  
Por entre espaços paralelos do que fomos  
Ainda sendo nas estâncias redivivas...  
E somos mesmo assim: o onde, o quando, a trama,  
A eidética da vida, o mistilíneo, a chama,  
Partículas de um ponto em ondas progressivas...

(\*) In Souza, Roberto Lima, “As Dimensões do Tempo, Editora 8, Natal, 2104.

**ROBERTO LIMA** é poeta, escritor, músico e professor aposentado da UFRN. Autor de “As Dimensões do Tempo” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

## O ARTISTA DA CAPA

Nascido em Natal, a 10 de abril de 1958, Fernando Gurgel é um dos mais versáteis artistas plásticos da nova geração. Segundo Dorian Gray Caldas é “o que mais procura, o que mais se redescobre” (Artes Plásticas do Rio Grande do Norte, 1989).

Realizou inúmeras exposições individuais, a primeira na Biblioteca Pública “Câmara Cascudo”, Natal, em 1969, e participou de várias coletivas.

Tendo começado como pintor “muito próximo dos artistas ingênuos”, transitou pelo Surrealismo e outros movimentos. “Suas figuras mostram, em toda a sua formação, o cultivo de uma inexcedível perfeição pelo desenho rigoroso e preciso” (Franmarques, ob. ct.)

## QUADRO DE ACADEMICOS 2019

| <b>Cadeira</b> | <b>Patrono</b>        | <b>Primeiro Ocupante</b> | <b>Sucessores</b>                                                                                           |
|----------------|-----------------------|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1              | Padre Miguelinho      | Adauto da Câmara         | Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.                                              |
| 2              | Nísia Floresta        | Henrique Castriciano     | Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-<br>negildo de Araújo.                         |
| 3              | Cons. Brito Guerra    | Otto Guerra              | José de Anchieta Ferreira, Daladier<br>Pessoa Cunha Lima.                                                   |
| 4              | Lourival Açucena      | Virgílio Trindade        | Enélio Lima Petrovich, Agnelo<br>Alves, Cassiano Arruda Câmara.                                             |
| 5              | Moreira Brandão       | Edgar Barbosa            | Ascendino de Almeida, Manoel<br>Onofre Jr.                                                                  |
| 6              | Luís Carlos Wanderley | Carolina Wanderley       | Gumercindo Saraiva, João Batista<br>Pinheiro Cabral.                                                        |
| 7              | Ferreira Nobre        | Antônio Soares           | Mariano Coelho, Nestor dos San-<br>tos Lima, Luiz Alberto G. de Faria                                       |
| 8              | Isabel Gondim         | Matias Maciel            | Walter Wanderley, Nilson Patriota,<br>Nelson Patriota                                                       |
| 9              | Almino Afonso         | Nestor Lima              | Cristóvão Dantas, Humberto<br>Dantas, Peregrino Junior, Dorian<br>Gray Caldas, Roberto Lima.                |
| 10             | Elias Souto           | Bruno Pereira            | Paulo Macêdo                                                                                                |
| 11             | Padre João Maria      | Januário Cicco           | Onofre Lopes da Silva, Miguel<br>Seabra Fagundes, Fagundes de<br>Menezes, Paulo de Tarso Correia<br>de Melo |
| 12             | Amaro Cavalcante      | Juvenal Lamartine        | Veríssimo de Melo, Oswaldo<br>Lamartine de Faria, Paulo Bezerra,<br>Clauder Arcanjo.                        |
| 13             | Luís Fernandes        | Luís da Câmara Cascudo   | Oriano de Almeida, Anna Maria<br>Cascudo Barreto. Eulália Duarte<br>Barros.                                 |
| 14             | Joaquim Fagundes      | Antônio Fagundes         | Raul Fernandes, Armando Ne-<br>greiros.                                                                     |

|    |                        |                                  |                                                                                                |
|----|------------------------|----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 15 | Pedro Velho            | Sebastião Fernandes              | Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira. |
| 16 | Segundo Wanderley      | Francisco Palma                  | Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes (vaga).        |
| 17 | Ribeiro Dantas         | Dioclécio Duarte                 | Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.                                                         |
| 18 | Augusto Severo         | Waldemar de Almeida              | D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.                                                      |
| 19 | Ferreira Itajubá       | Clementino Câmara                | Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.                                                               |
| 20 | Auta de Souza          | Palmira Wanderley                | Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.     |
| 21 | Antônio Marinho        | Florianio Cavalcanti             | Luiz Rabelo, Valério Mesquita.                                                                 |
| 22 | Côn. Leão Fernandes    | Côn, Luís Monte                  | D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.              |
| 23 | Antônio Glicério       | Bezerra Júnior                   | Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo                                        |
| 24 | Gothardo Neto          | Francisco Ivo Cavalcante         | Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.            |
| 25 | Ponciano Barbosa       | Aderbal de França                | Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.                                                   |
| 26 | Manoel Dantas          | José Augusto Bezerra de Medeiros | Diógenes da Cunha Lima                                                                         |
| 27 | Aurélio Pinheiro       | Américo de Oliveira Costa        | Vicente Serejo                                                                                 |
| 28 | Padre João Manoel      | Paulo Viveiros                   | Jurandyr Navarro                                                                               |
| 29 | Armando Seabra         | Esmeraldo Siqueira               | Itamar de Souza                                                                                |
| 30 | Mons. Augusto Franklin | Manoel Rodrigues de Melo         | Aluísio Azevedo, Diva Cunha.                                                                   |
| 31 | Padre Brito Guerra     | José Melquiades                  | Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.                                                    |
| 32 | Francisco Fausto       | Tércio Rosado                    | João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.                                          |
| 33 | Tonheca Dantas         | Oswaldo de Souza                 | Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.                                           |
| 34 | José da Penha          | Alvamar Furtado                  | Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho (eleito).                                                  |
| 35 | Juvenal Antunes        | Edinor Avelino                   | Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga. (eleito)                                      |
| 36 | Benício Filho          | João Medeiros Filho              | Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.                                                 |

|    |                   |                           |                                                               |
|----|-------------------|---------------------------|---------------------------------------------------------------|
| 37 | Jorge Fernandes   | Newton Navarro            | Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.                      |
| 38 | Luís Antônio      | José Tavares              | Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes. |
| 39 | Damasceno Bezerra | Raimundo Nonato Fernandes | Marcelo Navarro Ribeiro Dantas                                |
| 40 | Afonso Bezerra    | Sanderson Negreiros       | Geraldo Queiroz                                               |



Este livro foi composto em  
Adobe Garamond Pro  
e impresso em cartão  
Duo Design 250g./m<sup>2</sup>. (capa)  
e Pólen Bold 90g./m<sup>2</sup>. (miolo)  
pela Offset Gráfica, Natal/RN,  
em dezembro de 2019

[www.offsetgrafica.com.br](http://www.offsetgrafica.com.br)